

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO



Bernardo Penteado de Sousa Martins

REFERÊNCIAS RELIGIOSAS NA OBRA DE BERT HELLINGER:
AS INFLUÊNCIAS DO CRISTIANISMO, DO TAOISMO E DA CULTURA ZULU
NA CONSTELAÇÃO FAMILIAR

Mestrado em Ciência da Religião

São Paulo
2022



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Bernardo Penteado de Sousa Martins

REFERÊNCIAS RELIGIOSAS NA OBRA DE BERT HELLINGER:
AS INFLUÊNCIAS DO CRISTIANISMO, DO TAOISMO E DA CULTURA ZULU
NA CONSTELAÇÃO FAMILIAR

Mestrado em Ciência da Religião

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO, sob a orientação do Professor Doutor Everton de Oliveira Maraldi.

São Paulo
2022

M386r de Sousa Martins, Bernardo Penteados Referências
Religiosas na Obra de Bert Hellinger: As influências do
Cristianismo, do Taoismo e da Cultura Zulu na
Constelação Familiar. / Bernardo Penteados de Sousa
Martins. -- São Paulo: [s.n.], 2022. 109p. il.; 30cm.
Orientador: Everton de Oliveira Maraldi. Dissertação
(Mestrado) -- Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo, Programa de Estudos Pós-graduados em Ciência
da Religião. 1. Bert Hellinger. 2. Constelação Familiar. 3.
Cultura Zulu. 4. Taoismo. I. Maraldi, Everton de Oliveira.
II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da
Religião. III. Título

Bernardo Penteado de Sousa Martins

REFERÊNCIAS RELIGIOSAS NA OBRA DE BERT HELLINGER:
AS INFLUÊNCIAS DO CRISTIANISMO, DO TAOISMO E DA CULTURA ZULU
NA CONSTELAÇÃO FAMILIAR

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO, área de concentração Estudos Empíricos da Religião.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Everton de Oliveira Maraldi – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof. Dr. Frank Usarski - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof. Dr. Jeverson Rogério Costa Reichow – Universidade do Extremo Sul
Catarinense

Dedico esse trabalho a Deus, aos meus ancestrais e à minha família.

Gratidão, acima de tudo pela vida, aos meus queridos e amados pais: Paulo Roberto de Sousa Martins (*in memoriam*) e Léa Ceres Viana Penteado.

Sem o amor, a força e toda a sabedoria que recebi de vocês, estar aqui seria impossível. Amo vocês.

À minha querida e amada esposa, Aline Cavalcante, que, sempre ao meu lado, me faz levar a vida adiante. É também por seu amor e companheirismo que chegar até aqui foi possível.

E a todos os amigos que, direta e indiretamente, somaram e somam à minha vida. Minha gratidão.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 88887.517052/2020-00.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Finance Code 88887.517052/2020-00.

AGRADECIMENTO

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa que viabilizou a realização deste trabalho, e à Fundação São Paulo, mantenedora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pela bolsa, fundamental para que esse trabalho pudesse ser realizado.

Aos coordenadores, Prof. Dr. Edin Sued Abumanssur e Prof. Dr. Wagner Lopes Sanchez, pelo suporte durante todo o curso.

À Andreia Bisuli, assistente da coordenação, por sua dedicada atenção.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Everton de Oliveira Maraldi, pela paciente e sempre generosa dedicação nesta jornada. Ter o suporte de um orientador que, além de muito competente é também um excelente psicólogo foi, com a licença do termo emprestado da Teologia, uma benção.

Ao Prof. Dr. Frank Usarski, desde a elaboração do projeto, passando pela qualificação e até a defesa! Nada como um sábio alemão especialista em Religiões Orientais que, como eu, ama a Bahia, para ajudar a entender Bert Hellinger: um padre alemão que se apaixonou pelas tradições zulu e taoista.

Ao Prof. Dr. Jeverson Rogério Costa Reichow pelos excelentes e assertivos comentários durante a qualificação e a defesa. A todos os colegas da PUC-SP, pelo enriquecedor e amistoso convívio durante as aulas.

A todos os professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião da PUC-SP: Eduardo Rodrigues da Cruz, Ênio José da Costa Brito, Fernando Torres-Londoño, João Décio Passos, Maria José Fontelas Rosado Nunes, Silas Guerriero, Suzana Ramos Coutinho, Wagner Lopes Sanchez, Patrícia Rodrigues de Souza e Fábio Leandro Stern.

Na Constelação Familiar, também são muitos os mestres a agradecer. Em primeiro lugar: Bert Hellinger. Estudar sua obra e viver suas Constelações Familiares na prática ampliaram não apenas o meu olhar, como também o meu conhecimento. *Vielen Dank!* Gratidão aos facilitadores de Constelação Familiar com quem, independente do tempo, convivi e aprendi nestes últimos cinco anos: Tamara Thomaz, Renato Shaan Bertate, Mimansa Erica Farny, Claudia Boatti, Norton Freire, Isabela Oliveira, Maria Gorjão, Décio Fábio de Oliveira Júnior, Anna Wagner e Sophie Hellinger, esposa de Bert Hellinger e sua fiel herdeira neste legado.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo relacionar a Constelação Familiar, filosofia de vida aplicada com efeitos terapêuticos, com os referenciais religiosos de seu criador, Bert Hellinger, padre alemão (1925-2019) que trabalhou como missionário por 16 anos na África do Sul e que, em seus últimos cinquenta anos de vida, se dedicou ao aprendizado de diversas formas de terapias até criar sua abordagem própria (*Familienstellen*). Todavia, o escopo do estudo nesta pesquisa não foi o terapêutico, mas o de correlacionar sua obra com temas da Ciência da Religião. Desta forma, buscamos as origens religiosas que fundamentaram as ordens (ou leis) que sustentam a filosofia proposta por Hellinger, incluindo-se referências cristãs (de sua formação como padre), zulus (de sua experiência como missionário na África do Sul), taoistas (de suas leituras de Lao-Tzu) e, de forma secundária, as psicológicas (de seus estudos de teorias e práticas psicológicas e das relações destas com as terapias holísticas), as quais ajudaram a delinear um caminho terapêutico e uma visão de mundo que nos remetem, em seus aspectos fundamentais, ao *ethos* da Nova Era. Para tal, esse trabalho se sustentou numa combinação de revisão bibliográfica com pesquisa autoetnográfica. Foram encontrados paralelos na Constelação Familiar e na obra de Bert Hellinger não apenas com os referenciais religiosos citados, como também outros possíveis desdobramentos aderentes ao campo da Ciência da Religião, como: a meditação pelo Cosmic Power®, método criado por sua esposa Sophie Hellinger; e o Xamanismo, pela amizade e possível influência do xamã Tata Cachora. A ausência de estudos sobre o tema e a necessidade de maiores investigações, bem como a eventual relevância do fenômeno Constelação Familiar para se pensar o estudo da religiosidade na contemporaneidade, foram fatores que nos levaram a desenvolver esta dissertação.

Palavras-chave: Bert Hellinger, Constelação Familiar, religião, Cristianismo, Taoismo, cultura zulu, *ethos* Nova Era, terapias holísticas, Ciência da Religião.

ABSTRACT

This investigation examined the religious influences in Bert Hellinger's work, a German priest (1925-2019) and founder of Family Constellation, a philosophy of life and therapeutic system. Hellinger worked as a missionary for 16 years in South Africa and, in the last fifty years of his life, he dedicated himself to learning different forms of therapies and creating his own therapeutic approach (Familienstellen). However, our focus in this study was not therapeutic; the scope was to understand his work through the lens of Religious Studies. In this way, we examined the religious influences behind the orders (or laws) that comprise Hellinger's philosophy including Christian references (from his training as a priest), Zulu culture (from his experience as a missionary in South Africa), Taoist influences (from his readings of Lao-Tzu) and psychological influences (from his studies of psychological theories and practices and their relationship with holistic therapies). All these traditions and practices helped Hellinger to outline a therapeutic path and a worldview that points, in its fundamental aspects, to a New Age ethos. To fulfil this goal, this work combined literature review and autoethnographic research. Parallels were found in Family Constellation and in the work of Bert Hellinger, not only with the aforementioned religious references but also with other practices and traditions such as Cosmic Power meditation, a method created by his wife Sophie Hellinger, and shamanism, due to the friendship and possible influence of the shaman Tata Cachora on Hellinger's later ideas. The absence of studies on the subject and the need for further investigations, as well as the possible relevance of the Family Constellation phenomenon to the study of religiosity in the contemporary world, were factors that inspired us to develop this study.

Keywords: religion, Christianity, Taoism, Zulu culture, New Age ethos, holistic therapies, Religion Science.

SUMÁRIO

SUMÁRIO	10
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1: BERT HELLINGER CRISTÃO	23
1.1 Bert Hellinger: do nascimento à Segunda Guerra Mundial	23
1.2 Entre a guerra e o sacerdócio	24
1.3 Reflexões sobre Jesus	26
1.4 O celibato como análogo à crucificação	27
1.4.1 Demanda de sacrifício que se exige de um cristão	27
1.5 Judeus versus cristãos	28
1.5.1 Uma filosofia sobre conciliação	29
1.6 A conversa essencial, o risco e a experiência	30
1.7 Dos caminhos espirituais à terra	32
1.8 Consequências psicológicas das imagens criadas nas representações religiosas	32
1.9 O pecado original de Adão e Eva e o medo perante Deus	33
1.10 Pensamentos sobre Deus: o amor de Deus, devoção ao divino e os deuses	35
1.11 Outro Deus, a Unidade e a dúvida de Nietzsche: “Deus está morto?”	37
1.12 A religião, a fé e a Igreja	39
CAPÍTULO 2: BERT HELLINGER ZULU E TAOISTA	43
2.1 A Ordem de Missionário de Mariannhill	43
2.2 Missionário na África do Sul	45
2.3 Ancestrais nas religiões africanas	47
2.4 O masculino e o feminino na ancestralidade	47
2.5 Distorção cristã: honrar ancestrais não é adoração	48
2.6 O grupo familiar de Bert Hellinger	50
2.7 Os laços do grupo familiar nas Constelações Familiares	51
2.8 O direito ao pertencimento	51
2.9 Como desprender-se dos mortos? Luto e gratidão	52
2.10 Despedindo-nos dos mortos em relação aos quais sentimos culpa	53
2.11 Saída da África do Sul e da Ordem dos Missionários de Mariannhill	54
2.12 Sobre a religião em concordância com o mundo e o Taoismo	57
2.13 Tao Te Ching	58

2.13.1 Os conceitos de <i>Wuji</i> , <i>Ziran</i> e <i>Wuwei</i>	61
2.13.2 O equilíbrio Yin/Yang	64
2.14 O equilíbrio segundo Bert Hellinger	65
CAPÍTULO 3: BERT HELLINGER TERAPEUTA	67
3.1 Saindo do mosteiro para os braços de uma ex-freira	67
3.2 O Círculo Vienense de Psicologia Profunda, de Igor A. Caruso (1914-1981)	69
3.3 Terapia Primal de Arthur Janov (1924-2017)	70
3.4 A Análise Transacional e a Teoria do Script de Eric Berne (1910-1970)	72
3.5 A terapia provocativa de Frank Farelly (1931-2013) e a Terapia do abraço de Jirina Prekop (1929-2020)	74
3.6 A hipnoterapia de Milton H. Erickson (1901-1980)	75
3.7 O psicodrama de Jacob Levy Moreno (1889–1974)	77
3.8 Virgínia Satir e a escultura familiar (1916–1988)	77
3.9 Ivan Boszormenyi-Nagy e a Terapia Contextual (1920–2007)	79
3.10 Bert Hellinger e a Constelação Familiar	80
3.11 Constelação Familiar: da origem do nome à entrada no SUS	81
3.12 O caminho científico versus o caminho fenomenológico	84
3.13 A Postura do Constelador Familiar	85
3.14 “A Simetria Oculta do Amor” e a origem das “Ordens do Amor”	87
3.15 Ordens da Ajuda	88
3.16 A cura, a alma coletiva e os campos morfogenéticos de Rupert Sheldrake	91
DISCUSSÃO GERAL	94
CONCLUSÃO	100
REFERÊNCIAS	107

INTRODUÇÃO

Há diversas definições de “Constelação Familiar”, de Bert Hellinger. Todavia, para fins deste trabalho, a mais adequada talvez seja a encontrada no próprio site da Hellinger Schule (Escola Hellinger), criada por Bert Hellinger (1925-2019) e Sophie, sua esposa:

Bert Hellinger é o fundador da Constelação Familiar (Familienstellen). Ele começou sua pesquisa sobre o fenômeno da representação em 1978 e descobriu as ordens básicas da vida, que ele chamou de “Ordens do Amor”. Estas ordens formam a base da Constelação Familiar [...]. A nova Constelação Familiar Original Hellinger (Familienstellen) é um procedimento de representação gráfica que as pessoas são colocadas no espaço representando membros de uma família, uma empresa ou um produto, a fim de fazer uma leitura de uma dinâmica a partir dessas pessoas relacionadas. A Constelação Familiar serve para que a pessoa possa desvendar os antecedentes de fracasso, doença, desorientação, vícios, agressão, desejo de morte e muito mais. A Constelação Familiar é útil onde as decisões são necessárias, ou seja, onde há uma necessidade urgente de agir. (HELLINGER SCIENCIA GMBH & CO. KG, 2020)

A relação de Hellinger com a religião é antiga. Ele frequentou o seminário católico de Würzburg (Alemanha) e, em 1952, foi ordenado sacerdote. Logo depois, foi enviado para a abadia do Centro Missionário de Mariannhill, na África do Sul, onde, como teólogo e pedagogo, teve um intenso convívio com os KwaZulu-Natal – que pertencem à etnia africana dos bantos, maior grupo étnico daquela região africana.

Antes de sair da Ordem de Missionários, em 1970, Hellinger estudou profundamente o Cristianismo. Sobre o tema, publicou ao menos dois livros de cunho teológico: “As Igrejas e o Seu Deus” e “Pensamentos Sobre Deus”. Também foi influenciado por mais de uma década e meia de intenso convívio com a cultura e a religiosidade do povo zulu da província KwaZulu-Natal, a ponto de aprender com fluência seu idioma (HELLINGER, 2020).

Depois de deixar o hábito religioso, estudou psicanálise, terapia primal, análise transacional e vários processos de hipnose terapêutica. Criou, então, sua própria abordagem, denominada Constelação Familiar, uma filosofia aplicada baseada na fenomenologia.

As Constelações Familiares baseiam-se, primordialmente, nas três “Ordens do Amor”, um tripé de “Leis” percebidas por Bert Hellinger que fundamentam todo seu escopo teórico e fenomenológico. Em um breve resumo, são elas:

- a. Ordem do Pertencimento: todos têm o igual direito de pertencer. Todos que fazem parte de um sistema familiar jamais podem ser excluídos ou deixar de a ele pertencer.
- b. Ordem do Equilíbrio: entre pais e filhos, mestres e alunos, relações de trabalho, amizade e casais, entre outros. Há, sempre, uma justa medida entre o “dar” e o “receber”.
- c. Ordem da Hierarquia: os mais antigos vêm primeiro. Quem veio primeiro tem prioridade sobre quem veio depois. Exemplos: pais têm prioridade sobre os filhos, mestres sobre alunos e, assim, sucessivamente.

Segundo as três “Ordens do Amor” de Bert Hellinger, praticamente todos os problemas em um sistema advêm de se ignorar e/ou desrespeitar uma ou mais dessas ordens ou leis. Elas parecem simples, porém, quando investigadas, mostram permear, historicamente, os conflitos humanos.

Apesar de a Constelação Familiar de Bert Hellinger ter sido apresentada há mais de quatro décadas como uma filosofia aplicada baseada nas três “Ordens do Amor”, nenhum estudo – ao menos, que tenhamos conhecimento em nossa pesquisa sobre o tema – buscou identificar, de forma sistemática, suas influências religiosas e o impacto da espiritualidade da chamada “Nova Era” em sua conceituação e prática.

Sabe-se que Hellinger sintetizou em seu trabalho sobre as Constelações Familiares elementos advindos de fontes diversas de inspiração, incluindo sua formação religiosa cristã e sua incursão pela religiosidade africana, em específico a da província dos KwaZulu-Natal, com quem viveu por 16 anos. Um indicativo da influência da religiosidade zulu pode ser encontrado neste artigo de D. B. Cohen, estudioso de sua obra:

A tarefa de Hellinger como missionário entre os zulus podem ser vista como a do caçador que é capturado pela caça. Ao invés de converter os zulus com a promessa de salvação do Cristianismo, Hellinger acaba convertido à visão deles sobre a interdependência entre vivos e mortos. Em sua tradição cultural, os zulus vivem e agem em um mundo

religioso no qual os ancestrais são o ponto focal (COHEN, 2006, p. 228, tradução minha)¹.

Há numerosos livros (“Conflito e Paz: Uma Resposta”; “Ordens da Ajuda”; “O Amor do Espírito”, entre outros), dissertações de mestrado (COHEN, 2004; BASSOI, 2016) e teses de doutorado (COHEN, 2008; FRANKE-BRYSON, 2003) sobre a Constelação Familiar de Bert Hellinger. A maioria, porém, trata prioritariamente dos contextos terapêuticos de sua filosofia que, hoje, se expande também para o universo da Pedagogia (Pedagogia sistêmica), do Direito (Direito sistêmico) e do mundo dos negócios (constelações organizacionais).

Em nossa pesquisa, o escopo do estudo é outro: buscar as origens religiosas que fundamentaram o tripé de ordens ou leis que sustentam a filosofia proposta por Hellinger. E, a partir disso, compreender como, a partir da combinação de referências cristãs (de sua formação como padre), zulus (de sua experiência como missionário na África do Sul), taoistas (de suas leituras de Lao-Tzu) e psicológicas (de seus estudos de teorias e práticas psicológicas), ele deu origem a um caminho terapêutico e a uma visão de mundo que nos remetem, em seus aspectos fundamentais, ao ethos da Nova Era.

A ausência de estudos sobre o tema e a necessidade de maiores investigações, bem como a eventual relevância do fenômeno Constelação Familiar para se pensar o estudo da religiosidade na contemporaneidade, foram fatores que nos levaram a desenvolver esta dissertação.

A discussão sobre o estudo das origens, definições e institucionalização da Constelação Familiar pode ser importante para se pensar o lugar desta prática na sociedade brasileira, haja vista que ela é reconhecida como terapia complementar/alternativa pelo SUS e atrai um número crescente de seguidores; é, portanto, um fenômeno de implicações sociais relevantes.

A proposta deste trabalho é correlacionar a formação cristã, a religiosidade do povo zulu da província de KwaZulu-Natal na África do Sul e os

¹ Hellinger’s assignment as a missionary to the Zulus can be viewed as the hunter being captured by the game. Rather than converting Zulus to Christianity’s promise of salvation, Hellinger became a convert to their views of the interdependence between the living and the dead. In their traditional culture, the Zulus live and act in a religious world in which their ancestors are the central focal point.

estudos de Bert Hellinger sobre o criador do Taoismo, Lao-Tzu, na estruturação não só das três “Ordens do Amor”, como também na da Constelação Familiar.

A teoria das Constelação Familiar de Bert Hellinger será analisada a partir dos livros: “Constelações Familiares – O Reconhecimento das Ordens do Amor”; “Um Lugar para os Excluídos”; “Religião, Psicoterapia e Aconselhamento Espiritual”; “Meu Trabalho, Minha Vida”, “O Amor do Espírito”, “As Igrejas e o Seu Deus” e “A Cura”. E, também, por meio da vivência autoetnográfica do autor em sua formação em Constelação Familiar Sistêmica, a qual permitirá trazer para a discussão exemplos de situações e experiências registradas no contexto da Constelação Familiar e que podem ilustrar os conceitos trabalhados a partir da revisão bibliográfica.

Influências novaeristas na obra de Bert Hellinger, mais especificamente em seu trabalho sobre as “Ordens do Amor” – a partir de uma análise da síntese de elementos cristãos, africanos, taoistas e psicológicos com que constrói suas concepções sobre Constelação Familiar segundo uma lógica própria da Nova Era –, também serão levados em conta nesta dissertação.

Quais as referências religiosas no trabalho de Hellinger e como elas podem auxiliar a compreender sua filosofia e prática terapêutica da Constelação Familiar, sobretudo suas ideias a respeito das “Ordens do Amor”? O que essas referências, uma vez constatadas, nos dizem sobre o papel da Constelação Familiar no *ethos* Nova Era e nas discussões da Ciência da Religião acerca desta temática? Por fim, o que essas discussões podem nos dizer sobre os limites entre terapia e religião no contexto contemporâneo?

Bert Hellinger, na criação de sua Constelação Familiar, fundiu ao menos três referências religiosas: 1) trouxe seu vasto conhecimento sobre o Cristianismo para o contexto da Constelação Familiar; 2) uniu este conhecimento cristão à apropriação e uso terapêutico da cultura da ancestralidade zulu; e 3) incluiu na configuração elementos do pensamento taoista, criando, desta forma, um sistema de terapia e aconselhamento espiritual cuja base estrutural religiosa é tão ou mais importante que as referências terapêuticas que a influenciaram.

Defende-se que, para chegar em seu sistema complexo de pensamento e prática terapêutica, Bert Hellinger se valeu de diversos referenciais. A começar por seu estudo de abordagens psicológicas holísticas baseadas em grupos de encontro e formas mais corporais e menos verbais de terapia, que, entre as

décadas de 1960 e 1970, sofriam a influência da contracultura e do movimento Nova Era que começava a emergir. Chegando, enfim, aos referenciais religiosos cristãos, africanos e taoistas, que foram combinados para gerar uma filosofia que, em muitos dos seus elementos, parece ter sido moldada segundo a lógica de um hibridismo próprio do *ethos* Nova Era.

É importante situar nosso uso, neste trabalho, de “Nova Era”. Trata-se de um termo técnico que ganhou força nos anos 1980 em substituição à expressão “Era de Aquário”, em voga desde os anos 1960. É uma expressão que, como observam GUERRIERO et al. (2016, p. 12), esbarra na complexidade e na fluidez do que está sendo conceituado – e isto porque abrange variantes cronológicas e locais, com características próprias em diferentes cenários. Por essa lógica, a *New Age* seria diferente da Nova Era ou da *Nouvel-Âge*, por exemplo.

Para efeitos instrumentais, porém, conceituamos “Nova Era” a partir do conceito de “Nova Era em sentido amplo”, de Hanegraaff. Como explicam Guerriero et al.:

Esse outro lado da Nova Era foi um movimento maior, que se iniciou quando, no final dos anos 1970, um crescente número de pessoas começou a perceber uma similaridade entre uma variedade de ideias e procuras alternativas, e as imaginaram como partes de um movimento. A Nova Era em sentido amplo teve uma influência norte-americana comparativamente maior através da contracultura californiana. As tradições americanas de uma nova metafísica, principalmente a partir do Movimento Novo Pensamento, adquiriram um peso superior no interior do movimento em relação ao Esoterismo anteriormente cultuado. Aos poucos, foram surgindo outros movimentos contraculturais, não mais ligados especificamente à ideia da vinda da Era de Aquário, mas buscando modos de vida alternativos. (GUERRIERO et al., 2016, p. 13).

Estudo bibliográfico. Sobreposição do conteúdo religioso de Bert Hellinger por meio dos sete livros que compõem o objeto material da dissertação, relacionando estes livros com uma tese e um artigo científico sobre os zulus e as religiões africanas e, também, com livros sobre Taoismo.

Em relação à temática da Nova Era, tomaremos como base o trabalho de Wouter J. Hanegraaff (1998) e contribuições de autores brasileiros da Ciência da Religião, em particular os trabalhos de Guerriero et al. (2016) e de Guerriero e Stern (2020). A leitura é feita para verificar o impacto das referências religiosas

e da literatura a respeito da Nova Era em relação aos sete livros de Hellinger, principalmente no que se refere às três “Ordens do Amor” que alicerçam seu arcabouço filosófico: a Ordem da Hierarquia, a Ordem do Equilíbrio e a Ordem do Pertencimento.

Adicionalmente, a revisão e análise da literatura será também informada pela participação pessoal do autor em diversos grupos de Constelação Familiar desde 2017, além de uma formação como facilitador em Constelação Familiar iniciada em 2020 e concluída em 2021. Tais experiências contribuíram de forma efetiva ao trabalho por meio do relato autoetnográfico (SANTOS, 2017) de vivências e exemplos teóricos das Constelações Familiares em diálogo com o material bibliográfico coligido.

Em relação ao referencial teórico, de modo a avaliar a relação entre as Constelações Familiares e o *Ethos* da Nova Era, as análises se sustentarão na lista de componentes constitutivos da Nova Era levantados por Guerriero et al. (2016), estabelecendo analogias entre este *ethos* da Nova Era e elementos do trabalho de Bert Hellinger nas Constelações Familiares, mais especificamente nas suas “Ordens do Amor”. Vale salientar que Guerriero et al. (2016) desenvolveram a classificação desses elementos constitutivos a partir de uma revisão da literatura relevante sobre o *ethos* Nova Era, incluindo alguns dos principais autores da área, como Wouter J. Hanegraaff e Paul Heelas (2008).

Justificativa Pessoal. Em 1991, o autor ingressou na faculdade de Jornalismo e, desde sua formação em 1994, passou a trabalhar como assessor de imprensa, redator publicitário e, desde 2004, trabalha como autor-roteirista para televisão. Em 1991, o termo “metaverso” ainda não existia. Passou a existir somente em 1992, com a publicação do livro “*Snow Crash*” de Neal Stephenson. Na obra, o personagem Hiro Protagonist é um entregador de pizzas na vida real, mas, no mundo virtual, é um príncipe samurai. Stephenson denominou essa realidade digital de metaverso e, desde então, o termo se expandiu e virou moda.

Pegando este conceito como metáfora – já que, ao contrário do metaverso de Stephenson, nenhuma das realidades que serão expostas aqui é virtual, pois são todas reais –, o autor sempre viveu universos paralelos aos de jornalista e roteirista. Em 1994, recém-formado, cursou por um ano uma pós-graduação em

Música em Los Angeles, nos EUA, e ao retornar ao Brasil, formou a banda de rock “Os Anjos”, com quem compôs, gravou e tocou até 2004.

Em um outro universo paralelo, a busca do autor por conhecimento em áreas semelhantes às da Constelação Familiar começou em 1990, quando acompanhou de perto o início do que viria a se tornar o segmento de *coaching* e autoajuda no Brasil. O médico Lair Ribeiro, cardiologista brasileiro, havia retornado dos Estados Unidos com conhecimentos sobre Programação Neurolinguística (PNL) e seus cursos começavam a se destacar, atraindo, inclusive, artistas de renome. Como a família do autor e a de Lair Ribeiro iniciaram uma amizade naquela época, o autor teve a oportunidade de participar de praticamente todos os seus cursos.

Anos depois, sua primeira relação com o assunto aconteceu fora de um contexto clássico de Constelação Familiar. Em janeiro de 2011, durante um curso de formação em Programação Neurolinguística no Rio de Janeiro, teve o primeiro contato com esse campo. No nono e último dia de atividades, a professora responsável perguntou qual dos alunos estava disposto a participar do exercício que encerraria o curso. Como o autor e outros dois alunos se candidataram para o mesmo exercício, a professora propôs uma solução diferente para decidir qual dos três faria o exercício. Cada um deveria eleger um representante e colocá-lo “em campo”. E assim foi feito.

Em seguida, foi explicado que esses representantes deveriam atravessar a sala; aquele que conseguisse chegar primeiro ao outro lado do recinto daria ao seu representado o direito de fazer o exercício final.

Fato é que, pela lógica, três pessoas adultas e saudáveis não demorariam mais do que poucos segundos para atravessar uma distância que não passava de dez metros. Porém, não foi isso o que aconteceu: os três representantes não agiam como se movessem por vontade própria. Também não parecia haver objetivo ou domínio sobre suas ações. Seus corpos pendiam de forma anárquica: ora se mexiam como doidos, ora paravam sem nexos e, em dado momento, um dos três representantes até “desistiu da prova” e se deitou, como morto, no chão.

Após quase dez minutos, o representante do autor conseguiu atravessar uma simbólica linha de chegada, transformando-o no “vencedor” da corrida. Essa era uma decisão “do campo”. Dessa forma, o autor foi o eleito para o exercício final do curso.

Aquela era uma formação em Programação Neurolinguística e não um curso de Constelação Familiar. Mas, como desde aquela época as Constelações Familiares já faziam parte deste mesmo escopo de terapias breves – inclusive, pelo fato de Bert Hellinger também ter estudado Programação Neurolinguística e as obras dos autores que inspiraram Richard Bandler e John Grinder, seus criadores² –, não se tratava, exatamente, de algo novo ou dissonante. Era parte, sim, do sistema de bricolagem que caracteriza o universo das novas terapias.

Três anos depois, em 2014, o autor teve seu primeiro contato “oficial” com a Constelação Familiar dentro de uma pós-graduação em Cuidados Integrativos na UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo). Numa certa aula, além de uma introdução ao trabalho de Bert Hellinger, o autor também participou como representante na constelação familiar de outra aluna, ou seja, foi escolhido para representar um membro de sua família. Mesmo tendo achado muito interessante o processo, ainda não foi daquela vez que o tema o cativou.

Em meados de 2017, o autor encontrou um grupo de Constelação Familiar com o qual se identificou. Nele, passou a participar das constelações de outras pessoas (como representante), constelou questões próprias (como cliente) e, por fim, fez uma formação em Constelação Familiar Sistêmica, entre os anos de 2020 e 2021.

Em paralelo, aproveitou o pouco tempo que lhe restava entre o trabalho e o estudo (os finais de semana) para estar com alguns dos profissionais pioneiros da técnica no Brasil: em 2019, participou de *workshops* com o Dr. Renato Shaan Bertate, primeiro brasileiro a formar Consteladores Familiares no país e docente na Hellinger Schulle Internacional, a escola de Constelação Familiar de Bert Hellinger e sua esposa, Sophie Hellinger.

Em fevereiro de 2020, pouco antes do início da pandemia da Covid-19, com a ideia de fazer um documentário sobre o assunto, teve a oportunidade de filmar um módulo de formação da alemã Mimansa Erica Farny. Com 90 anos em 2022, ela é, provavelmente, a mais antiga consteladora familiar viva do mundo, e uma das responsáveis pelas primeiras vindas de Bert Hellinger ao Brasil.

Após a filmagem, pôde levar o material captado até a casa de Mimansa e passar uma tarde com ela. Discípula, também, do guru indiano Rajneesh

² Estamos falando de Milton H. Erickson, hipnoterapeuta, Fritz Perls, criador da Gestalt Terapia, e Virginia Satir, terapeuta familiar.

Chandra Mohan Jain, o Osho, Mimansa lhe confidenciou: “Bert Hellinger e Osho são muito parecidos!”.

Em 2020 e 2021, com as restrições da pandemia, aproveitou para fazer, também nos finais-de-semana, uma formação *online* em “Movimentos Essenciais”, técnica criada por Claudia Boatti, consteladora familiar da Argentina que trabalhou diretamente com Bert Hellinger por mais de uma década. Nesse período, também teve a oportunidade de cursar diversos *workshops online* com outros expoentes internacionais das Constelações Familiares, como Maria Gorjão (Portugal), Anna Wagner (Rússia) e Sophie Hellinger (Alemanha).

Posto isso, o autor percebeu na interdisciplinaridade – que “caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de interação real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa” (JAPIASSÚ, 1976, p. 74) – da Ciência da Religião o ambiente propício para realizar seu estudo. Além da adequação e da imensa quantidade de recursos que a Ciência da Religião oferece, mais do que qualquer outro curso, para pensar sobre as referências religiosas de Bert Hellinger.

Divisão de Capítulos. Esta dissertação foi dividida em três Capítulos:

Capítulo 1 – Bert Hellinger Cristão (1936 até 1952): este capítulo apresenta os períodos da infância, juventude e início da fase adulta de Bert Hellinger, acompanhando sua história desde sua chegada, aos dez anos de idade (1936), no Aloysianum, seminário e internato dos missionários de Mariannhill. Passa pelo período em que foi obrigado a servir no exército social-nacionalista (1943) até seu posterior retorno da guerra, como noviço, ao mosteiro dos Missionários de Marianhill, em Würzburg, na Alemanha (1946), quando já estava com vinte anos e onde permaneceu até se mudar para a África do Sul (1953). O capítulo aproveita o recorte de tempo de seus primeiros vinte e sete anos para expor boa parte dos textos (críticos ou não) sobre Cristianismo e assuntos afins, como religião, Igreja, fé, Deus, Jesus, celibato e consequências psicológicas das imagens religiosas, entre outros.

O autor aproveita para mostrar a profusão de textos de Bert Hellinger sobre o universo cristão compilados de diversos livros de Constelação Familiar, a fim de indicar o quanto os assuntos religião e terapia convergem tanto na filosofia hellingeriana quanto na Constelação Familiar. Vale ressaltar que o termo

“Bert Hellinger Cristão” é apenas uma licença poética para nomear o Capítulo, uma vez que o mesmo não se tornou cristão/católico apenas em 1936 e nem deixou esta fé em 1953, quando de sua “expansão” para a África do Sul e para as leituras “extra-cristãs”.

Capítulo 2 – Bert Hellinger Zulu e Taoista (1953 até 1969): este capítulo apresenta o período em que Bert Hellinger chega à África do Sul e é enviado à Universidade de Natal, em Pietermaritzburg, capital da província, onde inicia seu estudo de magistério em escolas superiores. No ano de 1953, quando completa 28 de idade, Bert Hellinger passa a conviver bastante com os zulus, a ponto de aprender o idioma e até de compor letras de música em zulu. Nesse trabalho missionário, que, em suas palavras, “consistia menos na conversão de pagãos, como muitas vezes se costuma supor, do que em um ambicioso trabalho cultural” (HELLINGER, 2020, p. 65), passa a testemunhar uma forma de violência distinta da que conhecera na Segunda Guerra Mundial. A violência do Apartheid, regime de separação racial que vigeu na África do Sul entre 1948 e 1994 e que restringiu severamente os direitos da população negra local pela ação repressiva de um poderoso aparato estatal. Foi nesse país dividido e violento que Hellinger permaneceu até o final de 1969, quando voltou à então Alemanha Ocidental.

No segundo Capítulo também são apresentadas influências zulus que permeiam a obra de Bert Hellinger, compiladas tanto de livros de Constelação Familiar quanto de estudos sobre religiões africanas. Também são apresentadas influências taoistas extraídas não apenas das muitas citações que Bert Hellinger faz ao criador do Taoismo, Lao-Tzu, como também na apresentação de elementos presentes na Constelação Familiar que convergem com a visão de mundo taoista. Esse ponto é corroborado, também, por dois livros sobre Taoismo que também são apresentados no Capítulo. Assim como no Capítulo anterior da dissertação, o nome “Bert Hellinger Zulu e Taoista” funciona como uma licença poética, uma vez que ambas as influências filosóficas se mantiveram presentes no trabalho do criador da Constelação Familiar até sua morte, em 2019.

Capítulo 3 – Bert Hellinger Terapeuta (1970 até 2019): o terceiro e último Capítulo desta dissertação apresenta o meio século final da vida de Bert Hellinger, porém de uma forma distinta dos capítulos anteriores. O Capítulo se inicia com sua saída da Ordem dos Missionários de Mariannhill e traz um

panorama geral das diversas terapias que Bert Hellinger estudou até criar sua própria abordagem de Constelação Familiar, trazendo um breve resumo de algumas delas. Elas incluem seu estudo de Psicanálise com o Círculo de Psicologia Profunda de Salzburgo, na Áustria com Igor A. Caruso; a Terapia Primal, de Arthur Janov; a Análise Transacional e a Teoria do Script, de Eric Berne; a Terapia Provocativa, de Frank Farelly; a Terapia do Abraço, de Jirina Prekop; a Hipnoterapia, de Milton H. Erickson; o Psicodrama, de Jacob Levy Moreno; a Escultura Familiar, de Virgínia Satir; e a Terapia Contextual, de Ivan Boszormenyi-Nagy.

Já a segunda parte do Capítulo é totalmente dedicada à apresentação de importantes conceitos da Constelação Familiar. Primeiramente, para distingui-los dos métodos que Hellinger estudara até então: “em contraste com o psicodrama de Jacob Moreno, na Constelação Familiar as situações não são encenadas e nem comportamentos potenciais são enfatizados” (FRANK-BRYSON, 2019, p.133). E para apresentar os principais conceitos de Bert Hellinger, como a postura sistêmica fenomenológica empírica da Constelação Familiar, as Ordens da Ajuda, a Cura, a Alma Coletiva e os Campos Morfogenéticos de Rupert Sheldrake, entre outros.

Vale destacar que, para essa terceira parte do Capítulo, a primeira tese de doutorado produzida sobre Constelação Familiar (FRANK-BRYSON, 2019) foi bastante utilizada. Assim como nos capítulos anteriores, o nome “Bert Hellinger Terapeuta” também é uma licença poética, uma vez que, antes mesmo de 1970, ele já estava envolvido com estudos sobre terapia de grupo (HELLINGER, 2020). Essa dissertação será finalizada com uma sessão de Conclusão em que serão retomados os objetivos e analisados à luz do material discutido ao longo dos capítulos, incluindo-se recomendações para pesquisas futuras.

Discussão Geral e Conclusão – Nestas duas seções é oferecida ao leitor uma síntese dos aspectos discutidos nos Capítulos. Na Discussão Geral, discutem-se as mediações entre a Constelação Familiar, as tradições estudadas e o *ethos* Nova Era. Já na Conclusão são levantados os resultados alcançados neste estudo, suas limitações, além de propostas e sugestões para pesquisas futuras, incluindo-se outras possíveis referências religiosas na obra de Bert Hellinger e nos caminhos da Constelação Familiar hoje.

CAPÍTULO 1: BERT HELLINGER CRISTÃO

1.1 Bert Hellinger: do nascimento à Segunda Guerra Mundial

Esta dissertação também tem como objetivo demonstrar o quanto os elementos constituintes do *ethos* Nova Era também estão presentes na trajetória de Anton “Suitbert” Hellinger, este alemão nascido há quase um século.

O primeiro parágrafo de sua autobiografia, “Bert Hellinger: Meu Trabalho. Minha Vida”, já evidencia a relação do criador das Constelações Familiares com um dos pilares do *ethos* Nova Era: a astrologia.

Nasci em 16 de dezembro de 1925, em uma noite de lua nova, na pacata cidade de Leimen, perto de Heidelberg. Meus pais, Albert e Anna, me deram o nome de Anton. Embora eu não entenda muito de astrologia, parece que ela estava certa em suas previsões – talvez fortuitas – em relação à data de meu nascimento: segundo dizem, quem nasce em noite de lua nova tende a marcar o mundo com seus ideais e sua personalidade. Afinal, dizem que o sagitariano não se submete, permanece sempre o que é, gosta de arrebatá-los com seu entusiasmo, mas também de desafiá-los. Além disso, defende incondicionalmente aquilo que considera verdadeiro e correto. (HELLINGER, 2020, p. 20).

Essa “justificativa astrológica” com que inicia sua autobiografia, escrita na ocasião em que já havia ultrapassado os noventa anos, pode confundir quem não conhece as múltiplas formas como o conceito das espiritualidades se inscreve no *ethos* Nova Era.

Vale observar que, em seus primeiros quarenta e cinco anos de vida, antes de se aprofundar nos estudos de terapias holísticas, Bert Hellinger se dedicara ao Catolicismo e em contraste com os serviços militares prestados ao exército nacional-socialista da Alemanha no contexto da Segunda Guerra Mundial. A resposta pessoal de Hellinger a esse “caldeamento de referências” foi assim descrita por ele:

Ao longo de minha vida, exprimi o que considero verdadeiro e correto. Muitas vezes sendo advertido das consequências com as quais sempre estive disposto a arcar. Não me dispus a me curvar, apenas a obedecer. Quem se curva perde sua grandeza e sua dignidade. Assim, já na juventude, não me curvei ao cruel sistema dos nacional-socialistas e me tornei alvo por ser considerado um potencial inimigo público. No entanto, obedeci às leis da Igreja Católica, pois estavam em sintonia com minha consciência. Quando já não pude obedecê-lhes, renunciei ao sacerdócio contra todas as resistências. (HELLINGER, 2020, pp. 20-21).

O período vivido no exército é, também, um divisor de águas, considerando-se que até a data de sua convocação, aos 17 anos, suas principais lembranças de infância, junto com sua própria família, são relativas ao universo católico.

1.2 Entre a guerra e o sacerdócio

Em 1936, quando tinha dez anos e logo após o fim de seus quatro anos de escola primária, Bert Hellinger foi transferido para o Aloysianum, seminário e internato dos missionários católicos de Mariannhill. Por meio de uma conhecida, sua mãe soube da criação da ordem masculina romano-católica, que se destacava nas missões da África. Ao conhecer o internato, o menino percebeu que aquela seria uma boa preparação para sua ambicionada vocação ao sacerdócio.

A decisão se consumou, finalmente, após o aceite de seu pai, que se propôs a arcar com os custos: “Apesar das dificuldades econômicas dos anos 1930, até 1933 moraram cerca de 150 alunos no Aloysianum. Após a tomada de poder de Hitler, esse número regrediu devido à discriminação em relação às instituições monásticas de ensino” (HELLINGER, 2020, p. 34).

Em 1940, o Aloysianum continuava sendo usado pelos nacional-socialistas e foi transformado em um campo de repatriados alemães do Leste. Já em 1941, o internato contava com 55 alunos e apenas um andar de dormitórios podia ser por eles utilizado. Por fim, naquele mesmo ano os nazistas ordenaram o fechamento do internato e Bert Hellinger voltou a morar com a família, agora na cidade de Kessel, onde seu pai trabalhava em uma fábrica de armamentos. Nesse ínterim, Bert ingressou em um pequeno grupo católico de jovens que, por estar proibido de atuar, era, aparentemente, observado pela Gestapo, a polícia secreta do Terceiro Reich. Os encontros eram clandestinos.

Sua frequência no grupo católico gerava medo em sua mãe, em especial porque membros da Juventude Hitlerista (*Hitlerjugend*, HJ) sempre passavam em sua casa para convidá-lo/convocá-lo a prestar serviço. Porém, Bert raramente estava lá: “a certa altura, minha ausência se transformou em uma

ameaça iminente para minha família. A pedido dos meus pais, a cada quatorze dias passei a tocar violino em uma orquestra da Juventude Hitlerista” (HELLINGER, 2020, p. 41).

Em 1943, ao concluir o sétimo ano do ensino médio, Hellinger e todos os de sua turma foram convocados para o *Reichsarbeitsdienst* (RAD), o Serviço de Trabalho do Reich. Ali, iniciaria um período servindo ao exército social-nacionalista. Seu regresso ao universo religioso só aconteceria três anos depois, após o final da guerra, quando já estava com 20 anos: “No início de 1946, entrei como noviço para o mosteiro dos Missionários de Mariannhill, em Würzburg. Ali também se encontrava o seminário da comunidade. Recebi o nome religioso de Suitbert, que por todo o restante da vida usei na forma abreviada de ‘Bert’” (HELLINGER, 2020, p. 60).

São Suitberto foi um missionário anglo-saxão, monge beneditino e bispo itinerante, que viveu aproximadamente entre 637 e 713, pois as suposições acerca de seu nascimento e morte são divergentes. Depois que chegou à Frísia, em 690, inicialmente pôde registrar bons êxitos missionários na região dos brúcteros, entre Lippe e Ruhr. Em 710, fundou um mosteiro em Kaiserswerth, perto de Düsseldorf, que dirigiu como abade em grande ascese até sua morte. Cem anos mais tarde, foi canonizado pelo papa Leão III. Agradou-me saber que esse santo atuara não longe de Colônia, que por muitos anos foi a cidade onde vivi. Já o fato de ele também ser considerado o padroeiro contra dores de garganta foi irrelevante para mim. (HELLINGER, 2020, p. 60).

Em sua autobiografia, Bert Hellinger explica as razões para ter optado pelos Missionários de Mariannhill. “Talvez eu quisesse - após o horror da guerra e por uma vida na presença constante da morte e perto dela – estabelecer um vínculo com o período que até então tinha sido o mais feliz de minha vida e, de certo modo, afastar de mim e esquecer os anos de pavor. A época mais feliz tinham sido meus anos de internato no Aloysianum, sob a tutela dos padres dos Missionários de Mariannhill” (HELLINGER, 2020, pp. 60-61). Ele conta ainda que sentia uma ligação profunda com eles e que seu desejo de se tornar sacerdote havia se mantido inalterado desde a infância.

Aos 15 anos, já havia tomado a decisão de se tornar padre, muito por influência de seu avô, pois, no período em que vivera em sua casa, o parente ia à missa todos os dias às seis horas da manhã. Bert Hellinger ficava bastante impressionado não apenas por sua devoção, como também pela paz interior que a celebração da eucaristia causava nele e, desde então, criança, pensava como

deveria ser bonito se ele mesmo estivesse no altar causando esse tipo de efeito nos fiéis:

Na casa de meus pais eu me encontrava em terreno religioso. Nesse sentido, minha decisão não foi isenta de influências. Meu pai e, de maneira muito especial, minha mãe, eram fortemente ligados à fé católica. Minha mãe também foi quem me fortaleceu em minha decisão. Antigamente, a vocação ao sacerdócio estava vinculada a uma grande reputação – não apenas para quem se sentisse convocado a dar esse passo, mas também para toda a família, que, assim, se sentia mais próxima de Deus. Ao mesmo tempo, o ingresso de uma criança no sacerdócio era visto como uma espécie de garantia em relação a Deus, para que toda a família fosse protegida. (HELLINGER, 2020, pp. 28-29).

1.3 Reflexões sobre Jesus

Em paralelo aos dados biográficos de sua trajetória como terapeuta e religioso, este trabalho pretende apresentar o pensamento religioso de Bert Hellinger, presente em boa parte de seus livros.

Para o objetivo deste Capítulo, que trata de seu período como sacerdote cristão, trazemos, principalmente, aquilo que Bert versa acerca de temas diretamente ligados à religião, excluindo outros temas que, embora também transpassem a esfera religiosa, possuem um teor mais filosófico ou relacionado às novas espiritualidades que, por esta razão, estarão na discussão geral desta dissertação, onde também estão incluídos elementos do *ethos* Nova Era.

Vale ressaltar também que boa parte das informações sobre a formação religiosa de Bert Hellinger foi publicada em um período em que ele já não exercia mais o sacerdócio. Todavia, não há como precisar quando esses pensamentos surgiram em sua mente, uma vez que, já nonagenário, Bert Hellinger confidenciou à sua aluna Isabela Oliveira: “Desde os meus 25 anos (ou seja, desde 1950) eu conheço essa verdade”.

Jesus distante, já quase irreconhecível por causa dos muitos que se apossaram de ti, eu te saúdo, ao mesmo tempo te recordando e esquecendo. Filho do homem, um dentre nós, que fracassando experimentaste a morte e, diante desta Última, nos ensinaste a ser modestos, impotentes, e justamente assim, totalmente entregue. Suprimiste a diferença entre bons e maus diante de Deus. Não obstante, aqueles que não toleram tua grandeza exilaram-te para o céu distante e fizeram de ti um juiz, para que te vingues dos que convidaste à tua mesa. Quanto mal te fizeram com isso! Em vez de podermos amar aqui, sem excluir nem mesmo a Última, temos que temer-te, como se não tivesses amado também os últimos, como todos os demais, diante de Deus. Por isso quero esquecer como foste

desfigurado e brandido por outros como uma espada, e lembrar como proclamaste todos os homens como igualmente dignos de amor diante de Deus. Assim te tomo em minha alma e te peço que nela me ensines. (HELLINGER, 2015, p. 11).

1.4 O celibato como análogo à crucificação

Bert Hellinger também reflete sobre o período da Sexta-feira Santa até a Ressurreição de Cristo, em que, através de um método de indagações - que se repetirá em diversos trechos de seus escritos sobre religião - expõe suas críticas ao celibato obrigatório da Igreja Católica:

Na Sexta-Feira Santa comemoramos a crucificação de Jesus, sua morte terrível, suspenso entre o céu e a terra. Ele morreu no meio de dois criminosos que partilharam esse destino com ele. O Deus Jesus estava mais próximo de algum deles? Estava simultaneamente próximo e distante deles? Ocorreu ali um espetáculo sangrento entre o céu e a terra? Ou ele aconteceu apenas no nível da terra, e somente entre pessoas que invocavam, de maneira semelhante, o mesmo Deus, aquele Deus que deveria atestar-lhes, por meio dessa execução, que estava do seu lado? Ou dos que estavam do outro lado, todos eles em nome de Deus? Essas execuções prosseguiram, depois da morte desses crucificados, até o dia de hoje, em nome do mesmo Deus. Prosseguiram também na véspera desta Sexta-Feira Santa, quando o Papa voltou a impor com palavras duras aos padres católicos a obrigação do celibato, continuando assim a crucificá-los? (HELLINGER, 2015, pp. 11-12).

1.4.1 Demanda de sacrifício que se exige de um cristão

Bert Hellinger expande essa analogia entre crucificação e celibato incluindo nesta crucificação simbólica a demanda de sacrifício exigida aos cristãos:

Não se continua a exigir dos cristãos que carreguem sua cruz, junto com Jesus? Contudo, a Sexta-Feira Santa aparece hoje aos adeptos de Jesus apenas como uma preliminar para sua ressurreição no terceiro dia. Jesus ressuscitou de fato? Os relatos nos evangelhos parecem contraditórios, como se tivessem sido acrescentados posteriormente, para retirar o aguilhão da cruz e da Sexta-Feira Santa. Aqueles que continuam a seguir Jesus em sua via-sacra são também estimulados a carregar a cruz, na esperança de que também eles ressuscitarão dos mortos com Jesus. Em torno de que Deus tudo isso gira? (HELLINGER, 2015, p. 12).

Em conversa com alguns experientes facilitadores em Constelação Familiar, percebi que o livro “As Igrejas e o Seu Deus” (de onde a citação acima foi extraída) é, também, um dos mais obscuros da obra hellingeriana. E que, entre esses profissionais, há também um questionamento sobre se, ao ingressar nessa seara religiosa com opiniões tão veementes, talvez Bert Hellinger tenha se exposto demais. Porém, paradoxalmente, segundo esses mesmos consteladores familiares, Bert Hellinger sempre se notabilizou pela sinceridade. Consequentemente, suas críticas às religiões tradicionais culminaram na criação das Constelações Familiares, com críticas pontuais à religião católica, o que embasa o interesse pela Nova Era como escopo para este trabalho.

1.5 Judeus versus cristãos

As religiões exercem um papel fundamental nas relações humanas. São principalmente elas que mantêm juntos os grandes grupos. São para seus seguidores tal como uma família ampliada, na qual todos se sentem pertencentes de modo abrangente, mesmo para além da vida. Elas oferecem proteção e transmitem-lhes esperança, o que lhes permite carregar e suportar mais facilmente os percalços de sua vida. (HELLINGER, 2009, p. 192).

Anos depois, Bert Hellinger, como criador de uma linha filosófica que abrange diversas áreas (terapêutica, pedagógica e até jurídica), percebeu que a solução, muitas vezes, desafia o senso comum. A começar pela forma como é realizada: a prática de uma Constelação Familiar, por ser fenomenológica, não possui uma explicação no estilo “passo a passo” ou “receita de bolo”. Um exemplo disso é trazido no capítulo “Judeus e Alemães” do livro “Conflito e Paz”.

Nesse capítulo, há uma observação preliminar em que Bert Hellinger afirma que há muito tempo vinha se ocupando em buscar uma solução para o conflito entre judeus e cristãos ou/e entre judeus e alemães. Explica que, em muitos dos seminários que realizou na Alemanha e em Israel, buscou entender os pressupostos por trás daquele conflito. Em conferência realizada no Congresso Internacional “Movimentos para a Paz” (Würzburg, Alemanha, 2001), menciona que buscou entender os traços desses conflitos nas almas de judeus, cristãos e, especialmente, entre os alemães:

Na alma dos cristãos e dos judeus, a imagem da escolha de Deus ocupa um lugar central. Os cristãos tomaram dos judeus essa imagem e se denominaram o novo povo eleito. Em decorrência disso, consideraram o povo judeu como abandonado e rejeitado por Deus. A imagem da escolha pressupõe, portanto, que Deus tem predileção por um povo, exalta-o sobre os demais e lhe confere o domínio sobre eles. O que desperta em nossa alma uma tal imagem de Deus? Temos o direito de atribuir isso a Deus? Esse Deus que escolhe e rejeita nos amedronta. E os próprios eleitos precisam temer que a qualquer momento também sejam rejeitados. Tais imagens provêm do fundo da alma: em primeiro lugar, da própria alma; a seguir, dos abismos da alma comum a um grupo maior. Dessa alma comum nascem as imagens de eleição e de rejeição que são projetadas no céu, e lá contempladas e temidas como algo superior a nós, como algo divino. Os que se sentem eleitos se identificam com o deus que escolhe e rejeita, escolhem e rejeitam como ele e assim se tornam temíveis para os outros, que consideram rejeitados. O que acontece, porém, quando outros grupos e outros povos agem de acordo com idênticas imagens internas? O resultado é o que vemos nas guerras entre as religiões. Os grupos que se combatem não se reconhecem a si mesmos nem aos outros como indivíduos. Ambos os lados agem num transe de delírio coletivo. Além disso, os cristãos, em sua alma, creem no mesmo deus dos judeus. (HELLINGER, 2007a, p. 72).

1.5.1 Uma filosofia sobre conciliação

A abordagem conciliatória de Bert Hellinger para esse conflito histórico foi buscar entender a dissidência religiosa entre judeus e cristãos a partir do entendimento de que, na origem das duas religiões, habita a existência de um mesmo Deus. Logo, o que a princípio parece estar separado, no fim, não está:

Voltando à imagem da escolha por Deus, e em oposição a ela, eu gostaria de dizer algo sobre o começo da religião na alma, indagando o que ocorre na alma de cristãos quando se tornam cristãos, ou na alma de judeus quando se tornam judeus. Uma criança, ao nascer, integra-se numa certa família. Tem certos pais, num certo clã, numa certa cultura, num certo povo, numa certa religião. A criança não pode escolher. Quando ela toma a vida tal como a recebe, sem qualquer pergunta, com tudo o que essa vida lhe acarreta nessa família em termos de destino, possibilidades e limites, alegria e sofrimento, essa criança não se abre apenas aos seus pais, a esse determinado povo, a essa determinada cultura, a essa determinada religião. Ela se abre a Deus e àquilo que pressentimos por trás desse nome. Por isso a aceitação da vida dessa maneira especial é um ato religioso, o ato religioso propriamente dito. Portanto, quem nasceu numa família judia não pode nem deve agir de outra maneira a não ser começando seu caminho para Deus de um modo judaico. Esse é para ele o único caminho possível e, portanto, também o único correto. Isso vale para um cristão. Por conseguinte, por mais diferentes que sejam os cristãos e os judeus em suas crenças, eles são iguais no que toca ao ato religioso essencial. Esse ato independe dos conteúdos de sua própria religião; por isso jamais poderá ser abandonado se alguém aderir a uma outra religião. (HELLINGER, 2007a, pp. 74-75).

Um dos pilares do discurso pacificador de Bert Hellinger é justamente o

de colocar que não há credo ou ser humano que seja superior a outro, e que muitas das guerras e conflitos nascem justamente da crença nesta separação, em que se polarizam “melhores” contra “piores”, “rejeitados” contra “escolhidos”, “vítimas” contra “perpetradores”. Segundo ele, esse julgamento que separa o mundo entre “bons” e “maus” leva a uma dinâmica de eterna vingança, na qual aqueles que se consideram ou se julgam vítimas acabam, nesta posição vitimista, se inflando de ira e adquirindo um sentimento de vingança. Com isso, de vítimas passam a se tornar os próximos perpetradores do sistema, num ciclo interminável de vinganças do tipo *vendetta* – “olho por olho, dente por dente”. Ao longo do processo, todos acabam cegos e banguelas.

1.6 A conversa essencial, o risco e a experiência

Como religioso e terapeuta, Bert Hellinger pôde refletir muitas vezes sobre a diferença entre a ajuda religiosa e a ajuda terapêutica. No texto “A conversa essencial”, busca entender os limites da ajuda que pretende dar, tendo na memória seu período e seus limites como missionário cristão. Refletindo sobre essa fase, conclui que pouco espaço restou na vida pública dos grupos oficiais da igreja para o que ele considera ser uma conversa essencial. Um tópico que abrange tanto a experiência pessoal da fé quanto as tentações e dúvidas a respeito dela e as conversas sobre as questões que angustiam o ser humano no que ele considera “a noite do espírito”.

Nesse contexto, Hellinger também abrange as mensagens transformadoras de Jesus em nosso dia a dia, seja na forma como elas orientam e purificam, sejam em seu papel em abrir caminhos para a esperança e a força:

Eu me pergunto: Por que é tão raro na Igreja esse diálogo pessoal? O que me impede de levar a sério minha experiência com a fé, e de manifestá-la na conversa? Quando me confronto com a experiência viva que tive a respeito da fé e reconheço o que essa experiência pessoal exige de mim, o que pode acontecer comigo? (HELLINGER, 2007a, p. 14).

Aqui, reflete sobre os riscos implícitos nessas conversas, ponderando que, dentro da Igreja institucional, a conversa pessoal sobre a fé é sempre arriscada, já que este é um diálogo em que o proponente fica totalmente exposto, colocando em risco, principalmente, sua relação com a Igreja.

Podem exigir de mim que eu a renegue, que abandone meu questionamento e minha busca se não caminharem na direção que me predeterminaram. Como medida extrema, podem me repreender publicamente e me excluir da Igreja visível. Talvez os dirigentes da Igreja não façam uso dessa prerrogativa em casos concretos. Mas nesse caso sempre há outros membros da Igreja que, sob a proteção da autoridade e apelando para ela, se arrogam o direito de julgar a expressão de minha experiência e me intimidam e ameaçam quando ela não se coaduna com a deles. Por essa razão, é difícil encontrar um grupo eclesial em que se escape dessa pressão, e é tão raro encontrarmos na Igreja um diálogo realmente aberto. (HELLINGER, 2007a, p. 15).

Bert prossegue expondo que, dentro da vida eclesiástica, um missionário experimenta um tipo de vulnerabilidade que faz com que outras pessoas passem a se julgar responsáveis por sua relação com Deus:

São pais e pastores, diretores espirituais, professores, juízes e muitos outros que, com uma naturalidade um tanto ingênua, se julgam autorizados a interferir em minha vida em nome de Deus, e a dizer-me autoritariamente quem ele é, o que ele quer e como ele julga. No entanto, não consigo perceber que eles tenham à sua disposição algo mais do que eu. Eles igualmente só podem exhibir a sua experiência pessoal. Entretanto, também para eles, Deus habita numa luz inacessível. (HELLINGER, 2007a, p. 15).

Por fim, salienta que os adeptos da autoridade religiosa não apelam para experiência pessoal, mas para a revelação divina, o dogma e a lei da Igreja. E reflete a forma pela qual esses fatores podem ter sido alcançados:

Se, porém, pesquisamos imparcialmente e nos perguntamos como realmente acontece uma revelação divina, como se chega à proclamação de um dogma e de uma lei divina, e como se origina uma exigência religiosa a outras pessoas, deparamos também, exclusivamente, com experiências pessoais, pois toda revelação divina se manifesta como uma experiência pessoal, que é transmitida a outros. E os dogmas e as leis religiosas são apenas, em sua origem, a interpretação pessoal e a utilização dessa experiência. (HELLINGER, 2007a, pp. 15-16).

Essa é uma questão cuja importância e abrangência poderão ser percebidas nos próximos Capítulos desta dissertação. No desenvolvimento de sua abordagem terapêutica fenomenológica, Bert Hellinger sempre enfatizará a importância crucial do que é experienciado em uma Constelação Familiar:

Se nas questões da fé eu me reporto à minha experiência pessoal, então a experiência decisiva é a minha, não a de outra pessoa. Isso não quer dizer, entretanto, que as experiências religiosas dos outros

não tenham importância para mim. Pelo contrário, elas estimulam, corrigem e enriquecem minhas próprias experiências. Isso, porém, não significa que o outro possa impor-me, sem mais nem menos, a sua própria experiência. Só posso agir com responsabilidade quando me baseio na minha própria experiência. (HELLINGER, 2007a, p. 16).

1.7 Dos caminhos espirituais à terra

Embora alterne críticas e elogios à Bíblia, Bert Hellinger assume que também se orienta por conceitos bíblicos. No texto abaixo estão máximas inspiradas pelos Evangelhos que sempre permeiam suas Constelações Familiares, como a reconciliação com os excluídos, os esquecidos, os desprezados e os desqualificados:

Humildade, ordem, arrependimento, amor, justiça e injustiça, culpa e inocência, consciência, e mesmo graça – o significado desses conceitos é lido e percebido pelo simples olhar. Eu os considero como verdades da terra. Em concordância com a terra, exerço um poder que pode parecer sacerdotal, mas está a serviço da reconciliação com os excluídos, os esquecidos, os desprezados e os desqualificados. Muitas vezes, esse poder tem algo que salva vidas; por isso, parece grande. (HELLINGER, 2007a, p. 45).

Bert Hellinger diz desconhecer se há projetos de dissertações teológicas sobre esse tipo de trabalho ou pastoral. Pondera, também, que os considera perigosos, pois colocariam em risco a própria pastoral da Igreja, ao invés de promovê-la. Por fim, diz que a terra é, de fato, aquilo que realmente cura e é sagrado. Adiante, aprofunda seus pensamentos sobre “a terra”, só que desta vez o faz em versos:

A medida não é o céu, mas a terra. Onde o céu nos divide, a terra nos sustenta. Embora muitos vejam o mundo como contrário a Deus e ao céu, muitas vezes, a devoção ao mundo serve melhor ao amor que a devoção ao céu. O olhar para o céu se dirige ao vazio. Religião é a participação amorosa num todo cada vez maior. O que foi plantado também tem o direito de crescer. Somos nós que estamos na alma, não a alma em nós. Fenomenologia é a visão de Deus. (HELLINGER, 2007a, p. 65).

1.8 Consequências psicológicas das imagens criadas nas representações religiosas

À semelhança de Deus: em Gênesis do Antigo Testamento está escrito: "Deus criou Adão, o primeiro homem, à sua semelhança". Por

isso, quando o homem olha para si e para outros homens enxerga neles a imagem de Deus. Isto também significa que vê Deus em si mesmo. Sendo assim fala com Deus, tal como fala com um ser humano e espera que Deus lhe responda e sinta como um ser humano. (HELLINGER, 2009, p. 185).

Uma das formas com que Bert Hellinger trabalha é por meio da criação de imagens de cura. Vale salientar que, nesse contexto, o termo “imagens” é colocado no sentido de imagens imaginadas – representações pessoais – e não naquele da iconografia religiosa. Todavia, nesse caso o exemplo não é a de uma imagem de cura, mas de uma imagem que adoece, tal como observado por Hellinger na confissão apostólica de fé: “em que cristãos professam a respeito de Jesus de Nazaré, como aquele que ressuscitou dos mortos, subiu aos céus, está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso, donde virá para julgar os vivos e os mortos” (HELLINGER, 2015, p. 9).

Nesse contexto, o pensador especula a respeito de quais seriam as consequências dessa crença e, inclusive, coloca em xeque a autoria dessa imagem, por ser contraditória à filosofia de Jesus, conforme escrito em seu livro “A Igreja e o seu Deus”:

Que imagem está por trás dessa representação, principalmente porque os cristãos esperam que também eles ressuscitarão dos mortos quando Jesus retornar no Último Dia? Eles esperam que subirão corporalmente com Jesus ao céu e se sentarão com ele à direita de Deus. Ao mesmo tempo, lê-se na Bíblia, a respeito do Jesus ressuscitado, que, em seu retorno, ele dirá aos que tiver rejeitado: “Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, que foi preparado para o demônio e seus anjos.” Também aqui existe a imagem de que os rejeitados serão lançados fisicamente nesse fogo, pois também eles terão ressuscitado com seus corpos. É improvável que Jesus tenha realmente dito esta frase. Manifestamente ela foi colocada em sua boca por outras pessoas, pois contradiz tudo o que Jesus falou de seu pai no céu, no Sermão da Montanha. Ele o chamou de misericordioso, pois ele faz o seu sol levantar-se sobre bons e maus e faz chover sobre justos e injustos. O próprio Jesus se comportava da mesma forma, amplamente compassiva. (HELLINGER, 2015, p. 9).

1.9 O pecado original de Adão e Eva e o medo perante Deus

Em parte do aprendizado que obtive com as Constelações Familiares, tanto em minhas leituras quanto em minha formação como constelador familiar, sempre me foi dito que Bert Hellinger afirmava que não há nenhuma pessoa que nasça intrinsecamente melhor do que outra. Ou seja: no que concerne ao

caráter, todos nascem iguais, exceto pelo fato de que alguns nascem em um lar com um pouco mais ou com um pouco menos de dinheiro. Na sua busca pela paz, esse é um conceito importante, pois Hellinger percebe que é da crença de que um ser humano possa, por qualquer razão, ser superior a outro, que advém a maior parte dos conflitos.

Para exemplificar os perigos que resultam dos julgamentos precoces acerca do bem e do mal, ele novamente se utiliza de uma interpretação da Bíblia, na qual também justifica a razão do pecado de Adão e Eva ao comerem do fruto proibido da árvore do conhecimento:

Foi um falso conhecimento. Um conhecimento que os afastou e os emancipou de Deus. Qual foi o primeiro efeito deste conhecimento? Adão e Eva se deram conta de que eles estavam nus. Se deram conta que ambos não eram mais uma unidade, mas diferentes: homem e mulher. Deste momento em diante, este senso de diferença prevaleceu e influenciou seus comportamentos. (HELLINGER, 2008, p. 15).

Em seguida, nesse mesmo texto intitulado “Expulsão”, Bert Hellinger reforça o quão trágica essa competitividade pode se tornar, resultando, inclusive, em mal-entendidos e em rupturas, como exemplificado na passagem sobre Caim e Abel:

Caim ficou zangado quando viu que Deus aceitara a oferta de seu irmão, mas não a sua. Em seguida, agiu imbuído desse conhecimento sobre o bem e o mal. Era ruim que seu irmão recebesse um tratamento preferencial. Esse entendimento obrigou-lhe à ação; ele matou seu irmão. O que o conhecimento entre o bem e o mal significa no final? É um verdadeiro entendimento? Ou uma revolta contra o conhecimento de que todos somos iguais perante Deus – amados da mesma forma por Deus, pois, antes dele, não havia estas distinções? A percepção de Caim de que Deus aceitara a oferta de seu irmão, mas não a sua própria, não foi uma percepção sobre Deus. Com esse conhecimento, ele entrou em oposição a Deus e queria destruir aquele que Deus parecia amar mais. Porque ele fez a distinção entre o bem e o mal, ele acabou com a unidade entre ele e seu irmão e com a unidade entre ele e seu irmão com Deus. O que isso significa para nós? Sempre que comemos da árvore do conhecimento sobre o bem e o mal da mesma maneira, quando julgamos os outros em qualquer direção, quando também negamos aos outros sua igualdade essencial com todos os seres humanos diante de Deus, perdemos a conexão com eles e com Deus. (HELLINGER, 2008, pp. 15-16, tradução minha).

Sendo a ordem de pertencimento uma das três Ordens do Amor postuladas por Hellinger, vale ressaltar as consequências por ele percebidas já em relação ao medo diante de Deus, uma vez que, segundo suas percepções,

estes medos se acumulam em torno da religião e de Deus e se relacionam com os sentimentos de rejeição e aceitação.

Os principais medos são estes: Serei rejeitado? Ou, na expressão de Lutero: “Como encontrarei um Deus complacente?” Nesses medos o que está em jogo é sempre a necessidade de pertencer e a possibilidade de ser rejeitado. Observa-se que esse medo é sempre o mesmo, independentemente das diversas imagens de Deus que prevalecem em famílias judaicas, indianas, islâmicas, católicas ou evangélicas. Portanto, ele não depende de uma determinada imagem de Deus, mas do fato de que a fé em Deus é, na maioria dos casos, uma condição para pertencer a grupos importantes para a sobrevivência do indivíduo. (HELLINGER, 2005, p. 91).

1.10 Pensamentos sobre Deus: o amor de Deus, devoção ao divino e os deuses

Para a parte final deste Capítulo, separei o livro “Pensamentos Sobre Deus” (HELLINGER, 2019), que traz muitas reflexões de Bert Hellinger acerca de assuntos relacionados à religião e espiritualidade – assim, ao fazer as próximas citações, indicarei apenas o número da página. Como essa foi a obra em que percebi mais citações e reflexões que poderiam ser examinadas nesta parte da dissertação, optei por separar seus capítulos em subitens que serão vistos a seguir.

No capítulo “O Amor de Deus” (p. 22), o autor diz acreditar que este possui dois significados: o amor de Deus em relação a nós e o nosso amor em relação a Ele. Para justificar essa afirmação, cita o mandamento do Antigo Testamento “‘Deves amar o senhor teu Deus de todo coração, com toda tua alma e com todas tuas forças’. O que isso significava, na prática, naquela época? Significava: deves seguir os mandamentos de Deus de todo teu coração, com toda tua alma e com todas tuas forças” (p. 22).

Em seguida, Hellinger reflete sobre o que aconteceria se esses mandamentos se revelassem tais quais leis humanas, pois, afinal, são mandamentos de seres humanos autônomo e mensageiros de Deus. Destarte, analisa que situações similares são encontradas sempre que seres humanos se sentem representantes de Deus ou se percebem como escolhidos por Ele: “Remetem-se a Deus, como se ele estivesse do seu lado e pertencesse exclusivamente a eles. Nesse caso, não importa o nome que se dá a Deus. Algumas vezes, ‘em nome de Deus’ é substituído por ‘em nome da verdade’, ‘em

nome da ciência' ou 'em nome do povo' ou 'em nome da pátria'" (p. 22).

Hellinger continua a refletir sobre o real significado de alguém devotado ao divino, buscando entender tanto seu significado quanto suas consequências, como, por exemplo, o sacrifício: "O que foi sacrificado a Deus não está mais disponível aos seres humanos, está reservado a Deus. Como sinal de que pertence a Deus, muitas vezes a vida também é destruída, vertida ou queimada. Por trás disso está a ideia de que Deus deseja e precisa de nosso sacrifício. Esta é uma ideia um tanto primitiva" (p. 25).

Ele se aprofunda na reflexão, sempre tendo em vista as consequências da devoção ao divino:

Uma ideia mais sublime é a de que através do sacrifício reconhecemos que tudo pertence a Deus, principalmente tudo aquilo que é vivo. No sacrifício damos a ele um pouco de nossa vida com a súplica de que possamos conservar a outra parte que precisamos para viver. A melhor parte do animal sacrificado era queimada ou oferecida aos sacerdotes, a não ser que tenha sido um sacrifício completo, um holocausto. A outra parte era consumida. A parte liberada para o consumo era então um presente de Deus àqueles que reconheciam o seu poder, confirmando-o através do sacrifício. Dessa forma o que seguia ao sacrifício a Deus era sua bênção. Essa bênção era adquirida através do sacrifício. A bênção de Deus é compreendida como um sinal de que Deus protege a vida, deixando-a continuar. Por trás dessas ideias atua a experiência de que a nossa vida está em perigo, de que ela depende de poderes que a presenteiam, direcionam e controlam. Essa experiência da dependência é o sentimento religioso original. (p. 25).

Conclui seus pensamentos demonstrando que, por trás desse sacrifício, está uma imagem de Deus que o torna semelhante aos seres humanos. Hellinger prossegue explicando que, ao pensar dessa forma, nós estamos projetando em Deus sentimentos e necessidades que se assemelham aos nossos, já que só existe sentido no sacrifício se imaginarmos Deus à nossa semelhança; o que só acontece se O tivermos criado, de fato, segundo nossa própria imagem.

Sem essa imagem não precisamos reservar nada para Deus: nenhum local sagrado, nenhum templo, nenhuma assim denominada casa de Deus. Sem essa imagem também não existem tempos sagrados. Pois tudo que pertence ao mundo, ao denominado profano está, simultaneamente, próximo e distante das forças às quais sabemos estar entregues. Pois, nesse caso, tudo e todos estão devotados a Deus – mas sem sacrifícios. Perante essas forças qualquer sacrifício é um ato de arrogância. (p. 26).

Prosseguindo em suas reflexões sobre Deus, Bert Hellinger pergunta se

existe algo por trás dos deuses ou se existe alguma coisa no lugar onde nós colocamos estes deuses. Ele então conclui refletindo sobre quais seriam as consequências de uma dispensa/despedita desses representantes do divino, já que, em última instância, os deuses são, principalmente, os deuses de um grupo:

[...] quando nos despedimos dos deuses, ficamos abertos para esse algo diferente. Essa despedida encontra-se principalmente a serviço da paz. As pessoas se distinguem essencialmente uma das outras através de seus deuses. Travam guerras umas contra as outras em seu nome, independentemente de quem esteja sendo venerado nesse momento. (pp. 27-28).

Por fim, conclui que, ao nos despedirmos dos deuses, nos tornamos indivíduos, e que apenas como tais é que podemos ir ao encontro de outras pessoas de igual para igual: “Porém, ao mesmo tempo, ficamos abertos para algo que é comum a todos e que, justamente por não podermos nominá-lo, nos conecta um ao outro de modo humilde” (p. 28).

1.11 Outro Deus, a Unidade e a dúvida de Nietzsche: “Deus está morto?”

Bert Hellinger passa a divagar, então, sobre como seria se houvesse um outro Deus, em oposição ao Deus monoteísta. E, partindo da hipótese de que ele existe, o descreve:

O outro Deus – se ele existe – é diferente do Deus que nos criou à sua semelhança e que nós criamos à nossa semelhança. É óbvio que ao dizer algo assim acabo também criando o outro Deus segundo uma imagem, até mesmo segundo a minha imagem. Por isso, essa imagem é tão equivocada como todas as outras. Pois como poderíamos – se ele existe – criar uma imagem a seu respeito ou daquilo que intuimos atuar de modo poderoso, por trás de tudo? (p. 30).

Ele deixa claro que essa discussão extrapola o religioso e adentra o psicológico, uma vez que o que está em debate é não apenas se há um Deus em oposição a outro, mas também como as imagens e o conflito destas imagens se relacionam com essa hipótese:

Trata-se do efeito que uma ou outra imagem possa ter em nossa alma, principalmente de como essas imagens atuam na convivência humana.

Podemos fazer ainda uma terceira pergunta: qual é o efeito quando renunciamos a toda e qualquer imagem de Deus, por termos consciência de nossa impotência e de nossos limites, no que diz respeito a ele? (p. 30).

E conclui dizendo que mesmo a renúncia é, também, uma imagem de Deus – e que, desta forma, não conseguimos escapar de nossas imagens. Logo, não nos resta muitas coisas quando desejamos falar de Deus ou do todo ou do mistério que se encontra por trás da vida de todos os seres – resta apenas a impotência. Porém, ele percebe que é justamente nessa impotência que podemos encontrar nosso ser e, assim, podemos nos tornar verdadeiramente humanos e humanamente religiosos (p. 30).

Bert Hellinger também divaga sobre a unidade, relacionando-a com tudo que está vivo, existe e continua a viver somente porque existe algo em comum ligando tudo – a existência:

Tudo faz parte do todo simplesmente porque existe. Tudo está presente ao lado de outros, está ligado e depende deles. Nós não sabemos se aquilo que através do qual tudo está presente é diferente ou não de outro algo que existe e está presente em tudo que existe. Entretanto, aquilo que está presente em tudo é mais do que cada indivíduo existente. O todo está contido nele. (p. 31).

E indaga sobre o que significa, em relação à nossa ideia de Deus, colocar o divino em uma relação de unidade conosco, para depois responder à própria pergunta:

Nesse sentido, a diferenciação que existiria entre nós e o divino seria apenas o de não sermos o todo, mas que simplesmente estamos conectados a ele. Entretanto, nessa conexão somos uma unidade ligada ao todo, nele estamos acolhidos, formando uma unidade com ele. O que isso significa para a realização religiosa, para a postura religiosa e para a existência religiosa? Na dedicação a este todo que reside em nós, podemos superar os limites estreitos de nossa existência, de uma forma religiosa. Por exemplo, através dos vínculos aos nossos pais e antepassados. Também podemos nos liberar dos emaranhamentos que resultam desses vínculos e simultaneamente sermos uma unidade com nossos antepassados dentro do todo, sem uma dependência direta. (p. 31).

“Deus está morto?”: a questão de Nietzsche também surge nas reflexões religiosas de Hellinger. Podemos, afinal, fazer essa pergunta? “Que Deus esteja morto, isso já foi proclamado muitas vezes, principalmente por Nietzsche, ficando ele mesmo assustado com sua própria declaração. Mas, podemos observar que

o Deus em que muitos acreditavam está morto para eles” (p. 33).

Contudo, a análise acerca das imagens relacionadas ao divino volta a aparecer nessa reflexão, uma vez que Hellinger conclui que talvez estas imagens sejam apenas as imagens que muitos fizeram de Deus. Logo, quem morreu não foi necessariamente Deus, senão as representações que muitos fizeram Dele; estas, sim, sem vida, desbotadas e desprovidas de brilho. Partindo dessa dúvida, o autor aproveita para refletir sobre esta questão nietzschiana por outro prisma:

Gostaria de observar este fenômeno e esta experiência de que Deus está morto partindo de um outro ângulo totalmente diferente. Muito da veneração a Deus desenvolveu-se do culto dos antepassados. Mesmo no Antigo Testamento o Deus de Abraão, Isaac e Jacó é simultaneamente o senhor ancestral de seus descendentes, do povo escolhido por ele, ao qual só se pode pertencer através do parentesco sanguíneo, da origem comum. Poderíamos dizer, se fossemos exagerar, que os ancestrais estão presentes nesse Deus. Embora estejam mortos, nele estão presentes. Então este Deus seria, em primeira instância, um Deus dos antepassados mortos e seria um morto como eles. (p. 33).

Antes de concluir, é necessário expor um ponto dessa reflexão religiosa de Bert Hellinger que esbarra em premissas presentes nas próprias Constelações Familiares, já que, nelas, os antepassados falecidos são vivenciados como presentes. Porém, embora presentes no campo das constelações, muitas vezes já estão, paradoxalmente, no reino dos mortos. Contudo, morto não significa ausente:

Como muitos fiéis imaginam o céu? Como um lugar onde vão reencontrar seus mortos. Para os fiéis, o céu é sobretudo a morada dos antepassados mortos, sendo que Deus é um Deus dos mortos e, portanto, está morto como eles. Como é praticada essa religião? Principalmente como um culto aos mortos, como prece e preocupação por eles. (p. 34).

1.12 A religião, a fé e a Igreja

Concluo o Capítulo com os pensamentos de Bert Hellinger acerca de três assuntos intrinsecamente relacionados: religião, fé e Igreja. Sobre o primeiro item, Bert Hellinger expõe sua percepção sobre religião como algo centrado, que irradia paz e tranquilidade, mas que, por outro lado, também é algo intranquilo e fora de si: “Essa religião se eleva sobre outras religiões, querendo ensiná-las e

subjugá-las, conduz a conflitos e guerras, como as cruzadas dos cristãos e as denominadas guerras sagradas do Islamismo. Por isso, a religião pode promover tanto a guerra como a paz” (HELLINGER, 2010, p. 43).

E conclui que seu pensamento acerca das religiões também se aplica a qualquer outra “boa causa”, mesmo que ela seja a própria paz, pois percebe que, através do fervor, até as causas pacíficas se tornam semelhantes às religiões fervorosas e, logo, acabam contribuindo muito para os conflitos do que ajudando nas resoluções dos mesmos. Ele percebe que todas essas causas – incluindo as pacíficas – estão conectadas a um sentimento de superioridade que as sustenta.

A religião fervorosa sempre toma a causa de Deus em suas próprias mãos, da mesma forma que o fervor por uma boa causa quer tomar em suas próprias mãos o destino da humanidade ou o do mundo. Com isso, os adeptos das religiões fervorosas e de uma boa causa separam-se de suas próprias forças, são abandonados por elas, ao invés de serem tomados por ela a seu serviço. Encontramos a paz na religião e no serviço de uma boa causa quando nos detemos internamente em nosso fervor. Quando nos deixamos ser conduzidos, ao invés de conduzirmos, quando esperamos pelo momento certo, confiando nas forças maiores. (p. 43).

Já a fé, para Hellinger, é aquilo em que acreditamos sobre o que ouvimos e sobre o que nos foi dito; desta forma, não temos como comprová-la de imediato. Todavia, temos como verificá-la indiretamente através do efeito que a fé causa em nossa alma. Em sua análise, ele percebe as alterações fisiológicas e psicológicas naquele que tem fé e como estas alterações podem ser facilmente percebidas na face, no comportamento e nos contatos dos indivíduos ditos “fiéis” com os outros seres humanos.

Aqueles que acreditam mudam subitamente seu comportamento quando expressam a sua fé. Muitas vezes são ausentes, abandonam o contexto presente e entram em uma outra época e um outro espaço. Voltam para a sua infância, procuram segurança, consolo, de repente têm medo, sentem-se pequenos, entregues e necessitados de ajuda. (p. 45).

Como exemplo desse comportamento infantil, o autor observa como os rostos desses fiéis (sejam eles cristãos, budistas ou taoistas) ficam transfigurados, tal qual o de uma criança a espera de um milagre, quando acendem uma vela em um santuário à espera de alguém poderoso – como,

outrora, foram seus pais. E tudo na esperança de que esse ser poderoso possa libertá-los do problema ou permitir o alcance de uma graça almejada.

O Deus ou o santo ou o antepassado para os quais elevam o olhar são como o pai ou a mãe em um nível mais elevado. Eles nos permitem trazer a nossa infância para o presente e nos tornarmos novamente crianças, todas as vezes que precisarmos e quisermos. Este talvez seja o motivo principal pelo qual a fé nos torna bem-aventurados. O que acontece com aqueles que proclamam essa fé aos fiéis? De certa forma, também acreditam que são iguais aos outros fiéis e “também se tornam crianças” [...] “Os simples fiéis não conseguem lidar com isso” como, por exemplo, com os resultados cientificamente comprovados das pesquisas bíblicas, com as conclusões sobre a vida de Jesus ou com as ideias do iluminismo. Com isso muitos fiéis permanecem num estado de estagnação em relação a sua fé e não podem continuar se desenvolvendo. Sobretudo não podem se desenvolver religiosamente de uma forma que os torne equivalentes a outros seres humanos e com isso humildes perante aquilo que conecta todos os seres humanos, perante o último mistério – igualmente ignorantes, impotentes e limitados. (pp. 45-46).

Em relação à Igreja, Bert Hellinger traz um panorama histórico no qual à contextualiza no exemplo da ruína do Império Romano, ressaltando que a Igreja foi e é ainda hoje, para muitas pessoas, uma pátria anímica, já que, no seio da Igreja, muitos ainda se sentem em casa, como se estivessem na própria família; daí a razão de os fiéis há muito se denominarem “irmãos e irmãs em Jesus Cristo”.

Porém, mesmo quando o Império Romano desmoronou, a Igreja se manteve: “Perante a invasão dos povos migrantes, a Igreja Romana o substituiu no mundo ocidental e ofereceu aos fiéis ordem e segurança tanto na área religiosa quanto na política. Mais tarde, ela mesma ficou ameaçada de se afundar no caos, mas se renovou através da Reforma e a Contrarreforma novamente por um longo período” (HELLINGER, 2010, p. 47).

Bert Hellinger prossegue listando as instituições que, na sequência da Revolução Francesa, vieram trazendo as novas promessas de cura, esperanças e redenção, tais como o comunismo, o nazismo, o fascismo e até a democracia e o movimento pacifista. Todas elas, eventuais substitutas – ou candidatas a substituta – da Igreja na esteira da história:

De certa forma, todos eles substituíram a Igreja, assim como anteriormente esta havia substituído o Império Romano. A veemência religiosa, que antigamente havia sido absorvida pela Igreja e permitia a cada indivíduo dedicar-se de corpo e alma a algo maior, nele se dissolvendo, agora estava direcionada a diferentes causas sob

diferentes nomes, mas com o mesmo entusiasmo abnegado a essas novas promessas e esperanças. (p. 48).

E conclui lembrando que, nesse interim, a Igreja foi ficando cada vez mais obsoleta, já que sua causa – a luta pelas almas das pessoas – acabou ficando perdida e até se esgotando em meio ao tumulto das demonstrações de massa e de poder.

Mas aqui se faz a pergunta: a igreja ou os movimentos que a substituíram tinham realmente algo a ver com a religião, a religião no sentido original da conexão dos seres humanos a uma dimensão maior? De certa forma, sim. A outra pergunta é: se as igrejas realmente foram capazes de conectar e se realmente tivessem conectado as pessoas a algo maior, poderiam estar realmente esgotadas? Justamente o fato de que tenha havido uma ascensão e decadência das igrejas revela que não podiam preencher suas próprias reivindicações e promessas. De certa forma, aqueles que eram adeptos entusiasmados da igreja ou uma outra religião ou movimentos quase religiosos depois de algum tempo reconheceram que esse entusiasmo religioso havia sido cego. Um verdadeiro visionário está consciente de que o Último deve permanecer oculto. Não pode ser levado por um entusiasmo desse tipo. Permanece centrado e quieto no meio do entusiasmo fervoroso. A religiosidade é, afinal, solitária e individual. Para aqueles que seguem essa religiosidade solitária e individual não faz diferença se permanecem dentro da igreja ou fora dela. Eles olham para além dela. (pp. 47-48).

CAPÍTULO 2: BERT HELLINGER ZULU E TAOISTA

A unidade e os laços do vínculo são, para o zulu, algo de vital importância para sua visão total da vida e para sua abordagem dela. A unidade se estende desde a proximidade dos laços familiares imediatos até a lista de parentes paternos e maternos, que são, todos, pais e mães, aos primos que são, todos, irmãos e irmãs, retrocedendo na linha dos ancestrais até o lendário fundador da nação, aquele homem zulu que desceu do iZulu para fundar o povo do céu, e avança no tempo para os filhos que ele já deu à luz e para os não nascidos, finalmente engolidos no mar dos não nascidos. Nessa multidão de pessoas, ele é um. O hospedeiro não consiste no número de indivíduos – é o hospedeiro que consiste neles; as pessoas! (BERGLUND 1965, p. 11 – tradução minha)

Em sua jornada eclesial, Bert Hellinger se dedicou à missão católica no maior grupo étnico sul-africano, o dos zulus. Sua biografia, especificamente durante sua estadia na África do Sul, desperta a pergunta sobre a repercussão das crenças e práticas religiosas desse povo em sua posterior abordagem terapêutica, bem como sobre o impacto da religiosidade dos KwaZulu-Natal da África do Sul sobre as “Ordens do Amor”.

Neste Capítulo, procuro trazer a relação entre a influência do período de Bert Hellinger na Ordem de Mariannhill e o seu convívio antropológico com o povo zulu, para a fundamentação das três Ordens do Amor.

Também procuro trazer seu envolvimento com o pensamento taoista, que acontece em paralelo, nas décadas de 1950-1960, época em que conheceu o “Tao Te King” (“Dao De Qing”), obra literária atribuída ao sábio chinês Lao-Tzu.

2.1 A Ordem de Missionário de Mariannhill

Bert Hellinger viveu dois importantes momentos na ordem de missionários de Mariannhill. O primeiro em 1936, aos dez anos de idade, quando, após concluir seus quatro anos de escola primária, transferiu-se para o Aloysianum, seminário e internato de missionários de Mariannhill, fundado em 1910, em Lohr am Main, na Bavária:

Por uma conhecida, minha mãe havia ouvido falar da criação da ordem masculina romano-católica, atuante sobretudo em missões na África. Ao visitar o internato, viu que seria uma boa preparação para minha ambicionada vocação ao sacerdócio. Embora hesitante no começo,

meu pai acabou aceitando a decisão de minha mãe e declarou-se pronto a arcar com os custos”. (HELLINGER, 2020, p. 33).

Todavia, em paralelo ao contexto religioso do início de sua adolescência, Bert Hellinger também era impelido a cumprir suas obrigações como jovem alemão na iminência de uma guerra:

Na época, também ingressei em um pequeno grupo católico de jovens, que havia sido proibido e que, aparentemente, era observado pela Gestapo. Os encontros regulares eram clandestinos. Porém, sempre apareciam membros da Juventude Hitlerista em minha casa para me levar para prestar serviço. Minha mãe sempre dizia que eu não estava. Entretanto, a certa altura, minha ausência se transformou em uma ameaça iminente para minha família. A pedido dos meus pais, a cada quatorze dias, passei a tocar violino em uma orquestra da Juventude Hitlerista. (HELLINGER, 2020, p. 34).

Esse período inicial do menino Bert Hellinger no contexto dos estudos católicos sofreria um hiato até 1946, quando, após servir como soldado na Segunda Guerra Mundial, pôde retornar ao mosteiro dos Missionários de Mariannhill, em Würzburg:

Mas, por que me decidi pelos Missionários de Mariannhill? Talvez eu quisesse – após o horror da guerra, após uma vida na presença constante da morte e perto dela – estabelecer um vínculo com o período que até então tinha sido o mais feliz de minha vida e, de certo modo, afastar de mim e esquecer os anos de pavor. A época mais feliz tinham sido meus anos de internato no Aloysianum, sob a tutela dos padres dos Missionários de Mariannhill. Ainda me sentia profundamente ligado a eles. E meu desejo de me tornar sacerdote tinha se mantido inalterado desde a infância. A Ordem masculina católico-romana dos Missionários de Mariannhill teve origem em um mosteiro trapista, fundado em 1882 pelo prior austríaco Franz Pfanner, em um monte nas proximidades da cidade portuária de Durban, na África do Sul, e consagrado à Santa Maria como padroeira, bem como à sua mãe Ana. Assim surgiu a junção de palavras Maria-Anna-Hill do nome Mariannhill. Os trapistas seguem as regras de São Bento: Ora et labora – ora e trabalha! Trabalho duro e rígidas regras da Ordem, como a vida em completo silêncio, determinam os dias. (HELLINGER, 2020, p. 52).

Bert Hellinger explica então que, em pouco tempo, Mariannhill tornou-se o maior mosteiro trapista do mundo, com quase trezentos monges, seguindo as rígidas regras em prol do trabalho propagadas por São Bento. Sua composição era majoritariamente de artesãos, além de uns poucos sacerdotes. Porém, com o passar do tempo, o bem-sucedido trabalho missionário desvinculou-se do ideal

de recolhimento e contemplação dos trapistas e, por esta razão, em 1909 o papa Pio X emitiu um decreto em que separava o mosteiro da Ordem dos Trapistas. Foi essa decisão papal que abriu o caminho para a nova e independente Congregação dos Missionários de Mariannhill.

2.2 Missionário na África do Sul

Aprendeu a língua zulu o bastante para ensinar e pregar, e conta anedotas divertidas sobre a dignidade cortês daquele povo quando, inadvertidamente, diz sem querer uma palavra rude. Com o tempo, sentiu-se tão à vontade ali quanto é possível a um europeu. O processo de trocar uma cultura por outra aguçou sua percepção da realidade dos múltiplos valores culturais. [...] O Sagrado está em toda parte. (HELLINGER, 2006a, p. 315).

Em 1953, Bert Hellinger foi morar na abadia do centro Missionário de Mariannhill, dez milhas a oeste da cidade portuária de Durban, África do Sul, junto ao Oceano Índico. Na diocese viviam os zulus, tendo a maioria já aceitado a fé cristã. Pertencentes à etnia africana dos bantos, os zulus representam não apenas o maior grupo étnico da África do Sul, como também fazem parte da “aura zulu”, um dos grandes mistérios que envolvem as Constelações Familiares de Bert Hellinger.

Quando cheguei à África do Sul, eu não sabia muito bem como seria o trabalho missionário na prática. No início, tampouco tive de me ocupar muito dele, pois por três anos fui enviado para a Universidade Natal, em Pietermaritzburgo, capital da província, a fim de cursar o magistério em escolas superiores. Ali, tive uma experiência totalmente nova: na Universidade de Würzburg, os teólogos desempenhavam um papel especial e eram tratados com o máximo respeito. No entanto, na Universidade Natal, eu era um entre muitos, sem concessões de nenhum tipo de privilégio. (HELLINGER, 2020, p. 52).

Nos dezesseis anos em que conviveu com os zulus, Bert Hellinger conseguiu conhecer profundamente sua cultura. Aprendeu o idioma local a ponto de compor canções em zulu. No universo das Constelações Familiares, várias das conclusões acerca de temas-chave – como as ordens da hierarquia e do pertencimento e, conseqüentemente, um respeito e uma busca profunda de inclusão de tudo e de todos, sem contar as teorias sobre o campo – encontram elementos na mística zulu. Há, inclusive, questionamentos acerca do grau de influência do pensamento religioso e comunitário zulu sobre as Constelações

Familiares.

Na autobiografia “Meu Trabalho, Minha Vida” (p. 55), Hellinger observa que seu trabalho como missionário consistiu menos na conversão de “pagãos”, como muitas vezes se costuma supor, e mais em um ambicioso trabalho cultural.

Em 1953, de fato, na África do Sul racista, os negros sofriam com um sistema educacional miserável e com condições precárias de vida e desenvolvimento, algo que foi agravado pela política de segregação racial oficializada em 1948 com a chegada do Novo Partido Nacional (NNP) ao poder.

Diante desse quadro, os missionários de Mariannhill davam especial atenção à criação de escolas e à instrução na agricultura. Além dos missionários católicos, os protestantes também atuavam na região e, com isso, a maioria dos nativos era batizada. Segundo Bert Hellinger, não era difícil distinguir os convertidos ao Cristianismo dos considerados “pagãos”, uma vez que os primeiros tinham uma expressão mais receptiva, enquanto os “não cristãos” aparentavam certo medo e retração. Para os zulus, os espíritos estão em toda parte – nos animais, plantas, pedras e água –, sendo liderados por Unkululunkulu, nome que pode ser traduzido como “O Supremo”.

No reino do Supremo vivem os espíritos ancestrais, de tal forma que qualquer infortúnio pode ser relacionado tanto às influências dos maus espíritos quanto à vingança dos ancestrais, principalmente por não terem sido louvados o suficiente ou de forma adequada. Para os zulus há, também, uma relação de causa e efeito nos problemas, em que acontecimentos ruins são consequência de ações ruins.

A superstição adotava formas ainda mais estranhas. As tempestades, nem um pouco raras no verão, eram vistas como sinais de espíritos enfurecidos. Segundo a antiga crença, quem fosse atingido por um raio teria merecido e não poderia ser enterrado da maneira tradicional. Mesmo o luto por essa pessoa não lhe era concedido. Além disso, o gado atingido pelo raio não poderia ser comido, as árvores atingidas pelo raio não poderiam ser utilizadas, nem sequer tocadas. (HELLINGER, 2020, p. 58).

Em terras africanas, a relação com os zulus e o convívio universitário acabaram por abalar os valores do missionário Bert Hellinger. Até então, ele acreditava que apenas por meio da fé era possível tornar-se um bom ser humano. Todavia, na universidade de Natal, durante a graduação, Bert Hellinger

passa a conhecer também bons professores ateus. E conclui que, em primeira instância, ser bom é algo que depende da experiência de vida.

2.3 Ancestrais nas religiões africanas

O mundo espiritual do povo africano é muito densamente povoado de seres espirituais. De um modo geral, são duas as categorias de seres espirituais: aqueles que foram criados como tal, ou emulados, e aqueles que já foram seres humanos. O culto dos ancestrais pertence à segunda categoria e é um dos elementos essenciais da religião tradicional africana. (SIMEON, 2006, p. 3 – tradução minha).

Para J. S. Mbiti, ancestrais são os mortos que já fizeram parte de um grupo social ou de um clã. O autor cita como duas as categorias para esses falecidos:

- a) - Aqueles que permanecem na memória, ou seja, mortos de até cinco gerações, também denominados mortos-vivos.
- b) - Aqueles que dificilmente são lembrados novamente pelos vivos.

No sistema de crenças africano, a família é composta tanto pelos membros vivos quanto pelos ancestrais. Os ancestrais ainda estão presentes, zelando pela casa e pelos bens da família. Eles são a parte poderosa do clã, mantendo uma estreita ligação entre o mundo dos homens e o mundo espiritual. Acredita-se que estejam interessados no bem-estar de seus descendentes vivos. Eles até exercem proteção e disciplinam qualquer membro errante dos vivos pertencentes ao seu clã. Assim, eles são a orientação dos assuntos familiares, tradições, costumes, ética e moralidade, saúde e fertilidade. Eles punem casos como os de incesto, roubo, adultério, falso testemunho e outros vícios morais; são considerados anciãos da família e são reencarnados na família. (SIMEON, 2006, p. 4 – tradução minha).

A qualificação final para se tornar um ancestral é a morte, linha divisória entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. No entanto, não é o único critério, já que nem todos os mortos são considerados ancestrais.

2.4 O masculino e o feminino na ancestralidade

Dissonância e ressonância: quando encontramos uma pessoa, encontramos ao mesmo tempo seu pai e sua mãe. Pois cada pessoa é seu pai e sua mãe. Estão presentes através dele. Seus antepassados também estão presentes. Por isso, quando encontramos uma pessoa, encontramos simultaneamente muitas outras. Quando respeito uma

peessoa, respeito, a partir dela, também seus pais e seus ancestrais. (HELLINGER, 2009, p. 153).

A compreensão africana da morte relaciona-se à sua compreensão do parentesco. Para eles, a morte não é uma separação completa e a negação de todos os laços com a família. A morte não extingue os laços de parentesco. Kukertz aborda o alcance desse parentesco. O parentesco tem uma profunda influência nas relações africanas e precisa ser levado em consideração ao se estudar a sociedade africana, particularmente as relações com os ancestrais.

Na cultura patriarcal zulu, muitos dos ritos e rituais são organizados em torno dos ancestrais masculinos, como seria de se esperar. Embora as sociedades tradicionais da África do Sul cultuem os ancestrais masculinos, este fato não impediu a sociedade zulu de reconhecer que os ancestrais femininos também são parte integrante de seus padrões de parentesco, especialmente os da mãe.

McKnight se refere aos ancestrais de uma mãe como “[...] ancestrais do grupo extradescendente” (SIMEON, 2006, *apud* HAMMOND-TOOKE, 1981, p. 28. Tradução minha). Hammond-Tooke também observa que “[...] os ancestrais maternos não recebem sacrifício, mas podem causar doenças e infortúnios” (IDEM, P. 71).

2.5 Distorção cristã: honrar ancestrais não é adoração

Naturalmente, uma experiência muito importante para mim foi meu convívio com os zulus na África do Sul. Lá conheci uma forma de convívio humano totalmente diferente: por exemplo, uma enorme paciência e um enorme respeito mútuo. Lá é natural que ninguém ridicularize o outro. Assim, cada um pode preservar seu semblante e sua dignidade. Também me impressionou muito a maneira como os zulus lidam com seus filhos e como os pais fazem valer sua autoridade. Por exemplo, jamais ouvi que alguém tivesse falado depreciativamente dos próprios pais. Isso é impensável entre eles. (HELLINGER, 2007b, p. 406).

Os ancestrais funcionam como um fator de coesão em algumas comunidades. Por exemplo, Awolalu e Dopamu explicam: “[...] entre os Ashanti, o banquinho dourado sagrado, que é o símbolo ancestral, é considerado o santuário e símbolo da alma nacional. O que significa que, nele, toda a nação está unida como em uma ‘alma’” (SIMEON, 2006, p. 5).

Zulus convertidos ao Cristianismo sentem-se tolhidos em honrar seus ancestrais conforme sua cultura, uma vez que, por sua conversão cristã, este conceito de “honrar” é, muitas vezes, deturpado, e passa a ser confundido com “adoração” ou “veneração” (NEL, 2007). Assim, muitos deixam de seguir esse elemento de sua cultura original - ou o fazem escondido -, com medo das represálias que a “honra ancestral” possa trazer aos seus vínculos religiosos cristãos. Isso porque a conotação religiosa de “adoração” traz a equivocada expectativa de que os cristãos zulus rejeitariam seus ancestrais e todos os ritos e práticas associados a eles.

Porém, apesar das injunções da Igreja, uma mudança marcante está ocorrendo entre os cristãos zulus, já que muitos reincorporam os ancestrais em seu processo familiar. Fato é que o mandamento de honrar o pai e a mãe, para os zulus, não se limita a honrar os pais enquanto eles vivem. Na cultura zulu, tanto para os tradicionalistas quanto para os cristãos, honrar os pais, vivos ou mortos, é relacionar-se com eles com grande respeito.

Historicamente, os zulus buscam e acolhem a presença dos ancestrais durante transições familiares estressantes, como casamento, nascimento, puberdade e morte. Se a Igreja se concentrasse no aumento da ansiedade e da desestabilização no contexto dessas transições familiares, novos *insights* poderiam ser obtidos sobre a importância funcional dos ancestrais (como ligantes de ansiedade) no processo familiar.

Veneração e Adoração: a palavra veneração significa grande respeito. Significa então reverência e grande respeito, admiração e temor. Assim, é um ato de adoração. No entanto, é feito ou dado aos santos em contradição com a adoração dada somente a Deus. No uso teológico estrito da palavra veneração; honra absoluta vai para Deus em adoração. A Igreja Católica Romana tem situação muito análoga à atitude africana em relação aos seus antepassados. A Virgem Maria é altamente honrada. Ela tem um canto (mais ou menos um santuário) dedicado a ela na igreja, onde as velas são acesas e as orações são feitas. O que é feito é comumente descrito como uma honra relativa, que é reservada a Deus, o criador de todas as coisas. Acredita-se que ela obteve sua singularidade de Deus e, portanto, poderia ser honrada. A oração católica romana comum: “Ave Maria, mãe de Deus, rogai por nós na terra agora até a hora de nossa morte. Amém” confirma esta visão. (SIMEON, 2006, p. 5).

2.6 O grupo familiar de Bert Hellinger

Tive uma boa experiência com os zulus, na África do Sul. Eles não pensam muito sobre a vida, somente em uma coisa: quando se encontram, um pergunta ao outro: -Você ainda vive? O outro diz: - Ainda estou aqui. O essencial está totalmente em primeiro plano. Não é maravilhoso? Então podemos acordar de manhã e dizer: - Estou aqui ainda. Assim o dia fica salvo. (HELLINGER, 2005. p. 63).

No livro “O Amor do Espírito”, são apresentados alguns exemplos que relacionam as Constelações Familiares à cultura zulu, como nesta definição a respeito de quem faz parte do grupo familiar: “Juntamente com nossos pais, temos também as linhagens de ambos e pertencemos a um grupo familiar em que elas se unem. O grupo familiar se comporta como se estivesse unido por uma força que liga todos os seus membros e por um sentido de ordem e de equilíbrio que atua em todos da mesma forma” (HELLINGER, 2009. p. 39).

Fazendo um paralelo, podemos dizer que Bert Hellinger explica que, geralmente, os membros que constituem o grupo familiar são quase os mesmos presentes na cultura zulu, inclusive no que se refere à ancestralidade. Outro item de convergência entre as Constelações Familiares (o grupo familiar) e a cultura zulu é o destaque que Bert Hellinger dá aos mortos, além de todos aqueles cuja desgraça ou morte tenha resultado em vantagem para outras pessoas do grupo:

Fazem parte dele (o grupo familiar): 1) o filho e seus irmãos (inclusive os mortos e os natimortos, os abortos provocados e espontâneos, os pais e seus irmãos); 2) os pais e seus irmãos (inclusive os mortos, os natimortos e os filhos abortados; bem como os nascidos fora do casamento e os meios-irmãos); 3) os avós e, algumas vezes, os seus irmãos; 4) eventualmente, um ou outro dos bisavós; 5) incluem-se também pessoas sem laços de parentesco que tenham cedido lugar a outros no grupo familiar, como os parceiros anteriores dos pais ou dos avós, além de todos cuja desgraça ou morte tenha resultado em vantagem para outras pessoas do grupo. (HELLINGER, 2009, p. 39)

Para explicar como, na visão das Constelações Familiares, a morte precoce não altera nem o pertencimento e nem a importância do falecido no grupo familiar, Bert Hellinger cita, como exemplo, seu próprio caso, lembrando um exercício que fez, no qual se apresentou aos quatro filhos que morreram cedo na família de sua mãe:

Foi deles que senti emergir a maior força. Eles não estão simplesmente

ausentes. Deles emerge algo que nos ajuda quando os reconhecemos e nos apresentamos. Eles perderam algo ou será que continuam atuando através de mim e, deste modo, são confortados? Sendo assim, concordamos também neste sentido com a realidade sobre a vida e a morte, como ela é. (HELLINGER, 2009, p. 153).

2.7 Os laços do grupo familiar nas Constelações Familiares

Ao relatar como funcionam os laços do grupo familiar, Bert Hellinger apresenta o conceito da comunidade de destino, em que esclarece que o destino funesto de um membro afeta todos os demais, que, muitas vezes, dão vazão ao impulso de querer seguir o morto, ou seja: partilhar seu mesmo destino funesto (HELLINGER, 2009, p. 37). O objetivo desses laços do destino é a manutenção da completude do grupo familiar, cuja ação afeta igualmente a todos e exerce vigilância para que todos os membros do grupo familiar permaneçam nele, mesmo para além da morte:

Pois o grupo familiar abrange tanto os vivos quanto os mortos, geralmente até a terceira geração, eventualmente alcançando a quarta e a quinta. Por conseguinte, quando um membro se perde do grupo familiar porque lhe recusaram o pertencimento ou simplesmente o esqueceram, existe dentro do grupo uma necessidade irresistível de restaurar sua completude. Isso faz com que o membro perdido seja como que revivido e representado por outro membro mais jovem, através de uma identificação. Este processo também transcorre inconscientemente e recai primeiramente sobre as crianças. (HELLINGER, 2009, p. 40)

2.8 O direito ao pertencimento

O direito ao pertencimento, para Bert Hellinger, é um conceito amplo, pois a lei básica que vigora no grupo familiar reconhece a todos os que fazem parte do grupo o mesmo direito de a ele pertencer (HELLINGER, 2009, p. 38). Porém, como neste Capítulo estamos buscando estreitar a zona de convergência entre as Constelações Familiares e a cultura zulu, o intuito, aqui, é destacar o que pensa Bert Hellinger acerca do pertencimento dos mortos ao grupo familiar:

Muitas vezes também se nega esse direito a crianças que nasceram mortas ou faleceram prematuramente, na medida em que são esquecidas. Às vezes, os pais dão ao próximo filho o nome do irmão falecido, como se dissessem a ele: "Você não pertence mais à família, temos um substituto para você". Assim, a criança morta perde até mesmo o próprio nome. Quando os membros de um grupo familiar negam a um antepassado o direito de fazer parte dele, seja porque o desprezam ou temem o seu destino, seja porque não reconhecem que

ele cedeu lugar a outros da família ou que ainda lhe devem algo, então alguém mais novo, pressionado pelo sentido da compensação, identifica-se com o mais velho, sem que tenha consciência disso e sem que possa evitá-lo. (HELLINGER, 2009, pp. 40-41)

Assim, sempre que se nega a algum membro o direito de pertencer, existe no grupo familiar uma pressão irresistível para restaurar a completude perdida como mecanismo de compensação pela injustiça cometida, com grande tendência a que o membro excluído seja representado e imitado por outro membro da família.

Outro exemplo citado por Bert Hellinger é o da primeira mulher de um avô, que morrera no parto. O destino difícil dessa mulher amedrontou e fez com que os membros de sua família silenciassem sobre sua existência, como se ela já não pertencesse ao grupo. Como explica Hellinger, as consequências dessa exclusão costumam ser graves:

Nesse contexto, sobreviventes de uma família também sentem culpa diante de um membro que morreu prematuramente, como se fosse injustiça com o morto, o fato de continuarem vivos. Então querem compensar a injustiça impondo limites à sua própria vida, desconhecendo a razão por que o fazem. (HELLINGER, 2009, p. 41).

Quando escreve sobre o “pertencimento para além da morte”, Hellinger mais uma vez é enfático ao afirmar que vida e morte têm o mesmo peso em relação ao direito de pertencer: “Portanto, uma pessoa perde a sua vida através de sua morte, mas nunca o seu pertencimento à família” (HELLINGER, 2009, p. 55).

2.9 Como desprender-se dos mortos? Luto e gratidão

Muitos dos nossos problemas e dos problemas de nossos clientes têm a ver com os mortos. Os mortos nos influenciam, e talvez nós também os influenciemos. Quando algo em relação aos mortos de nossa família ainda se encontra sem solução, isso acaba atuando de modo perturbador no presente. Nesse sentido encontramos-nos presos ao passado, ao invés de olhar para o futuro. (HELLINGER, 2009, p. 135).

Bert Hellinger explica as formas pelas quais nos ligamos aos mortos. Como, por exemplo, quando nos lembramos deles de uma forma amorosa, quando sentindo saudades, ligados por amor, no luto. Por esse prisma, o autor deixa perguntas e respostas: “Como os mortos se sentem quando agimos deste

modo? Sentem-se melhor? O que é adequado nesse caso? Quando a morte deles é recente, a dor e o luto são adequados e ajudam a nos separar dos mortos. Talvez isso também ajude os mortos. Desse modo se libertam de nós” (HELLINGER, 2009, p. 135).

Agradecer aos mortos é outro ponto chave da teoria hellingeriana. E um bom caminho para se despedir do luto é a gratidão: “Olhar para as coisas boas que deles recebemos e dizer: ‘Eu sou grato. Eu conservo o que você me deu e em sua memória, farei algo de bom com isso’” (HELLINGER, 2009, p. 135-136).

Segundo o autor, esse movimento de gratidão perante os ancestrais permite que eles se libertem, já que aquilo que eles nos deram continua atuando e, desta forma, eles realizaram o seu objetivo.

O desafio é que muitos dos vivos permanecem zangados e ressentidos com os mortos e, assim, permanecem ligados num vínculo em que não há paz nem para os que ficam, nem para os que já foram. Nesses casos, Bert Hellinger orienta para que seja dito: "Não importa o que tenha acontecido, foi precioso para mim". E, em seguida, explica a razão dessa reposta libertadora:

É verdade. Aquilo que foi, independentemente do que foi, torna-se uma força a nosso favor à medida que concordamos. Torna-se um peso apenas quando o rejeitamos. Então, quando existem mortos com os quais estamos zangados por esperarmos algo deles, dizemos-lhes: “Eu sou grato”. Nesse momento, aquilo que foi, seja lá o que tenha sido, transforma-se em um tesouro valioso. (HELLINGER, 2019, p. 136).

2.10 Despedindo-nos dos mortos em relação aos quais sentimos culpa

Como os mortos permanecem em comunhão com a família, os laços familiares não são rompidos pela morte. Becken escreve: “A partir deste ponto de partida, pode-se aprender que eles celebram a comunhão de sua família à qual também pertencem os membros falecidos” (Becken, 1993, 335). Juntos, os vivos e os mortos [...] formam uma grande família” (BEDIAKO, 1983, *apud* NEL, 2007, p. 5).

Também permanecemos vinculados aos mortos em relação aos quais sentimos culpa, independente da razão (se os prejudicamos, se fomos injustos etc.). Pois, mesmo mortos, eles ainda exigem algo de nós neles e vice-versa (Hellinger não tem certeza sobre se isso é apenas uma imagem ou se é de fato assim, apenas sabe que acontece desta forma).

Para essas situações são outras as frases de cura que podem apaziguar essa relação ao refazer, de forma amorosa, a ligação com os mortos que foram vítimas de nossas injustiças: “Sinto muito e caso exista algo que possa fazer, eu o farei”. Bert também sugere que outra forma de nos retratarmos com esses falecidos é, por exemplo, fazendo algo de bom em relação a seus filhos:

Quando concordamos com isso e nos decidimos nesse sentido, podemos deixar esses mortos, e eles farão o mesmo em relação a nós. Mas, algumas vezes, sentimos que cometemos tamanha injustiça em relação a eles, que causamos danos irreparáveis, talvez até nos sintamos culpados em relação a sua morte. (HELLINGER, 2009, p. 136).

Para que esses mortos possam ficar em paz conosco, sem novas exigências, Bert Hellinger sugere ainda outra frase de cura:

Sei o quanto a culpa me pesa. Mesmo assim, fico com ela. Não farei nenhuma tentativa de me desvencilhar da mesma como, por exemplo, através da expiação. Por ficar com ela possuo uma força especial. Farei algo bom através dessa força, em sua memória. (HELLINGER, 2009, p. 136).

Reconhecer a importância da união familiar é fundamental para a compreensão das famílias africanas. “A união é tão essencial para o ponto de vista das sombras e seu bem-estar quanto para seus sobreviventes, os ainda vivos” (BERGLUND, 1976, p. 335). As pessoas se reúnem para os ritos e cerimônias na casa da família, o cemitério dos ancestrais. Esses rituais familiares são importantes, como observa Berglund: “[...] as celebrações rituais são ocasiões em que a linhagem, incluindo os vivos e os falecidos, se reúnem para experimentar a união, a comunhão” (BERGLUND, 1973, p. 41).

2.11 Saída da África do Sul e da Ordem dos Missionários de Mariannhill

A saída conduz de uma passagem estreita para uma área ampla. Torna-se necessária quando algo bloqueia nosso percurso, e nós, para sobreviver e recuperar nossa liberdade, temos que buscar um novo caminho. (HELLINGER, 2020, p. 83).

Uma carta trazida pelo bispo Streit, em 1969, foi o primeiro movimento

rumo a um ponto final não só no período de Bert Hellinger na África do Sul, como também em sua carreira como missionário. Segundo sua autobiografia, por duas vezes Bert Hellinger havia representado o bispo em ocasiões oficiais, e o bispo havia se mostrado plenamente satisfeito.

Porém, em uma conversa que ocorreu antes que Bert fosse novamente substituí-lo, desta vez na Conferência Sul-Africana de Bispos, o bispo Streit apresentou a Bert Hellinger uma carta na qual ele, Bert, era acusado de heresia.

Segundo o texto, Bert Hellinger estaria difundindo uma doutrina que se afastava dos dogmas da Igreja Católica-Romana. E a razão de ser acusado de herege também se estendia às opiniões teológicas modernas, também expressas por Bert durante suas aulas de religião no St. Francis College.

Bert nunca soube quem era o autor da carta, já que o bispo não lhe revelou. Sua única certeza foi a de que a carta havia sido escrita por alguém de sua Ordem.

As razões pelas quais isso aconteceu também não ficaram claras. Como era evidente que o bispo Streit pretendia tornar Bert Hellinger seu sucessor, a acusação de heresia poderia ter sido um golpe por inveja. Outra hipótese é a de que Bert Hellinger poderia estar causando problemas diretos com o governo sul-africano, uma vez que sua postura *antiapartheid* sempre havia sido muito contundente.

Mas, mais contundente ainda foi a resposta que Bert Hellinger deu a Streit após a acusação: “Se não posso ter sua confiança nesse sentido, então também não posso representá-lo na Conferência dos Bispos. E tampouco posso continuar a exercer meus cargos. Renuncio a todos eles, com efeito imediato” (HELLINGER, 2020, p. 76).

Embora o bispo tenha tentado por três vezes dissuadi-lo da decisão, ela já estava tomada. Bert Hellinger observou que sentia confiança quando renunciou ao controle e que, desta forma, deixava algo dele para outra pessoa.

Não demorou para que a Ordem da Alemanha soubesse dos fatos e trouxesse Bert Hellinger de volta para Würzburg. Em seu país natal, muitos estavam felizes com o que ocorrera, pois insistiam para que ele assumisse os seminários dos Missionários de Mariannhill. Mas, a visão que Bert tinha dos padres, naquele momento, já não era a mesma que ele tinha quando havia viajado para a África do Sul.

Já familiarizado com a dinâmica de grupo, técnica terapêutica que acabaria futuramente influenciando suas Constelações Familiares, Bert Hellinger passa a perceber que os padres tinham uma posição privilegiada, porém distante da realidade.

“Eram os pastores, e os fiéis eram as ovelhas. Também na Igreja, se estava à frente da comunidade. O lugar do padre era alguns degraus acima, no altar e no púlpito. Era visto em posição superior, algo bem diferente do que ocorre na dinâmica de grupo, no qual praticamente se atua no mesmo nível dos participantes e se é um entre muitos” (HELLINGER, 2020, p. 79).

Dois meses após retornar à Alemanha, Bert Hellinger teve a oportunidade de assistir, em Würzburg, a uma palestra de Adolf Martin Däumling, catedrático de Psicologia Clínica no Instituto de e Psicologia da Universidade de Bonn e fundador da dinâmica de grupo na Alemanha. Como já estava praticando a técnica desde a África do Sul, Bert foi um dos poucos da cidade a saber do que se tratava e, assim, pôde se apresentar ao Prof. Däumling.

Imediatamente, foi convidado para ser seu assistente na cidade de Bonn, iniciando ali um caminho que, anos depois, levaria à criação de sua própria técnica terapêutica: as Constelações Familiares de Bert Hellinger. Na sequência, Hellinger passa a ministrar cursos e se torna instrutor no Círculo Alemão de Dinâmica de Grupo e Psicoterapia de Grupo (DAGG), o que lhe traz um convite à liberdade: uma nova fonte de renda.

“Em meu íntimo, eu já estava me distanciando cada vez mais da Ordem. Justamente para a Igreja e, portanto, para a Ordem, as ideias costumam ser mais importantes do que o ser humano. Com esse conflito interior, fui ao primeiro congresso de dinâmica de grupo em Colônia, onde conheci Ruth Cohn” (HELLINGER, 2020, p. 81).

Com Ruth Cohn, Bert Hellinger participou de uma sessão de Gestalt-Terapia que selou a mudança de rumo de sua vida. Na técnica conhecida como “cadeira quente”, Bert passou a ver outro futuro à sua frente. Um futuro sem a Ordem. A frase final, ao fim da sessão, foi: “Eu vou”. E, após repetir essa frase a cada participante do grupo, ficou claro para Bert Hellinger que, a partir daquele momento, só havia uma saída: “a saída começa na mente. Inicia-se com a decisão de abandonar algo antigo, que nos mantinha presos e ainda nos fazia esperar alguma segurança, e de nos orientar para outro lugar e começar algo

novo” (HELLINGER, 2020, pp. 82 - 83).

2.12 Sobre a religião em concordância com o mundo e o Taoismo

- Uma coisa é a observação de que existe um movimento dentro do campo. Outra coisa, que somos movidos, é uma reflexão e conclusão filosófica. Quando chamo isso de “divino”, trata-se de um deslocamento e de uma simplificação. Isso não se justifica. Há um poder que atua, mas pensar que isso é Deus ou divino é uma conclusão precipitada.
- *Portanto, para o senhor, “religioso” significa referir-se a um Deus. É isso que o senhor quer evitar?”*
- Sim, exatamente.
- *Digamos que isso é um nível espiritual. Em toda filosofia existe isso. No taoismo, no budismo.*
- No taoismo isso não seria denominado “divino”. Pela reflexão filosófica, podemos dizer que tudo o que se move é movido por outra instância. Que possa haver um movimento a partir de si mesmo é algo impensável. Não é racional pensar isso, embora eu não possa demonstrá-lo, mas essa pressuposição é importante para a prática. (HELLINGER, 2006b, p. 145).

Em “Experiências de Deus”, parte de um colóquio no Congresso sobre Fundamentalismo e Arbitrariedade no campo da Ciência e da Terapia realizado em Heidelberg, na Alemanha, em 3 de maio de 1996, Bert Hellinger fala sobre a religião em concordância, um conceito da filosofia hellingeriana também conhecido como o “assentir” ou aceitar as coisas como são, sem querer modificá-las:

Tenho uma concepção da religião. Denomino-a religião em concordância com o mundo, tal como ele se manifesta. Dizer que estou em concordância com o mundo equivale a dizer: “Estou satisfeito com o mundo, tal como ele é. Estou satisfeito comigo, tal como sou. Estou satisfeito com os outros, tais como são. Estou satisfeito com aquilo que é assustador: com a morte, a culpa, o destino. Estou em concordância”. (HELLINGER, 2005, p. 87).

No universo das Constelações Familiares e em muitos dos seus textos Hellinger também cita o Taoismo como parte de sua filosofia:

Há uma explicação sobre o Tao que, acredito, também dialoga com este conceito sobre a religião como aceitação do mundo: o Tao Te King fala do Tao, um termo chinês cujo significado é semelhante ao que damos à alma, principalmente à grande Alma. Segundo os ensinamentos do livro, quando tentamos nomear o Tao, já não significamos o Tao constante e permanente, que é sem nome e precede tudo. (HELLINGER, 2005, p. 115).

O autor arremata o diálogo entre Cristianismo e Taoismo com uma metáfora acerca do caminho da purificação que culmina na “noite do espírito”, um conceito ou imagem derivada de São João da Cruz que, segundo Bert

Hellinger, exige nossa renúncia perante toda espécie de saber. Uma renúncia total sobre os mistérios e fundamentos do mundo que nos coloca em um importante vazio:

Então ficamos vazios. No taoismo, isso corresponde à imagem do centro vazio, onde tudo é silêncio. É curioso que, quando penetramos nesse centro e na noite do espírito, e buscamos saber cada vez menos, ler cada vez menos, cultivar cada vez menos pensamentos, e nos mantermos recolhidos nessa atitude, subitamente algo se passa em torno de nós, sem que precisemos fazer coisa alguma. Na medida em que permanecemos imóveis, entramos em sintonia com algo maior. Então nos vêm conhecimentos profundos que nunca poderíamos imaginar. (HELLINGER, 2005, p. 109).

2.13 Tao Te Ching

A SABEDORIA

O sábio concorda com o mundo tal como ele é,
Sem medo e sem intenções.
Reconciliou-se com o efêmero,
E não se esforça para alcançar o que não acaba com a morte.
Vê em perspectiva, porque está em sintonia.
E só interfere quando o fluxo da vida o requer.
Sabe distinguir se algo é viável ou não,
Porque não tem propósitos.
A sabedoria é fruto de longa disciplina e exercício,
Mas, quem a tem, a possui sem esforço.
A sabedoria está sempre a caminho e atinge o alvo sem buscá-lo.
Ela cresce. ("Tao Te Ching", citado por HELLINGER, 2005, p. 109).

A obra taoista citada em algumas obras de Bert Hellinger é o Tao Te Ching (Daodejing, o "Livro da Virtude do Tao" ou "Livro do Caminho da Virtude"), atribuído ao pensador chinês Lao-Tzu (Laozi ou Lao Tsé), considerado até hoje o livro básico do Taoismo em todas as suas várias tradições e ramificações.

Escrita provavelmente por volta do séc. VI AEC, a obra influenciou profundamente o pensamento chinês em sua época e nos séculos seguintes. Lao-Tzu é tido como contemporâneo de Confúcio e, desde tempos muito recuados, ambas as escolas de pensamento partilham tanto posições antagônicas (SILVA, 2014, p. 36) quanto pontos de convergência.

Para o Prof. Li Yangzheng, do Chinese Taoist College de Beijing, é inequívoca a existência da distinção entre Taoismo filosófico e religioso através da história chinesa. Em chinês chamamos hoje o Taoismo filosófico de "daoia" e o religioso de "daoiao". Daoia significa "família do Tao" ou "morada do Tao". (SILVA, 2014, p. 61).

Dessa forma, para os religiosos e estudiosos chineses, a religião taoista é a flor e o fruto da árvore que se apoia nas raízes filosóficas. Sendo a religião o desenvolvimento posterior da filosofia, teria, nela, sua base e fundamento (SILVA, 2014, p. 62).

Também não existem regras de conduta e o que pode ou não fazer, com exceção da vida em mosteiros e comunidades que necessitam de regras para uma saudável convivência e em virtude do segmento que está estudando. Existem conselhos para trilhar o Caminho com mais firmeza, mas você deve escolher se segue ou não. O Taoísmo prega a simplicidade, humildade e benevolência, mas são valores que você deve cultivar dentro de si e não regras externas a serem respeitadas. Quanto mais próximo destes valores, mais próximo do Tao. (SILVA, 2014, p. 63).

O Tao Te Ching é formado por 81 poemas (ou capítulos) divididos em duas partes: a primeira, “Tao”, que se preocupa em transmitir uma ideia deste conceito; e a segunda, “Te”, a virtude em seguir este Caminho.

O livro também marca a primeira vez – ou, minimamente, o uso mais antigo registrado por escrito até o momento – do termo “Tao”. Acredita-se que a atual divisão do texto, com os capítulos dispostos na ordem Tao/Te, seja mais recente. Um exemplar da obra datado do século II AEC (Dinastia Han), recuperado da tumba de Mawangdui, em Changsha, mostra uma disposição inversa, com Te vindo antes de Tao (SILVA, 2014, p. 81).

Já nas primeiras linhas do capítulo 1 do Tao Te Ching, podemos ler: O Caminho [Tao] que pode ser expresso não é o Caminho [Tao] constante. O nome que pode ser enunciado não é o Nome constante. Sem-Nome é o princípio do céu e da terra Com-Nome é a mãe de dez mil coisas”. (SILVA, 2014, p. 88).

O Tao não pode ser expresso, pois não seria o Tao verdadeiro. O nome que pode ser enunciado não é o verdadeiro (nome constante). O que não tem nome é o princípio do Céu e da Terra, ou seja, o verdadeiro Tao que não pode ser nomeado; o Com-Nome é a mãe de dez mil coisas, em nosso mundo físico, pois tudo o que existe possui um nome e foi por nós “catalogado”. Todavia, o Tao foge dessa condição.

O Tao é um princípio, uma condição, que está fora de nossa percepção convencional. Para conhecê-lo é preciso ultrapassar a barreira do racionalismo puro e abandonar o intelecto, penetrando em um estado

de hiperconsciência similar ao que os indianos chamam de “samadhi” e que os ocidentais denominam simplesmente como “iluminação”. O Tao existe, é real, mas só pode ser apreendido por aqueles que se esforçarem em sua busca. E mesmo depois de compreendido não pode ser explicado, pois as palavras e conceitos linguísticos que utilizamos não são suficientes para descrevê-lo. Por não haver palavras ou expressões que possam retratar essa realidade, que deve ser apreendida e não apenas compreendida, Laozi lhe deu um apelido: “Tao”, que significa “caminho”. (SILVA, 2014, pp. 88-89).

Já o termo “Te” significa, literalmente, “virtude”. Porém, no Ocidente, quando pensamos em “virtude”, o que nos vem à mente são obediência e regras morais. Todavia, nada estaria mais longe do significado chinês, já que, para os taoistas, virtuosa é a pessoa que vivencia o Tao em tudo o que faz, imersa no Absoluto.

Essa pessoa imersa no Absoluto é chamada de junzi, o “Ser Perfeito”. Junzi significa literalmente algo como “nascido da nobreza”, evidenciando uma elite que se destaca dos demais. Compreensível, pois não se vê muitos “seres perfeitos” por aí. Lemos no Tao Te Ching, Capítulo 38: A Virtude Superior é não-ação, pois não utiliza ação. A Virtude Inferior é ação, que faz uso da ação. (SILVA, 2014, p. 92).

Lao-Tzu deixa claro que o termo “virtude”, do ponto de vista taoista, é bem distinto da virtude comum que conhecemos: a virtude aprendida por regras, dependente de ações e respeitada por medo de represálias. Esta é nomeada por Lao-Tzu como a “Virtude Inferior”. Já a virtude de ser que é um com o Tao é a “Virtude Superior”, que precisa da não-ação para ser atingida (SILVA, 2014, p. 92).

Uma pessoa que atingiu a harmonia e está imersa no Tao pode ser denominada de Junzi ou “Ser Superior”. Alguém que atingiu a comunhão com o Tao, que age sem agir (*Wuwei*) e que se mantém uno com todo o Universo. Portanto o que faz de uma pessoa um Junzi é o Te, a virtude. Ele se torna perfeito apenas em razão de estar em ressonância com o Tao. (SILVA, 2014, p. 93).

Em “O Amor do Espírito”, Bert Hellinger traz a metáfora de um monge. Nela, tanto o conteúdo quanto o título, “O não-ser”, parecem inspirados na filosofia oriental:

O não-ser: Um monge que andava buscando pediu a um mercador uma esmola. O mercador se deteve por um momento e ao dar-lhe o que pedia, perguntou do monge: “Como é possível que você me peça o que lhe falta para viver e, no entanto, precise menosprezar a mim e

ao meu modo de vida, que lhe proporcionamos isso?" O monge lhe respondeu: "Em comparação com o Último que busco tudo o mais me parece pequeno". Mas o mercador perguntou ainda: "Se existe um Último, como pode haver algo que alguém possa buscar ou encontrar como se estivesse no fim de um caminho? Como poderia alguém sair ao seu encontro e apossar-se dele, como se fosse uma coisa entre outras muitas, mais do que muitos outros? E inversamente, como poderia alguém afastar-se desse Último, ou estar menos a seu serviço, ser menos conduzido por ele do que as outras pessoas?" O monge retrucou: "Encontra o Último quem renuncia ao próximo e ao presente". Mas o mercador ainda ponderou: "Se existe o Último ele está perto de cada um mesmo que esteja oculto no que nos aparece e no que permanece, assim como em cada ser se oculta um não-ser e, em cada agora, um antes e um depois. Comparado ao ser, que experimentamos como fugaz e limitado, o não-ser nos parece infinito, como o de onde e o para onde, comparados ao agora. Porém o não-ser se revela a nós no ser, assim como o de onde e o para onde se revelam no agora. O não-ser, como a noite. (HELLINGER, 2009, p. 74).

2.13.1 Os conceitos de *Wuji*, *Ziran* e *Wuwei*

Um dos conceitos mais importantes da filosofia chinesa e do Taoísmo é o de “vazio”. Os chineses afirmavam que tudo o que existe só possui essa realidade porque um espaço vazio assim o permitiu. “O filósofo grego Demócrito (460-370 AEC) foi o primeiro ocidental a chamar a atenção para o vazio ao afirmar que no Universo ‘há apenas átomos e vazio’. Os chineses foram além ao afirmarem que a própria existência do universo dependeu da existência de um vazio original, chamado de Vazio Primordial” (SILVA, 2014, p. 95).

Para nosso universo existir foi necessário que houvesse um vazio que o pudesse conter, pois nada poderia existir sem um espaço para que existisse. Esse vazio primordial é chamado em chinês de *wuji* (“vazio supremo”), e faz parte dos conceitos cosmológicos chineses principais. É um termo muitas vezes utilizado para se definir o infinito, o que não tem limites, e um estado de vacuidade absoluta, não representado apenas pela ausência de tudo, mas uma vacuidade que tende à transcendência já que é a matriz de tudo o que existe. (SILVA, 2014, p. 95).

Wuji (無極) seria, então, o “Sem Cumeeira”, “Sem Viga Mestra” ou, segundo algumas traduções para o inglês, o “Sem Extremidades”, “Sem Fim”, “Sem Fronteiras” ou “Infinito”. A ausência da “viga mestra” diz respeito à ausência de limites; ela se refere a um objeto, fenômeno, contexto ou configuração anteriores a quaisquer sistemas de medição – anteriores, mesmo, a uma inteligência demiúrgica à moda platônica, capaz de construir valores e classificar as coisas. (APOLLONI, 2014, pp. 5-6).

Esse “Vazio” do Tao é um espaço criador, gerado no interior do ser, para iniciar a construção de um novo corpo incorruptível e imortal. Análogo ao útero

feminino, porém construído em um nível extrafísico (entre o material e o espiritual), que tanto homens quanto mulheres poderiam alcançar (BUENO, 2021, p. 47).

Nas Constelações Familiares, o vazio aparece tanto nos ensinamentos acerca da postura do constelador familiar quanto na proteção dele, uma vez que este é um trabalho que, por tratar quase sempre questões de vida e morte, muitas vezes alcança dimensões perigosas e que demandam movimentos que exigem o máximo de cuidado.

Bert Hellinger ressalta que não é aconselhável que um terapeuta se exponha cegamente a uma situação, nem com conceitos pré-concebidos sobre o que fazer, uma vez que nem sempre ele, o terapeuta, é capaz de mensurar imediatamente o que a situação exige dele:

Poderá expor-se a ela apenas quando tem alguma proteção. A proteção vem do vazio. Apenas quando nos expomos para além de todos os desejos e todo temor a algo maior, e quando nos movemos apenas até o ponto que este nos conduz e leva, podemos e devemos fazer esse trabalho. (HELLINGER, 2009, p. 147).

Em relação à postura do constelador, variações deste conceito do vazio podem ser subentendidas tanto pelas orientações de distância para lidar com o cliente – “Seja lá o que for que ele diga, esqueçam. Não se norteiem de modo algum por aquilo que ele diz, isso é, criem um espaço entre vocês e o problema” (HELLINGER, 2009, p.142) – quanto, implicitamente, no “vazio de intenções” –

A segunda distância é que me exponho a uma situação ou a um problema de um cliente sem nenhuma intenção [...] expomo-nos a um cliente sem intenções, sem a intenção de ajudá-lo. Renunciamos todas as ideias sobre o que poderia ajudá-lo (IDEM).

“O Vazio” é, também, o título de parte de um texto de Bert Hellinger no qual, após citar um poema de Rainer Maria Rilke (seu poeta preferido), ele reflete sobre o poema que se sucede ao vazio:

Em torno de que realidade giramos, como se a tomássemos por Deus? A realidade, em torno da qual giramos, pode ser como Deus? Criamos uma imagem dela como se fosse nosso verdadeiro centro? As voltas são tão estreitas que, de repente, nosso eu ocupa o centro? Ou são largas e cada vez se ampliam mais, porque se traçam com amor em torno de um centro último e vazio, e no final ficamos silenciosos e

admiramos? Tornamo-nos também um hino? Quando olhamos em torno de nós e para o mundo onde vivemos, o que se tornou para muitos o centro de seus giros? O que se tornou para eles aquela torre antiquíssima, em torno da qual gravitam? (HELLINGER, 2015, p. 32).

Uma ideia fundamental de Lao-Tzu era a de retorno ao estágio primitivo do ser humano ou à natureza original (*Ziran*), na qual estaria verdadeiramente em harmonia com a natureza. Para o pensador chinês, os grandes males – guerra, corrupção, violência desmedida, desigualdade – eram resultado da ideia de Cultura, uma invenção artificial (oriunda da mente humana) que nos afasta do ciclo natural das coisas.

Criar animais, plantar hortas, acumular bens, bolar conceitos, tudo isso era um desenvolvimento antinatural ao curso dos seres na natureza. Se pudéssemos nos desvencilhar dessa relação, poderíamos viver uma vida realmente mais simples e conforme a nossas autênticas tendências naturais. Essa era a ideia de *Ziran*, que significava um retorno aos padrões básicos da vida. (BUENO, 2021, p. 27).

Outro conceito importante no Taoismo é o de Não-agir (*Wuwei*). Conforme postulado por Lao-Tzu, não adiantava escapar da vida mundana, mas era necessário também criar comportamentos, mudando a estratégia de viver. Para enfrentar esses dilemas, ele propunha um sistema de ação que considerava fundamental para levar uma vida simples e despreocupada. O *Wuwei* é esse não-agir ou um agir conforme a necessidade, isento de propósito (BUENO, 2021, p. 28). Bert Hellinger escreve sobre o conceito e cita Lao-Tzu:

O Mestre
Repousando na ação, não agindo,
Ensinando, não falando:
Diante dele, todos os seres estão presentes.
Dá-se inteiro aos que chegam;
Sem possuí-los, convence-os,
Sem agarrá-los, toca-os.
Não permanecendo, findo seu trabalho,
Deixa-os livres.
Sem se apegar a eles,
Não fica abandonado.
(HELLINGER, 2006a, p. 213)

Alguns exemplos de como ele funciona são: não agir em caso de dúvida e não atender convenções sociais. Outro é mover-se de modo independente e autônomo, em função dos sentimentos, adaptando-se e sendo flexível. Afinal,

ninguém deveria atuar baseado nas ideias de dever, mas simplesmente fugir, atacar ou não fazer nada de acordo com as necessidades (comer, dormir, defender-se etc.). “*Wuwei* é este mover-se com o ritmo. Agir conforme a necessidade. Não é preguiça, indolência ou astúcia, conceitos essencialmente humanos; é a suprema inteligência da natureza, o caminho verdadeiro” (BUENO, 2021, p. 28).

Dessa forma, Lao-Tzu reconduzia os seres a seu estado mais original de existência: a própria natureza, o Tao (ou Dao). Logo, o Caminho estava em tudo, mas era indispensável senti-lo, percebê-lo e resgatar a humanidade do seu erro primário, que foi criar a Cultura. A virtude real consistia, simplesmente, em vivenciar o Tao (BUENO, 2021, pp. 28-29).

Em o “O Amor do Espírito”, Hellinger volta a citar Lao-Tzu e a sua não-ação:

Os grandes místicos, também no Islamismo e na China, neste caso Lao Tse, atuam através da não-ação. Não por serem preguiçosos. Expõem-se ao todo, observam o que acontece e mesmo assim se contêm. Sobretudo se contêm no desejo de ajudar. Deste modo não interferem em nada. Então, tudo pode se desenvolver por si só e de acordo com cada um. (HELLINGER, 2009, p. 149).

2.13.2 O equilíbrio Yin/Yang

Sobre o Taoismo, no contexto desta dissertação, faz-se pertinente também falar sobre o equilíbrio de Yin/Yang, elementos opostos e complementares que são conceitos centrais na cosmogonia chinesa. Ainda que seja bastante conhecido, esse “par” é, muitas vezes, mal interpretado.

Consideradas inicialmente como opositoras, essas forças se integram em uma unicidade da qual dependem todas as coisas do universo.

Do vazio original (*Wuji*) surgiu o nosso Universo, através da divisão do Uno original em duas forças: Yin e Yang. Portanto, tudo o que existe em nosso Universo deve, necessariamente, possuir essas duas forças conjuntas em sua constituição. Nada existe sem o Yin e Yang. Muitos conceitos equivocados são transmitidos sobre estas polaridades complementares. (SILVA, 2014, p. 105).

Por “oposição”, Lao-Tzu entende que, onde uma das polaridades estiver, a outra, fatalmente, também estará; elas estão juntas, face a face, e são

essenciais à sua própria configuração; se um dos componentes do par não estivesse, o outro também não estaria, pela simples falta de seu oposto – e isto porque não existem “Yin” ou “Yang” absolutos.

Essa “oposição”, então, existe em um sentido de inter-relacionamento e nunca no de enfrentamento. A ideia de “enfrentamento”, aliás, é humana, e nada tem a ver com a situação em si, ela pertence ao observador que toma partido. Afinal, não existe Yin sem Yang ou Yang sem Yin, por isso é dito que eles se contrapõem.

Enquanto a cultura cristã ocidental prega a luta entre Bem e Mal e a vitória do Bem no final, os chineses afirmam que não pode existir vitória de um nem a destruição do outro, pois o Bem não existe sem o Mal e vice-versa. [...] A existência e a inexistência geram-se uma pela outra. O difícil e o fácil completam-se um ao outro. O longo e o curto estabelecem-se um pelo outro. O alto e o baixo inclinam-se um pelo outro. O som e a tonalidade são juntos um com o outro. O antes e o depois seguem-se um ao outro. Yin e Yang são como os dois polos elétricos, positivo e negativo: se um deles faltar, não existe corrente elétrica! Dessa forma, podemos dizer também que Yin não “ataca” Yang ou o contrário, mas são peças de um mesmo jogo. (SILVA, 2014, pp. 105-106).

2.14 O equilíbrio segundo Bert Hellinger

Dialogando com o conceito taoista do Yin/Yang, temos a “Ordem do Equilíbrio”, uma das três Ordens do Amor, que, para Bert Hellinger, diz respeito ao dar e ao receber nas relações. Esse conceito, tal qual o Yin/Yang, ultrapassa limites morais, uma vez que é válido tanto para o bem quanto para o mal, já que ambos fazem parte das dinâmicas dos relacionamentos:

Quando um dos parceiros recebe do outro algo de bom, a necessidade de compensar não lhe dá descanso até que lhe retribua com algo de bom. Porém, como ama-o, faz-lhe, por precaução, um bem algo maior do que a compensação exige. Então, o outro fica sob pressão e, como ama o parceiro, também lhe faz, por precaução, um bem algo maior do que a compensação requer. Assim, aumenta a troca no bem, desde que, em seu decurso, sempre se volte ao equilíbrio e se inaugure uma nova rodada. Quando não se alcança um equilíbrio, a troca cessa. (HELLINGER, 2009, p. 48).

Na compensação do mal, a principal diferença em relação à troca do bem está na medida, já que, no equilíbrio da maldade, Hellinger sugere que o mal seja retribuído em escala menor do que foi recebido. Porém, deixa claro que é

primordial que também exista uma compensação no mal, pois quando um parceiro faz algo que fere ou magoa o outro, a vítima deve fazer algo que lhe traga uma dor semelhante ou exigir dele algo igualmente difícil (HELLINGER, 2009, p. 48). Porém, quando a vítima é tão boa que simplesmente não consegue ser má, a troca não acontece e a relação fica ameaçada.

Por exemplo, se um dos parceiros tem um caso e o outro insiste em se manter inocente, o culpado não consegue mais equiparar-se. Se, porém, o outro lhe paga na mesma moeda, a relação pode ser retomada. Entretanto, se a vítima ama o ofensor, não deve fazer-lhe uma afronta do mesmo tamanho, pois assim ficariam quites. (HELLINGER, 2009, p. 48).

Bert Hellinger destrincha melhor essa dinâmica explicando que a vítima, ciente de sua própria inocência, deve ser cuidadosa em não exagerar na vingança, sob pena de dar ao ofensor o direito de um novo ataque – o que poderia acarretar um círculo vicioso de maldade que culminaria em rompimento.

Pois se a vítima e o ofensor forem se suplantando em suas afrontas; agindo no mal como se fosse um bem, a troca no mal irá sempre crescendo. Uma troca assim também liga o casal, mas para a própria desgraça. De resto, conhece-se a qualidade de uma relação de casal verificando se a troca se efetua principalmente no bem ou no mal, e quanto se investe em cada um desses lados. (HELLINGER, 2009, p. 49).

Logo, a melhor solução costuma ser que a vítima lhe faça uma afronta um pouco menor, para que tanto a justiça quanto o amor sejam satisfeitos e a troca no bem possa ser retomada. Essa é a cartilha de Bert Hellinger para que um casal recupere a felicidade num relacionamento, transformando uma troca no mal numa troca no bem, e incrementando esta troca com amor (HELLINGER, 2009, p. 49).

CAPÍTULO 3: BERT HELLINGER TERAPEUTA

Embora a experiência de Bert Hellinger no universo terapêutico tenha se iniciado alguns anos antes, nas dinâmicas de grupo que ele havia começado a frequentar nos tempos de missionário de Mariannhill por opção didática, optamos por estabelecer um momento específico – que marca o início deste Capítulo – como sendo o da sua “chegada oficial” ao campo das terapias. Explicamos: foi nesse momento, por ocasião de sua saída da Ordem de Mariannhill e sua mudança para Viena, que Hellinger passou a se dedicar integralmente à carreira/jornada de terapeuta, dissociado das atividades eclesiais e docentes. Esse momento também é marcado pelo início de sua formação psicanalítica no Círculo Vienense de Psicologia Profunda, fundado pelo psicólogo e psicanalista Igor A. Caruso.

3.1 Saindo do mosteiro para os braços de uma ex-freira

O vínculo do casal: De acordo com uma bela expressão da Bíblia, através da consumação do amor, o homem deixa seu pai e sua mãe e se une à sua mulher, e ambos se tornam uma só carne. Isso também vale para a mulher. Esta imagem reflete um processo na alma, cuja realidade experimentamos através de seus efeitos. Pois esse processo na alma cria um vínculo que, mesmo contra a nossa intenção, se manifesta como algo que não pode ser anulado e, por essa mesma razão, não pode ser repetido. (HELLINGER, 2009, p. 48).

Aos 45 anos, a vida de Bert Hellinger recomeçava. Até então “protegido” pelos muros de um mosteiro, não tinha que se preocupar com coisas básicas, como fazer compras, cozinhar e limpar (HELLINGER, 2020, p. 103). Pouco tempo depois, conheceria sua primeira esposa, Herta, seis anos mais nova, assistente social e psicoterapeuta. Naquela época, ela também era religiosa, uma freira em um convento de Viena. Bert Hellinger planejava retornar para África do Sul logo após se formar como psicanalista e, como Herta aceitou esta condição, Bert Hellinger soube que aquele era um bom sinal para o casamento. E assim aconteceu: o ex-padre se casou com uma ex-freira.

Na ordem do amor no relacionamento entre homem e mulher, ambos precisam se reconhecer como iguais. A tentativa de se comportar como pai ou mãe do outro, demonstrando autoridade, ou como filho,

demonstrando submissão, restringirá e ameaçará o relacionamento. Se o homem ou a mulher se comportam como se tivessem autoridade de pai ou mãe sobre o outro, arrogam-se perante seu igual os mesmos direitos que os pais têm em relação aos filhos. Com frequência, o outro esquiva-se da pressão e busca alívio e compensação fora do relacionamento. (HELLINGER, 2020, p. 105).

A Hellinger Ciencia®, que ele e sua segunda e derradeira esposa, Sophie Hellinger, iram fundar décadas depois, se apresenta como a “ciência dos relacionamentos”. Logo, quando fala de relacionamento de casais, Bert Hellinger define que a atração do casal tem fundamentação bíblica, colocando que, por meio da consumação do amor, se revela a superioridade da carne sobre o espírito. E aproveita o ensejo para expor que, muitas vezes, tentamos depreciar a carne em relação ao espírito como se aquilo que ocorre por instinto, necessidade, desejo e amor fosse inferior ao que a razão e a vontade moral exigem do indivíduo.

No entanto, o instintivo demonstra sua sabedoria e sua força justamente quando o racional e o moral chegam a seu limite e renunciam. Isso porque por meio do instinto agem um espírito mais elevado e um sentido mais profundo, diante dos quais nossa razão e nossa vontade moral recuam e fogem quando se encontram em dificuldade. (HELLINGER, 2020, p. 105).

Bert Hellinger conclui que, nas belas palavras da Bíblia, pela consumação do amor o homem deixa pai e mãe e passa a se dedicar à esposa, e ambos se tornam uma só carne.

Aqui, também ressalta como os laços com a religião são difíceis de serem desfeitos. Vale lembrar que o próprio Bert Hellinger, ao deixar o mosteiro e se casar com uma ex-freira, relatou que a Igreja Católica ainda se colocava em sua vida, mesmo que ele assim já não mais desejasse: “Um ano e meio após o casamento, recebi uma correspondência de Roma: era a autorização da cúria para o matrimônio. Estranho; afinal, nunca pedi autorização para isso” (HELLINGER, 2020, p. 106).

3.2 O Círculo Vienense de Psicologia Profunda, de Igor A. Caruso (1914-1981)

Em Viena, com o suporte de Herta, Hellinger prestou todos os exames até concluir sua formação em Psicanálise. Além disso, leu as obras completas de Sigmund Freud, com quem aprendeu a lidar com resistências e projeções, o que lhe foi muito útil em seu trabalho posterior na área de Constelação Familiar (HELLINGER, 2020, 106).

Em seguida, mudou-se para uma casa em Ainring, na fronteira de Salzburgo com a Áustria, onde passou a integrar o Círculo de Psicologia Profunda de Salzburgo, presidido pelo professor Igor A. Caruso, nascido em 1914 de uma família da pequena nobreza da cidade de Tiraspol (atual Moldávia/Transnístria), outrora pertencente ao sul da Rússia (HELLINGER, 2020, p. 107).

Personagem destacado na área terapêutica austríaca e europeia no pós-guerra, Caruso acabou, contudo, visto com grandes ressalvas especialmente a partir dos anos 1970 e 1980, principalmente pela publicidade de suas ligações pregressas com as SS (*Schutzstaffel*, organização paramilitar ligada ao Partido Nazista) e com um programa de eutanásia de crianças levado a cargo na instituição *Am Spiegelgrund*, de Viena³.

A despeito de seus conhecimentos e de sua reputação como especialista, Caruso não dispunha de nenhuma graduação em Psicologia, apenas em Pedagogia, como observa o próprio Hellinger. A revelação de suas relações com o Nazismo foi algo ao mesmo tempo estarrecedor e pedagógico:

Quando ingressei no Círculo de Psicologia Profunda de Salzburgo, nem todos os contextos descritos eram conhecidos do público. A reputação de Caruso continuava ileso. Mais tarde, quando tomei conhecimento do seu passado, fiquei chocado e profundamente abalado – por um lado – devido ao horror pelos crimes cometidos; por outro, porque me senti enganado pela integridade simulada; e, por fim, pelos abismos que começavam a se abrir aos olhos de todos [...] No entanto, nosso abismo é uma benção. Eles nos tornam precavidos e nos protege da queda, porque os tememos. Acompanham-nos onde quer que amemos e sirvamos. Mantêm-nos atentos. Quanto mais nos elevamos acima deles, maior é a força com que nos atraem. Portanto, é melhor ficarmos perto deles e termos consciência deles. (HELLINGER, 2020, pp. 112-113).

³ A esse respeito, ver, por exemplo, GONZÁLES, 2015.

3.3 Terapia Primal de Arthur Janov (1924-2017)

Arthur Janov nasceu em 1924 na cidade de Los Angeles. Doutor em Psicologia, trabalhou até 1960 como psicoterapeuta em um consultório particular seguindo a linha freudiana. Desenvolveu então seu próprio método, chamado de terapia primal (*primal therapy*). “Janov partia do princípio de que experiências e vivências traumáticas na primeira infância e a dor primal (*primal pain*) a elas relacionadas seriam responsáveis não apenas por doenças psíquicas, mas também por doenças físicas” (HELLINGER, 2020, 113).

O contato de Bert Hellinger com essa técnica ocorreu enquanto ele participava do Círculo de Psicologia Profundo de Salzburgo, quando leu “O Grito Primal” (*The Primal Scream*), livro publicado em 1970. Naquela época, não só se ele identificou com a técnica, como também a introduziu com êxito em seu trabalho de dinâmica de grupo (HELLINGER, 2020, p. 113).

Vale observar que, a partir de Janov, Bert Hellinger iniciaria uma relação com uma série de terapias e terapeutas que participam do *ethos Nova Era* e que têm características comuns. Boa parte deste escopo pode ser encontrado no notório Instituto de Esalen, que estará na conclusão deste Capítulo.

Uma das características percebidas nesse *ethos* é a participação de celebridades na promoção destas terapias. Entre os clientes famosos de Janov, por exemplo, estavam o ex-Beatle John Lennon e sua mulher, Yoko Ono.

John Lennon sofria, sobretudo, por seu relacionamento com seus pais. Seu pai abandonara a família quando o cantor e compositor ainda era bebê. Sobrecarregada, sua mãe, Julia Lennon, entregou-o aos cuidados de sua irmã Mimi Smith. Mãe e filho só se reaproximaram cerca de dez anos mais tarde. Porém, em 1958, Julia Lennon morreu, atropelada por um policial embriagado”. (HELLINGER, 2020, p. 114).

E foi após sessões de terapia primal com Janov que John Lennon compôs a memorável canção “*Mother*”: “*Mother, you had me, but I never had you*” [Mãe, você me teve, mas eu nunca tive você]; “*Father, you left me, but I never left you*” [Pai, você me deixou, mas eu nunca o deixei]. O refrão de dois versos no final da canção, “*Mama, don’t go, Daddy come home*” [Mãe, não vá embora; pai, volte para casa], intensifica-se até se tornar um grito comovente. Puro *primal scream* (HELLINGER, 2020, p. 115).

Foi numa sessão de Gestalt-terapia que Bert Hellinger concluiu que terminara sua trajetória de missionário cristão – iniciando, ali, seu ciclo na psicanálise. Sua entrada no grito primal levou Bert a um novo rompimento e ao início de um novo ciclo. Afinal, ao citar o livro *The Primal Scream*, de Janov, numa palestra no Círculo de Psicologia Profunda de Salzburgo, Bert Hellinger acabou sendo expulso por Caruso.

Caruso não apenas o expulsou, como também lhe comunicou que, a partir daquele momento, também passava a rejeitar o seu reconhecimento (já conquistado) como psicanalista. “*Como bispo de uma igreja ortodoxa, não posso aceitar alguém do movimento Jesus People (Movimento de Jesus), declarou literalmente*” (HELLINGER, 2020, p. 115). Em sua autobiografia, Hellinger explica essa metáfora:

O que Caruso queria dizer era isto: traduzindo, ele, como guardião do cálice sagrado da psicanálise, não aceitaria ninguém que defendesse outros métodos terapêuticos ou novos métodos. Na verdade, suas palavras, nada mais eram do que o juramento antimodernista da Igreja Católica. (HELLINGER, 2020, p. 115).

Todavia, em 1982, o Círculo de Psicanálise de Munique reconheceu a formação de Bert Hellinger em Psicanálise. No mesmo ano, também recebeu da Associação de Médicos da Seguridade Social da Baviera a autorização para atuar como psicoterapeuta não médico na área da chamada “grande psicoterapia” (HELLINGER, 2020, p. 115).

Mais tarde, devolvi essa autorização, uma vez que eu não oferecia terapias individuais e nem em grupo, tampouco trabalhava como psicoterapeuta no sentido da nova lei da psicoterapia. Olhando retrospectivamente, nada poderia ter sido melhor do que a expulsão do Círculo de Psicologia Profunda de Salzburgo. Eu havia deixado um atoleiro e tomado novos rumos. Na verdade, o caminho estava livre para eu fundar mais tarde a Constelação Familiar”. (HELLINGER, 2020, p. 115).

Em 1974, Bert Hellinger e sua esposa Herta passaram um período de nove meses com Arthur Janov nos Estados Unidos. Primeiro, foram cinco meses no centro de Janov, com o próprio, durante várias horas do dia, em Los Angeles, na Califórnia. Depois, por mais quatro meses, Hellinger estendeu sua formação na cidade de Denver, no Colorado, com um de seus alunos.

Antes de iniciar a formação em terapia primal, ele conta que foi chamado ao escritório de Arthur Janov, onde lhe foi apresentando um contrato de dez páginas com uma lista de “serviços a pagar” – tudo, enfim, o que ele passava a dever ao seu formador (o próprio Janov) como troca pela formação. Como, por exemplo, um percentual importante dos valores recebidos de seus futuros pacientes/clientes. A esse respeito, Hellinger observou:

Não li direito e assinei de imediato. Depois fiquei tranquilo. Sou rápido em prometer as coisas. Não me incomodo nem um pouco em fazer uma promessa. De todo modo, depois faço o que considero correto. Nesse sentido, encontro-me inteiramente além da moral. Com efeito, quando alguém quer uma promessa é porque não a merece, mas a faço mesmo assim. A pessoa fica satisfeita, e eu, livre. (HELLINGER, 2020, p. 117).

De volta à Alemanha, Bert Hellinger transformou o porão de sua casa em um espaço de terapia primal, preparando o espaço com o isolamento acústico adequado que a prática demanda. Mais tarde, passou a combinar terapia primal com teoria de script, o que alterou a priorização dos seus métodos terapêuticos.

“Em um curso de cinco dias, reservei quatro para a teoria do script [de Eric Berne] e apenas um para terapia primal” (HELLINGER, 2020, p. 120), conta. Essa proporção de 80/20 demonstra claramente um “esvaziamento” do interesse por uma terapia em relação a outra.

3.4 A Análise Transacional e a Teoria do Script de Eric Berne (1910-1970)

Em Viena, a comunidade psicanalítica não estava muito entusiasmada com a decisão de Hellinger de incluir experiências corporais no processo terapêutico e ele se viu outra vez às voltas com o dilema: O que é mais importante, a lealdade ao grupo ou o amor à verdade e à pesquisa? Esse amor triunfou, tomando inevitável o rompimento com a psicanálise. Sua habilidade em psicoterapia à base de experiências corporais, no entanto, continuou a ser um elemento essencial de seu trabalho muito depois de a associação com Janov deixar de dar frutos [...] Seu trabalho com análise de scripts levou-o à descoberta de que alguns scripts atuam ao longo de gerações e nos sistemas de relacionamento familiar. (HELLINGER, 2006a. p. 316).

Em paralelo aos estudos de psicanálise e de terapia primal, Bert Hellinger também continuava em busca de outras formas de terapia que também enriquecessem seu ferramental de trabalho. Na ocasião em que escreveu sua

autobiografia (publicada em alemão em 2018, ocasião em que já estava com 93 anos, um ano antes de sua morte), ele se recordou da analista de grupo Fanita English que, segundo cálculos de Bert Hellinger, naquela ocasião estaria com 102 anos.

Foi ela que desenvolveu a análise transacional do psiquiatra americano Eric Berne (1910-1970), técnica que utilizava as formas de comunicação para interpretar o indivíduo em relação à sua percepção da realidade e à configuração de sua própria história de vida.

Em 1969, [ela] publicou o inovador *What Do You Say After You Say Hello? The Psychology of Human Destiny* [O Que Você Diz Depois de Dizer Olá? – A Psicologia do Destino]. O livro trata da teoria do script pertencente à análise transacional, que Fanita English, como ex-aluna de Berne, também apresentou em seu curso. (HELLINGER, 2020, p. 115).

Bert Hellinger explica que a teoria do *script* parte do princípio de que todo indivíduo segue seu próprio roteiro, ou seja, seu *script*. Como minha formação é em Comunicação Social, acho o termo perfeito, pois *script*, de fato, designa, no universo do cinema, rádio e TV, o texto que resulta do desenvolvimento do argumento do filme, vídeo, novela, programa de rádio, TV e peça teatral dividido em planos, sequências e cenas, com as rubricas técnicas, cenários e todos os diálogos. E é isso, analogicamente, que essa técnica terapêutica propõe acerca da psique humana:

A teoria do script parte do princípio de que todo indivíduo segue seu próprio roteiro, ou seja, seu script, arraigado na infância como um programa inconsciente de vida, e que evolui até se transformar em um padrão de comportamento em todas as relações. Berne supunha que um script surge por meio de instruções negativas dos pais durante a infância. Nas maiorias das vezes, a teoria do script funciona por meio de contos de fada, romances ou canções que cativaram os clientes nas infâncias, antes do quinto ano de vida, e na fase adulta, nos últimos dois anos. (HELLINGER, 2020, p. 116).

Assim como a terapia do grupo primal de Arthur Janov, Bert Hellinger também passou a introduzir a teoria do script em sua dinâmica de grupo e, com ela, dizia sempre ter encontrado excelentes soluções. Todavia, após algum tempo, esse método terapêutico passou a lhe causar uma certa inquietação. “Com ele, eu estava assumindo algo grande demais para mim e, por isso,

abandonei a teoria do script. Somente mais tarde, com a Constelação Familiar, tornei a recorrer a ela” (HELLINGER, 2020, p. 117).

3.5 A terapia provocativa de Frank Farelly (1931-2013) e a Terapia do abraço de Jirina Prekop (1929-2020)

“A terapia provocativa de Frank Farelly foi outra influência importante, bem como a terapia do abraço forte, de Irena Precop” (HELLINGER, 2006a, p. 317). Até completar cinquenta anos, Bert Hellinger estudou diversos métodos terapêuticos. “Ainda não me sentia pronto, continuava minha busca e ainda não tinha respostas sobre mim mesmo. Tudo que aprendia experimentava em mim e nos outros. Assim, pude desenvolver um grande patrimônio de experiências terapêuticas” (HELLINGER, 2020, p. 121).

Ele deixava claro que esse patrimônio tinha uma curadoria e um crivo extremamente pessoais. Esses estudos terapêuticos, para ele, não demandavam certificados ou associações que tampouco lhe interessavam, pois, como explica: “[...] com eles teria ficado preso a um grupo e a todas as suas convicções. Porém, nunca deixei que se intrometessem em minha linha de raciocínio (HELLINGER, 2020, p. 121).

Outro método que teve influência em sua formação foi a terapia provocativa, do americano Frank Farelly, professor de Assistência Social e Psiquiatra. Em sua terapia de curta duração, comumente conhecida como terapia breve, Farelly desafiava o cliente de maneira bem-humorada, mostrando seu comportamento autodestrutivo ou os pensamentos que o paralisavam, porém, sem ofendê-lo ou magoá-lo.

Dessa forma, o cliente conseguia rir de si mesmo e se libertar. Acerca da ofensa e da mágoa no contexto terapêutico, Hellinger também já havia concluído as benesses das metáforas, no contexto terapêutico, na comparação com os conselhos diretos do terapeuta para o cliente:

Aquele a quem se dá um bom conselho sente-se inferior. Como ele se protege, então, dessa perda de autoestima? Para manter sua dignidade, acaba não seguindo o conselho e, se possível, chega a fazer justamente o contrário. Em contrapartida, as histórias não lhe tiram a dignidade, e o conselho nelas escondido é seguido. Desse modo, elas levam à cura”. (HELLINGER, 2020, p. 125).

Bert Hellinger também desenvolveu uma estreita ligação e amizade com a psicóloga Jirina Prekop, que em 1970, chegou à Alemanha vinda da então Tchecoslováquia. Ela trabalhava com a “terapia do abraço”. Mais tarde, Hellinger e Prekop realizaram, em parceria, seminários combinando Constelação Familiar com a terapêutica do abraço da psicóloga tchecoslovaca (HELLINGER, 2020, p. 127).

3.6 A hipnoterapia de Milton H. Erickson (1901-1980)

Seguiu-se trabalho adicional em terapia familiar com Thea Schönfelder e com hipnoterapia e Programação Neolinguística (PNL) com Milton Erickson [...] O elemento principal que tomou à PNL foi sua ênfase no trabalho com recursos e não com problemas. O costume de contar histórias durante a terapia constitui um tributo, é claro, a Milton Erickson. (HELLINGER, 2006a, p. 20).

Metáforas e histórias com propósito terapêutico foram algumas das especialidades do americano Milton H. Erickson. Bert Hellinger diz ter se impressionado muito com sua técnica, que partia do princípio de que toda pessoa traz no inconsciente a possibilidade de curar a si mesma por meio do transe. Erickson fazia isso através de um acesso especial que conquistava a partir de uma abordagem individualizada e extremamente respeitosa, na qual os menores movimentos do cliente eram levados em conta.

Erickson concluiu que esses movimentos muitas vezes se contrapunham analogicamente ao que era “digitalizado” (verbalizado) pelo cliente, revelando desta forma seu verdadeiro desejo. Isso fica claro quando, por exemplo, alguém narra um fato, porém, ao mesmo tempo, balança a cabeça em sinal de negação, contradizendo-se “analogicamente” ao que está dizendo. Hellinger é enfático ao dizer que reuniu muito do material de Milton H. Erickson na Constelação Familiar (HELLINGER, 2020, p. 121).

Do hipnoterapeuta americano, também adotou o princípio do conceito simples. “Por isso, na Constelação Familiar, não há termos técnicos incompreensíveis; qualquer pessoa pode entender tudo de imediato e com facilidade. Assim, por exemplo, não falo de identificações, mas de sentimentos assumidos” (HELLINGER, 2020, p. 121).

Sobre a diferença entre o analógico e o digital citados nas linhas acima, acredito que uma boa explicação aparece no trabalho da Dra. Ursula Franke-

Bryson, “O Rio Nunca Olha Para Trás”, primeira tese publicada sobre Constelação Familiar. Nela, Franke-Bryson coloca que, segundo os linguistas e pesquisadores da área de comunicação Watzlawick e Bateson, existem duas formas de comunicação distintas, a analógica e a digital: “Analógico”, inicialmente, se refere a uma apresentação visual. Já o “digital” trata da apresentação “verbal”. A primeira tende a transmitir conteúdo usando expressões imagéticas. A segunda, a verbalização.

Do ponto de vista da história da comunicação, a linguagem analógica é uma forma primitiva e pode ser observada tanto no reino animal como entre seres humanos. A linguagem analógica, que é denominada “icônica” por Bateson, dá mais espaço a interpretações devido ao uso de gestos, expressões faciais e entonação. Ela é, portanto, menos precisa, o que significa que uma afirmação e seu significado permanecem cognitivamente vagos. A forma digital de uma declaração de amor pode ser usada como exemplo. A pessoa diz “Eu te amo”. No entanto, o poder de convicção desse tipo de afirmação é muito mais forte em uma transferência analógica, e, portanto, mais crível. (MARC e PICARD, 1991, p. 67, *apud* FRANKE-BRYSON, 2019, p. 62).

Bert Hellinger também aprofundou seus conhecimentos acerca da hipnose ericksoniana estudando com três importantes discípulos de Milton H. Erickson. Num primeiro momento, com Jeffrey K. Zeig e Stephen R. Lankton, ambos nascidos em 1947, que ganharam reconhecimento não apenas através de publicações sobre a obra de Erickson, como também por terem ajudado a sistematizar seu método.

E, num segundo momento, através do trabalho com Stephen Gilligan, que deu um novo passo ao desenvolver a hipnoterapia de Erickson na chamada *self-relations psychotherapy*, uma “psicoterapia das autocorrelações” que estimula seus clientes a converterem pensamentos negativos em energia positiva. Nessa técnica, Gilligan também inclui elementos como o Aikidô, o Budismo e a meditação (HELLINGER, 2020, p. 122).

Não é coincidência que a inclusão de elementos orientais nas práticas terapêuticas ocidentais seja uma das marcas do *ethos Nova Era*, como vamos demonstrar na conclusão do presente Capítulo, quando falarmos sobre o Instituto de Esalen, na Califórnia.

3.7 O psicodrama de Jacob Levy Moreno (1889–1974)

Em sua tese, Ursula Franke-Bryson observou:

As primeiras ideias para o trabalho sistêmico dramático e suas aplicações psicoterapêuticas foram apresentadas por Jacob Moreno. Ele discordava da montagem, claramente definida e estática, da psicanálise, com seu divã e sua linguagem. Usando sua experiência com teatro, ele desenvolveu uma forma de terapia na qual o conteúdo emocional é transferido para o palco, em movimento e ação. (FRANKE-BRYSON, 2019, p. 71).

Nascido na Romênia, Moreno cresceu em Viena, onde estudou Medicina e Psiquiatria durante a Primeira Guerra Mundial. Alguns anos mais tarde, em 1925, emigrou para os Estados Unidos, onde continuou suas pesquisas em sociometria em escolas e prisões. Moreno se refere ao drama como uma das invenções mais antigas do espírito criativo humano, lembrando que este modelo de interpretação já era adotado por antigas culturas como peças misteriosas, com o intuito de unir deuses e curandeiros em um processo terapêutico. Franke-Bryson coloca o psicodrama em perspectiva com as Constelações:

Com todas as suas similaridades e, ainda assim, suas diferenças com a psicoterapia tradicional, o psicodrama representou uma ideia completamente nova de terapia. É uma forma na qual o mundo interior do cliente pode ser retratado com um mundo exterior, que é acessível a todos e, portanto, que pode ser comunicado. Os próprios clientes ou partes extremamente variadas de seus mundos e de si mesmos – sejam elas seres humanos, pensamentos, figuras de sonhos, sentimentos, fantasias ou o que seja que eles pensem importe para ser retratado – podem ser encontrados como figuras reais no palco e ali podem desenvolver o seu drama interno. (FRANKE-BRYSON, 2019, p. 72).

3.8 Virgínia Satir e a escultura familiar (1916–1988)

Em seu trabalho terapêutico, Virgínia Satir introduz a escultura familiar, técnica em que, como no psicodrama, o cliente é orientado a retratar sua estrutura familiar em uma configuração semelhante à de um palco. Trabalhando como psicoterapeuta por mais de quarenta anos entre trabalhos clínicos, terapia, ensino e pesquisa, Virgínia Satir é uma das fundadoras da terapia familiar. Inicialmente, utilizava-se de sessões com famílias inteiras, diversificando-se a técnica, mais tarde, para indivíduos, casais e grupos.

Seu objetivo principal foi o desenvolvimento do potencial humano e dos aspectos positivos do ser humano. O foco do seu trabalho é a imagem humanista do ser humano. Ele olha para as habilidades e os recursos dos seres humanos e considera que os sintomas são um sinal das necessidades e das mudanças necessárias no comportamento e no ambiente do cliente. (FRANKE-BRYSON, 2019, p. 60).

No Mental Research Institute (Instituto de Pesquisa Mental), na Califórnia, Satir se tornou membro do grupo de psiquiatras, psicólogos e assistentes sociais. Lá, desenvolveu pesquisas com Gregory Bateson e Don Jackson, e se tornou a primeira diretora do Esalen Institute, centro de Psicologia e psicoterapia holística também localizado no mesmo Estado.

Satir usava a escultura familiar principalmente em reconstruções famílias, em que o cliente era estimulado a preencher as lacunas de sua biografia com o histórico familiar. Voltando há pelo menos três gerações, construía um “genograma” com a reunião de fotos, materiais e informações sobre o período escolar de seus pais, seus empregos, contexto econômico e social da família e experiências durante ou no período pós-guerra.

Pela dramaticidade da experiência, a técnica permitia descobertas sobre a família do cliente e suas raízes psicológicas. Por meio dessa revisão, era possível gerar, no cliente, aprendizagem para examinar esses problemas a partir de uma nova perspectiva. Ele poderia, então, se desvencilhar da dependência em relação à família, suas consequências e reproduções.

A essência da experiência de alguém na família é condensada e projetada em uma imagem visual. Essa imagem vale, literalmente, por mil palavras, revelando aspectos da vida interior da família que se mantinham escondidos. Impressões vagas e sentimentos confusos na periferia da consciência tomam forma por meio da expressão física espacial. (FRANKE-BRYSON, 2019, p. 95 *apud* PAPP, SILVERSTEIN e CARTER, 1973, p. 202).

Nesse enfoque, as intensas experiências do cliente se mostram como uma ferramenta eficaz na compreensão de certos comportamentos e escolhas e na repetição, pelas gerações, dos padrões aprendidos da família de origem. Romper com esses padrões permite a liberação desses clientes para que eles se reconheçam capazes de tomar para si a responsabilidade e se adaptar à própria individualidade.

3.9 Ivan Boszormenyi-Nagy e a Terapia Contextual (1920–2007)

Também a dinâmica de identificação foi aos poucos ficando clara nessa época. O livro de Ivan Boszormenyi-Nagy, *Invisible Bonds*, com sua detecção das lealdades ocultas e da necessidade de equilíbrio entre o dar e o receber nas famílias, também foi importante. (HELLINGER, 2006a, p. 317)

Ao descrever estruturas de relacionamento em família, Ivan Boszormenyi-Nagy forneceu um modelo explicativo dos contextos que envolvem as Constelações e o quanto podem ser efetivas. Concluiu, em sua prática clínica, que as conexões são mais profundas e passam a constituir a própria verdade interna – a isto, Ivan dá o nome de “lealdades invisíveis”. O efeito dessas lealdades no indivíduo vão além do comportamento psicológico, da teoria e da ação.

Os padrões de comportamento que são descritos como “lealdades invisíveis” são transgeracionais. Injustiças que não foram resolvidas são distribuídas por um “tribunal transgeracional intrínseco” para as gerações futuras, levando-se em conta uma espécie de contagem de méritos e dívidas. Por essa razão, o objetivo da terapia é equilibrar essa “contagem”. (FRANKE-BRYSON, 2019, p. 103).

Segundo Boszormenyi-Nagy, o emaranhamento do indivíduo por gerações é algo capaz de prender de maneira inconsciente o “eu” que não se desprende da necessidade de atenção, aceitação e reconhecimento, ficando impossibilitado de ter sua independência e atingir sua maturidade. Esse emaranhamento é identificado em sintomas que não podem ser tratados biograficamente e resistem à psicoterapia.

Essas conclusões foram resultado de mais de 25 anos de levantamentos nos aconselhamentos e no tratamento de famílias em igrejas, hospitais, escolas, tribunais e clínicas psiquiátricas onde seu foco era, principalmente, em pacientes com doenças esquizofrênicas. Os vínculos mais visíveis são aqueles estabelecidos entre parentes consanguíneos, familiares e parentes. Esses são os únicos relacionamentos que não podem ser escolhidos e que nunca podem ser terminados (FRANKE-BRYSON, 2019, p. 108).

3.10 Bert Hellinger e a Constelação Familiar

Chegamos, então, à contribuição terapêutica original desenvolvida pelo próprio Hellinger, a partir de suas vivências e dos conhecimentos que acumulou aprendendo e testando os métodos descritos nos subitens anteriores. Em certa medida, esses métodos formam uma “árvore genealógica” das Constelações Familiares hellingerianas, algo que, de resto, Hellinger nunca negou. Para chegar às suas próprias Constelações, porém, ele ainda se adestrou em terapia familiar com Ruth McClendon e Leslie Kadis.

Fiquei muito impressionado com o trabalho deles, embora não o compreendesse. Mesmo assim, decidi trabalhar sistemicamente. Pensei no que já fizera e concluí: Também é bom. Não vou desistir até entender realmente a terapia familiar. (HELLINGER, 2006a, p. 316).

Mas, qual a característica distintiva do método de Hellinger? Segundo Franke-Bryson (2019, p. 133), ele desenvolveu um tipo de trabalho psicoterapêutico único no uso das Constelações Familiares. Nele, os clientes reproduzem a imagem interna que possuem da própria família auxiliados por membros de um grupo (este grupo não é sua família e, muitas vezes, nem a conhece).

O método se baseia na hipótese de que os transtornos emocionais e as doenças psicossomáticas podem existir em decorrência de uma ruptura na ordem do sistema familiar e, portanto, de um emaranhamento sistêmico:

Uma pessoa do sistema está conectada com o destino de outra pessoa. Se esse emaranhamento relevante é reconhecido, o que normalmente é possível quando uma Constelação Familiar é usada e a ordem no sistema é restabelecida, isso significa que a razão do sintoma foi invalidada e uma mudança é possível. (FRANKE-BRYSON, 2019, p. 133).

Em contraste com o psicodrama de Jacob Moreno (subitem 3.7), na Constelação Familiar as situações não são encenadas e nem comportamentos potenciais são enfatizados, já que seu objetivo é, justamente, o de revelar os emaranhamentos inconscientes no sistema de origem e, ao fazer isso, torná-los tratáveis (FRANKE-BRYSON, 2019, p. 133). Logo, qualquer encenação ou

conceito prévio acabaria por impor algo pré-concebido ao que, segundo Bert Hellinger, só pode ser revelado de forma fenomenológica.

Hellinger usa a palavra “fenomenológica” para descrever a sua abordagem. Ela não é baseada em um modelo teórico e, sim, segue os fenômenos que surgem na prática de configuração de uma Constelação Familiar. Esses fenômenos são as mensagens não verbais emitidas pelo cliente que são observadas pelo terapeuta em uma entrevista e, em particular, as declarações dos representantes que atuam como membros da família e comentam, enquanto estão no papel, como se sentem, suas sensações físicas e suas fantasias sobre os relacionamentos. (FRANKE-BRYSON, 2019, p. 135).

Portanto, independente da questão que o cliente traga (dificuldades no trabalho ou crise no casamento, por exemplo), na maioria das vezes a terapia é direcionada no sentido da reconciliação com os pais do indivíduo e com as gerações anteriores na busca por justiça, o que significa manter o direito de pertencimento ao sistema de cada um de seus membros (FRANKE-BRYSON, 2019, p. 135).

3.11 Constelação Familiar: da origem do nome à entrada no SUS

Eu não posso explicar isso. Eu vejo que é assim, que é o que acontece, e que é possível testar se os participantes em uma Constelação Familiar realmente sentem o que está acontecendo na família. Isso é tudo com o que eu preciso trabalhar” (Hellinger, 2001, p. 357; tradução nossa – no caso, tradução de quem traduziu o livro de Franke-Bryson).

Em 1982, Bert Hellinger recebeu reconhecimento como psicoterapeuta não médico no campo da psicoterapia e passou a oferecer cursos daquilo que hoje se conhece como “Constelação Familiar Clássica”.

Segundo Isabela Oliveira, docente da Hellinger Schule no Brasil, o nome original do trabalho desenvolvido por Bert Hellinger é *Familienaufstellung*, que, em alemão, significa “Colocação Familiar”. Ela pondera sobre as razões que levaram à distorção do nome – chegando à “Constelação Familiar” – no Brasil:

“Colocação Familiar” > Stellvertretung = Representação > Representação Familiar. Porém, o verbo “stellen” em alemão foi traduzido ao inglês como “constellate”, ou seja, posicionar certos elementos numa configuração dada. Como o primeiro livro traduzido

ao português veio do inglês e não do original em alemão, foi então traduzido como “Constelações Familiares”.

O termo “constelação” aqui nada tem a ver com estrelas, astrologia, esoterismo e similares, mas tem, sim, uma conotação de uma representação, uma colocação onde os elementos são posicionados numa certa configuração. (OLIVEIRA, 2021, texto extraído de slide de uma *live*).

Além dessa confusão sobre o significado do termo “Constelação Familiar” em língua portuguesa, Isabela Oliveira também pontua que há contextos em que se questiona a autoria das “Constelações Familiares”: elas, seriam, de fato, de Bert Hellinger? Em uma de suas aulas, Isabela contou que há pessoas, especialmente nos países que não falam alemão, que afirmam que a “Constelação Familiar” não foi desenvolvida por Hellinger.

Essa afirmação, observa, nasce da tradução incorreta do termo “*Familienaufstellung*” – como “*Family Constellation/Constelação Familiar*” –, que já aparece em explanações de Sigmund Freud, Carl Gustav Jung e Alfred Adler. Esses autores já enfatizavam a importância da família para o indivíduo e o papel do pensamento, da ação e do sentimento de cada membro familiar em relação a seus parentes. Em alemão, o termo é usado desde a década de 1920, de forma não específica, para descrever os efeitos psicológicos e comportamentais dos membros da família entre si.

Em 1965, o psicólogo austríaco Walter Toman finalmente publicou seu livro “*Familienkonstellationen: sua influência no homem*”. Portanto, este termo havia sido firmemente estabelecido muito antes do trabalho de Bert Hellinger – também internacionalmente. Deste modo, ele não pode ser usado como tradução para “*Familienstellen*” de Bert Hellinger e, por conseguinte, não tem nada a ver com a “Constelação Familiar” posterior de Bert Hellinger. Pois, naquela época, “*Familienstellen*”, como o conhecemos, não existia de forma alguma. A fim de evitar mal-entendidos causados pela tradução do termo “*Familienstellen*” e para evitar confusão com métodos terapêuticos anteriores, Sophie Hellinger decidiu em 2020 introduzir e manter a palavra “*Familienstellen*”, não traduzida em todas as línguas, como o termo técnico para a Constelação Familiar Original Hellinger – análoga à “Terapia Gestalt” de Fritz Perls. (OLIVEIRA, 2021, descrição extraída de *live*).

Vemos, pela citação, como a história da Constelação Familiar é descrita, no discurso daqueles que a representam, como sendo relacionada à história da Psicologia e de outras terapias que emergiram direta ou indiretamente da inspiração de autores da cena psicológica.

Mas, a Constelação Familiar é, com efeito, uma combinação de muitas referências, não só da psicoterapia moderna, como veremos adiante ao explorar a trajetória biográfica diversa de Bert Hellinger.

Mas, como a “Constelação Familiar” chegou ao SUS? A Portaria Nº 702 (de 21 de março de 2018) do Ministério da Saúde, publicada no Diário Oficial União (DOU), aprovou, entre outras práticas, a Constelação Familiar. O documento incluiu as diretrizes da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS, tendo definido:

A Constelação Familiar é uma técnica de representação espacial das relações familiares que permite identificar bloqueios emocionais de gerações ou membros da família. Desenvolvida nos anos 80 pelo psicoterapeuta alemão Bert Hellinger, que defende a existência de um inconsciente familiar – além do inconsciente individual e do inconsciente coletivo – atuando em cada membro de uma família. Hellinger denomina “ordens do amor” às leis básicas do relacionamento humano – a do pertencimento ou vínculo, a da ordem de chegada ou hierarquia, e a do equilíbrio – que atuam ao mesmo tempo, onde houver pessoas convivendo. Segundo Hellinger, as ações realizadas em consonância com essas leis favorecem que a vida flua de modo equilibrado e harmônico; quando transgredidas, ocasionam perda da saúde, da vitalidade, da realização, dos bons relacionamentos, com decorrente fracasso nos objetivos de vida. (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 2018).

A abordagem sistêmica permite demonstrar, de forma simples e prática, a raiz do problema, levando o indivíduo a uma consciência profunda para a solução amorosa, respeitosa e equilibrada.

Bert Hellinger construiu uma bibliografia rica, com mais de cem livros publicados, dos quais 29 foram traduzidos para o português. A compreensão dessas obras é, muitas vezes, complexa. Para ler e estudar Bert Hellinger, Mario Koziner, professor e psiquiatra, explica algo que, de certa forma, apenas corrobora uma frase de Hellinger no prefácio do livro “A Simetria Oculta do Amor”: “O melhor não pode ser dito; o melhor que vem em seguida é malinterpretado”.

Depois de muitos anos eu entendi que é necessário ler Hellinger com o coração e não com a mente. Porque tudo o que Bert Hellinger fala, tudo não, boa parte do que Hellinger fala, é sobre a experiência aqui e agora. Ele não é um autor que segue uma linha de pensamento e se aprofunda nela, em todos seus livros, como um Freud, como um Jung. Ele capta algo do momento, seja uma constelação, ou seja, sua vida, e simplesmente escreve. Me, lembro que Hellinger falou alguma vez para que a gente não escreva (anote), porque ele está falando na hora,

mais tarde pode não ser. Portanto, aí está a chave de como ler Hellinger. Ler em seu contexto, em seu momento, se eu não sinto ressonância com o que Hellinger fala aí (num determinado momento/contexto) devo continuar (a leitura) e não tomar literalmente todos seus escritos, pois ele foi uma pessoa que se autotransformou muito, a tal ponto que ele começou com as Constelações Familiares, passou ao movimento da alma e depois ao movimento do espírito. Então, tudo o que ele escreveu aqui (Constelações Familiares) é muito diferente do terceiro momento (movimentos do espírito). Então, ler Hellinger requer uma habilidade de compreensão do contexto. (KOZINER, 2021, apresentação em vídeo).

3.12 O caminho científico versus o caminho fenomenológico

Sua insistência em ver o que é em vez de aceitar cegamente o que se ouve, combinada com a confiança leal e inabalável na própria alma, constitui a base em que se apoia a obra de Hellinger. Num certo sentido, ele é o último empírico. Em tudo isso, seu guia filosófico foi Martin Heidegger, ele próprio vulnerável aos perigos da falsa autoridade — embora a busca profunda de Heidegger pelas palavras verdadeiras que ressoam na alma se pareça com as frases que os clientes proferem nas constelações, anunciando mudanças para melhor e fluxo renovado de amor. (HELLINGER, 2006a, p. 317).

Em “Ordens do Amor”, Bert Hellinger versa sobre dois caminhos: o científico e o fenomenológico – são dois movimentos que nos levam ao conhecimento. Segundo o autor, ambos buscam abarcar algo desconhecido. O científico, com a intenção de se apropriar e dispor dele. E ele relembra o quanto esse caminho nos foi útil e enriqueceu o mundo à nossa volta (HELLINGER, 2013, p. 10).

Sobre o caminho fenomenológico, Bert Hellinger discorre com nuances de inspiração taoista:

O segundo movimento nasce quando nos detemos durante o esforço exploratório e dirigimos o olhar, não mais para um determinado objeto apreensível, mas para um todo. Assim, o olhar se dispõe a receber simultaneamente a diversidade com que se defronta. Quando nos deixamos levar por esse movimento diante de uma paisagem, por exemplo, de uma tarefa ou de um problema, notamos como nosso olhar fica simultaneamente pleno e vazio. Pois só quando prescindimos das particularidades é que conseguimos expor-nos à plenitude e suportá-la. Assim, detemo-nos em nosso movimento exploratório e recuamos um pouco, até atingir aquele vazio que pode fazer face à plenitude e à diversidade. Esse movimento, que inicialmente se detém e depois se retrai, eu chamo de fenomenológico. Ele nos leva a conhecimentos diferentes dos que podemos obter pelo movimento do conhecimento exploratório. (HELLINGER, 2013, p. 10).

O “ampliar o olhar”, termo das Constelações Familiares, trata dessa

postura fenomenológica exigida do constelador familiar. Nela, o facilitador é exposto, dentro de um determinado horizonte, à diversidade de fenômenos, sem escolha e sem avaliação. Similar aos ensinamentos acerca do vazio, de Lao-Tzu, esse caminho de conhecimento exige um esvaziar-se das ideias preexistentes, dos movimentos internos, vontades e julgamentos:

Nesse processo, a atenção é simultaneamente dirigida e não-dirigida, concentrada e vazia. A postura fenomenológica requer uma disposição atenta para agir, sem, contudo, passar ao ato. Ela nos torna extremamente capazes e prontos para a percepção. (HELLINGER, 2013, p. 11).

3.13 A Postura do Constelador Familiar

O mestre lhe respondeu: “Algumas pessoas acham que são elas que procuram a verdade de suas almas. Contudo, é a grande Alma que pensa e procura através delas”. (HELLINGER, 2013, p.11).

O primeiro pressuposto para se alcançar essa compreensão – o primeiro pressuposto, portanto, do constelador familiar – é a ausência de intenção (HELLINGER, 2013, p. 11). E isso é assim porque quem mantém intenções acaba impondo à realidade algo que é seu e pode, mesmo com a “melhor das intenções”, querer alterá-la a partir de uma imagem preconcebida. Com isso, pode acabar influenciando outras pessoas de acordo com essa imagem, o que é um equívoco com consequências funestas sobre o processo terapêutico.

Essa postura, enfim, não é adequada ao constelador familiar, pois trata-se de uma posição de superioridade perante a realidade:

Aqui fica evidente o tipo de renúncia exigido de nós para abdicarmos de nossas intenções, inclusive, das boas intenções. Além do mais, o próprio bom senso exige essa renúncia, pois a experiência nos mostra que frequentemente sai errado o que fazemos com boa intenção ou até mesmo com a melhor das intenções. A intenção não substitui a compreensão. (HELLINGER, 2013, p. 11).

O segundo pressuposto é a coragem ou o destemor. Bert Hellinger afirma que quem teme o que a realidade traz à luz coloca uma viseira nos olhos. E expõe as consequências nocivas que o terapeuta que age com medo transmite a seus clientes:

E quem receia o que outros vão pensar ou fazer quando diz o que percebeu fecha-se a um novo conhecimento. Aquele que, como terapeuta, teme defrontar-se com a realidade de um cliente — por exemplo, a de que lhe resta pouco tempo de vida — transmite-lhe medo, dando-lhe a ver que o terapeuta não está à altura dessa realidade. (HELLINGER, 2013, p. 11).

Por fim, acerca da postura fenomenológica do constelador familiar, Bert Hellinger expõe que esses conhecimentos, por ser práticos, não resultam apenas da percepção filosófica e da utilização filosófica do método fenomenológico: “Foi necessária ainda uma outra via de acesso, a do ‘saber por participação’. Essa via se abre através das Constelações Familiares, quando acontecem sob o enfoque fenomenológico” (HELLINGER, 2013, p. 12).

Em seus cursos, o constelador familiar Décio Fábio de Oliveira Jr. denomina essa postura como “postura sistêmica fenomenológica empírica”. Que, segundo ele, se caracteriza por quatro elementos pautados na ideia de um certo “desprovemento pessoal prévio”: a) sem intenção; b) sem medo; c) sem levar em conta o conhecimento anterior que nós temos; d) sem julgamento. E compara essa postura com a de um bebê: “olhar novamente com os olhos de uma criança”. Aqui temos, também, uma possível influência de Lao-Tzu (no “Tao Te Ching”, a referência à ideia de voltar a ser criança aparece nos poemas/capítulos 10, 20, 28 e 49).

Décio Fábio explica que a Constelação Familiar inclui todas as religiões, mas não é uma religião, pois não cabe a ela “entrar em superstições”. E que ela funciona como uma filosofia de vida aplicada com efeitos terapêuticos. Descreve que a abordagem do facilitador deve ser adulta e que a mesma difere da psicológica, já que, na Constelação Familiar, não há transferência e nem contratransferência⁴.

Ele explica que, para que isso não ocorra, dois movimentos da Constelação Familiar são fundamentais: 1º) - O constelador familiar deve se posicionar como um adulto diante de outro adulto, não aceitando qualquer chantagem emocional ou posicionamento infantilizado por parte do cliente; 2º) - no início de uma Constelação Familiar, geralmente o facilitador pede para que o

⁴Os termos “transferência e contratransferência” são próprios da psicanálise. Eles designam o vínculo que se estabelece automaticamente do paciente com o analista. Esse vínculo atualiza os significantes que sustentaram os pedidos de amor do paciente na infância. A esse respeito, ver DOS SANTOS, F. & LIMA, E. (2017).

cliente selecione um representante para assumir o papel/posição de seu pai e outro para o de sua mãe, e que os posicione no campo. A partir desse momento, se houver qualquer iniciativa de transferência por parte do cliente, esta acabará sendo dirigida aos representantes de seus pais no campo e não mais para o facilitador.

3.14 “A Simetria Oculta do Amor” e a origem das “Ordens do Amor”

O amor é uma parte da ordem. A ordem precede o amor, e este só pode desenvolver-se dentro dela. A ordem preexiste. Quando inverte essa relação e pretendo mudar a ordem através do amor, estou condenado a fracassar. Isso não funciona. O amor se adapta a uma ordem e assim pode florescer, assim como a semente se adapta ao solo e ali cresce e prospera. (HELLINGER, 2013, p. 26).

O livro *“Love’s hidden symmetry”*, lançado em 1994 nos Estados Unidos e em 1999 no Brasil com o título “A Simetria Oculta do Amor”, tem um capítulo denominado “Consciência Pessoal e Nossos Sentimentos de Culpa e Inocência”. Nele, Hellinger observa que:

Em todos os nossos relacionamentos, as necessidades fundamentais atuam umas sobre as outras de maneira complexa: 1. A necessidade de pertencer, isto é, de vinculação; 2. A necessidade de preservar o equilíbrio entre o dar e o receber; 3. A necessidade da segurança proporcionada pela convenção e previsibilidade sociais, isto é, a necessidade de ordem. (HELLINGER, 2006a, p. 18).

O autor indica que sentimos essas três necessidades através de impulsos e reações instintivas, uma vez que as três, simultaneamente, não só subjagam a forças que nos desafiam, como também exigem nossa obediência, controlando-nos e nos coagindo (HELLINGER, 2006a, p. 18). É também por essa razão que o conceito de livre-arbítrio é algo considerado restrito nas Constelações Familiares, uma vez que Bert Hellinger postula que, sob a influência dessas leis, vivemos também sob incontornáveis limites: “elas limitam as nossas escolhas e nos impingem, queiramos ou não, objetivos que entram em conflito com os nossos desejos e prazeres pessoais” (HELLINGER, 2006a, p. 18).

Todavia, as limitações trazidas por essas leis também trazem vantagens, pois, apesar de estas necessidades limitarem nossos relacionamentos, elas

também os tornam possíveis, tanto por refletir quanto por facilitar a necessidade humana fundamental por intimidade que existe nos relacionamentos (HELLINGER, 2006a, p. 18).

Os relacionamentos são bem-sucedidos quando conseguimos atender a essas necessidades e equilibrá-las; mas passam a ser problemáticos e destrutivos quando não o conseguimos. A cada ato que praticamos que afeta os outros, sentimo-nos culpados ou inocentes. Assim como o olho distingue continuamente a luz das trevas, um órgão interno discrimina a cada passo o que convém ou não convém aos nossos relacionamentos. (HELLINGER, 2006a, p. 18).

3.15 Ordens da Ajuda

O que significa ajudar? Ajudar é uma arte. Como toda arte, faz parte dela uma faculdade que pode ser aprendida e praticada. Também faz parte dela uma sensibilidade para compreender aquele que procura ajuda; portanto, a compreensão daquilo que lhe é adequado e, simultaneamente, daquilo que o ergue, acima de si mesmo, para algo mais abrangente. (HELLINGER, 2005, p. 11).

Em “Ordens da Ajuda” (2005), Bert Hellinger traz as cinco constituintes das Constelações Familiares acerca da postura que o facilitador de Constelação Familiar deve ao ajudar um cliente. Porém, antes de chegar nesse ponto, prepara o terreno explicando a ajuda em diferentes contextos: “Via de regra, a ajuda é recíproca, por exemplo, entre parceiros. Ela se ordena pela necessidade de compensar. Quem recebeu de outros o que deseja e precisa, também quer dar algo, compensando, assim, a ajuda” (HELLINGER, 2005, p. 11).

Porém, há casos, em que é muito difícil retribuir pela ajuda recebida, dada a imensa discrepância entre o recebido e o que é possível de se dar, como, por exemplo, os nossos pais; afinal, eles nos deram a vida, algo que, por sua dimensão, não pode ser retribuído: “O que eles nos presentearam é grande demais para que possamos compensar, retribuindo com algo. Assim, só nos resta, em relação a eles, o reconhecimento pelo presente que nos deram e o agradecimento que vem do coração” (HELLINGER, 2005. P. 11).

Todavia, isso não é um problema sem solução, uma vez que a própria natureza, sempre sábia, tem uma forma de equilibrar essa troca no sistema: “A compensação através da retribuição e o consequente alívio só se consegue quando se passa isso adiante, por exemplo, aos próprios filhos” (HELLINGER, 2005, p. 11). Portanto, Bert Hellinger esclarece que o tomar e o dar acontecem

em dois níveis:

O primeiro, que ocorre entre pessoas equiparadas, permanece no mesmo nível e exige reciprocidade. No outro, entre pais e filhos ou entre superiores e necessitados, existe um desnível. Tomar e dar se assemelha aqui a um rio que leva adiante o que recebe em si. Este tomar e dar é maior. Tem em vista o que vem depois". (HELLINGER, 2005, p. 11).

Uma boa metáfora para esse movimento descendente, do segundo nível, é visualmente descrita no poema de Conrad Ferdinand Meyer:

A fonte romana: O jato d'água se ergue e se derrama em cheio sobre a taça de mármore; que, enchendo-se, transborda para a segunda taça; esta se enriquece e verte para a terceira taça; e cada uma, ao mesmo tempo, recebe e dá, flui e repousa. (HELLINGER, 2009, p. 33).

Hellinger destrincha essa ajuda oriunda de uma hierarquia superior (pai para o filho ou filha, mestre para aluno ou aluna), explicando que o ajudar dessa maneira aumenta o que foi presenteado, ao concluir que, desta forma, aquele que ajuda é tomado e inserido em algo maior, mais rico e duradouro, uma vez que sua ajuda, embora possa não ter sido diretamente retribuída, é perpetuada e segue adiante:

Essa ajuda pressupõe que, primeiro, nós próprios tenhamos recebido e tomado. Somente assim teremos a necessidade e a força de ajudar outros [...]. Ao mesmo tempo, pressupõe que aqueles que queremos ajudar também necessitam e desejam aquilo que podemos e queremos dar a eles. Caso contrário, a nossa ajuda se perde no vazio. Separa, ao invés de unir. (HELLINGER, 2005, p. 11).

Hellinger sintetiza das cinco Ordens da Ajuda da seguinte maneira:

Um resumo das cinco Ordens da Ajuda: A primeira ordem da ajuda consiste em dar apenas o que se tem e somente esperar e tomar o que se necessita. A segunda ordem da ajuda é nos submetermos às circunstâncias e somente interferir e apoiar à medida que elas o permitirem. A terceira ordem da ajuda seria, portanto, que o ajudante também se colocasse como adulto perante um adulto que procura ajuda. Com isso, ele recusaria as tentativas do cliente de forçá-lo a fazer o papel de seus pais. A quarta ordem da ajuda: sob a influência da psicoterapia clássica, muitos ajudantes frequentemente encaram seu cliente como um indivíduo isolado. Com isso, também ficam facilmente em perigo de uma transferência da relação entre pais e filhos. O indivíduo é parte de uma família. Somente quando o ajudante o percebe como uma parte de sua família é que ele percebe de quem o cliente precisa e a quem ele talvez deva algo. Logo que o ajudante o vê junto com seus pais e ancestrais e talvez, também, com o seu

parceiro e seus filhos, ele o percebe realmente. A quinta ordem da ajuda: as Constelações Familiares unem o que antes estava separado. Neste sentido, está a serviço da reconciliação, sobretudo com os pais. O que impede essa reconciliação é a diferenciação entre os bons e maus membros da família, tal como fazem muitos ajudantes, sob a influência de sua própria consciência e sob a influência de uma opinião pública que está presa nesses limites dessa consciência. (HELLINGER, 2005, pp. 11-14).

Nas Ordens da Ajuda, Bert Hellinger estabelece ao menos duas razões pelas quais as Constelações Familiares se diferenciam da psicoterapia clássica. A primeira é seu método: para que não haja transferência e contratransferência na relação terapêutica, como citado na terceira ordem da ajuda, é dada ênfase para que o facilitador em Constelação Familiar sempre se coloque como um adulto perante outro adulto (o cliente) e, desta forma, possa se proteger das tentativas do cliente de forçá-lo a assumir o papel de seus pais:

A desordem da ajuda aqui é permitir que um adulto faça reivindicações ao ajudante como uma criança aos seus pais, e que o ajudante trate o cliente como uma criança, para poupá-lo de algo que ele mesmo precisa e deve carregar — a responsabilidade e as consequências. (HELLINGER, 2005, p. 13).

A segunda diferença básica entre as Constelações Familiares e as psicoterapias tradicionais é a inclusão da ancestralidade do cliente na busca das soluções dos problemas, já que o cliente nunca é visto como um indivíduo isolado, mas como parte de um contexto familiar amplo, conforme visto na quarta ordem da ajuda:

A desordem da ajuda seria, aqui, se outras pessoas essenciais que, por assim dizer, têm nas mãos a chave para a solução, não fossem olhadas e honradas. A elas pertencem sobretudo as pessoas que foram excluídas da família, por exemplo, porque os outros se envergonharam delas. (HELLINGER, 2005, p. 13).

Bert Hellinger esclarece que outro cuidado crucial que deve ser tomado é que o ajudante nunca se aproprie da visão que seu cliente tem acerca das queixas sobre seus próprios pais, pois o ajudante que se deixa contaminar pela visão muitas vezes limitada que os clientes têm de seus pais está mais a serviço do conflito e da separação do que da reconciliação (HELLINGER, 2005, p. 14).

Fato que vem a ser parte, também, da quinta ordem da ajuda: “O amor a cada um como ele é, por mais que ele seja diferente de mim. Dessa forma, o

ajudante abre-lhe seu coração, tornando-se parte dele. Aquilo que se reconciliou em seu coração, também pode se reconciliar no sistema do cliente” (HELLINGER, 2005, p. 14).

E a desordem dessa quinta ordem da ajuda, no caso, seria o julgamento sobre outros e sua provável condenação, além da indignação moral relacionada a isto: “Quem realmente ajuda, não julga” (HELLINGER, 2005, p. 14).

Além das cinco ordens da ajuda, Bert Hellinger também destaca cinco formas de conhecimento que considera úteis para o facilitador em Constelação Familiar: observação, percepção, compreensão, intuição e sintonia (HELLINGER, 2005, p. 14).

3.16 A cura, a alma coletiva e os campos morfogenéticos de Rupert Sheldrake

Todo herói de uma tragédia assume, quando criança, algo que compete apenas a indivíduos que já estavam lá antes dele. [...] O final das tragédias é conhecido. Termina com a morte do herói e com a morte de suas vítimas. Estou me referindo aos pequenos heróis, que ficam doentes ou morrem no lugar da mãe ou do pai, para preservar as suas vidas ou para salvar um outro membro familiar. (HELLINGER, 2014, p. 26).

Em “A Cura” (2014), Bert Hellinger trata da origem das doenças pelo ponto de vista das Constelações Familiares, ou seja, pelo prisma do sistema familiar a que estamos vinculados. Além do círculo dos familiares consanguíneos, cuja influência sobre nossas doenças ou deficiências pode ser observada e verificada (HELLINGER, 2014, p. 18), o autor reitera que também pertencem à nossa alma coletiva outras pessoas que não são nossos parentes, todavia, cujo destino partilhamos. São elas:

1. Todos aqueles cuja perda ou morte ocasionou uma vantagem para nós e nossa família, como, por exemplo, uma herança.
2. Todos aqueles cuja morte foi causada por culpa de um membro de nossa família.
3. Todos aqueles que possuem culpa com relação à morte de algum membro de nossa família ou causaram danos graves a alguém de nossa família. (HELLINGER, 2014, p. 18).

Bert Hellinger postula que nós formamos, juntamente com os indivíduos acima mencionados e, claro, também com nossa família consanguínea, o que ele denomina uma “comunidade de destino”. Com eles, partilhamos uma alma

coletiva e um campo espiritual em comum. Na prática das Constelações Familiares, isso significa que a exclusão de nosso amor para qualquer um deles pode acarretar, como consequência, que um membro posterior passe a representá-lo durante sua vida de forma inconsciente, ou seja “através de uma doença ou de uma deficiência, mas também da forma que vivem e morrem” (HELLINGER, 2014, p. 18).

Logo, o processo de cura passa pelo seguinte caminho: “[a] inclusão consciente à nossa família e à nossa alma coletiva libera nossos emaranhamentos em seus destinos, emaranhamentos que nos fazem adoecer, aliviando suas consequências” (HELLINGER, 2014, p. 19).

Dito isto, chegamos ao teórico que explica essa alma coletiva pelo prisma dos campos morfogenéticos, Rupert Sheldrake, nas palavras de seu amigo, Bert Hellinger:

Durante uma conversa com Rupert Sheldrake, abordamos o tema dos campos espirituais e, nesse sentido, também dos campos morfogenéticos. Ele me disse que, no início do século XX, diversos filósofos na Alemanha observaram, em diferentes áreas da vida, a atuação de uma alma coletiva. Do contrário não seria possível explicar diversos fenômenos que ocorrem em nosso mundo. Nesse sentido, falou-se também sobre uma alma mundial. Uma vez que a palavra alma possui uma associação muito forte com concepções religiosas, ela foi substituída pelo termo campo. Ao invés de falar sobre uma alma coletiva, falava-se sobre um campo coletivo, chamando-o de campo espiritual. Isso fez com que as referências ao aspecto pessoal fossem removidas desse campo, tornando-se o mesmo objetificado e impessoal. (HELLINGER, 2014, pp. 19-20).

Em um diálogo exposto no livro, no qual crenças e convicções acerca do medo de se perder o direito de pertencimento, desde o nível familiar até o religioso, são colocados em pauta (HELLINGER, 2014, p. 21), Hellinger pergunta se é possível que um campo espiritual se modifique. Rupert Sheldrake responde dizendo ter percebido que um campo espiritual só se modifica sob a influência de um outro movimento espiritual vindo do exterior:

Ao mesmo tempo, isso significa que a cura de doenças e, acima de tudo, o desejo de morrer, no qual uma pessoa deseja seguir um morto, não podem vir do interior da alma e do campo espiritual que a domina. Eles vêm através de um movimento do espírito criativo cujo amor inclui a todos igualmente, ou seja, do exterior de nossa alma coletiva. (HELLINGER, 2014, p. 21).

No contexto das Constelações Familiares, a alma coletiva prioriza a completude, com o todo tendo primazia sobre as individualidades. Por ter essa visão ampliada em prol do todo, a desordem, nesse caso, se dá quando alguém é excluído da comunidade, mesmo quando pertence a ela. Ou, então, quando alguém, consciente ou inconscientemente, diz ao outro: “Minha Vida possui prioridade sobre a sua” (HELLINGER, 2014, p. 24).

Esse campo espiritual partilha de um senso moral próprio que estabelece regras particulares. E quem define essas exigências morais é o chamado campo espiritual, que decide quem pode ou não pertencer. “Nesse sentido, vai contra a ordem do direito igual de pertencimento para todos. O campo espiritual justifica essa exclusão por meio de sua moral. A ordem espiritual superior que concede a todos os que pertencem o mesmo direito de pertencimento não tolera exclusões” (HELLINGER, 2014, p. 24).

Acerca da relação do terapeuta com a conclusão do seu trabalho, de sua missão, Hellinger sintetiza sua posição de fechamento-e-libertação citando Lao-Tzu:

Na antiga China viveu um certo Lao Tsé, que escreveu um livrinho chamado Tao Te King. Nele há uma frase que pode servir de máxima aos terapeutas: “Assim procede aquele que foi chamado: terminada a obra, não fica apegado a ela.” Como terapeuta, também procedo assim. Nada de comentários ou de análises posteriores. Quando acabou, acabou. (HELLINGER, 2007b, p. 322).

DISCUSSÃO GERAL

Como indicado no projeto que deu início a este trabalho, nossa questão central foi encontrar os referenciais religiosos na obra de Bert Hellinger. Secundariamente, buscamos entender se elementos do *ethos* Nova Era estiveram presentes na configuração da Constelação Familiar e analisar o caminho terapêutico que Bert Hellinger percorreu até criar sua própria linha terapêutica. Buscamos verificar, ainda, se essa linha sofreu influências da religião ou do *ethos* Nova Era.

Para obter respostas, recorreremos a uma revisão bibliográfica de sete livros de Bert Hellinger. Foi quando encontramos elementos das três grandes religiões citadas no título desta dissertação: 1) Cristianismo; 2) Cultura/Religião zulu; 3) Taoismo. Fomos, então, buscar elementos comparativos ou complementares em artigos e literatura sobre as religiões citadas.

No caso da cultura/religião zulu, cruzamos dados da revisão bibliográfica com uma tese e um artigo acadêmico relevante acerca das religiões africanas (NEL, 2007; SIMEON, 2006); pudemos confirmar, então, a presença significativa de elementos da tradição zulu na obra hellingeriana.

Em relação ao Taoismo, aplicamos o mesmo método, só que, desta vez, cruzando as citações taoistas nas obras de Bert Hellinger com dois livros sobre Taoismo (“Daoismo e Confucionismo” e “Os Caminhos do Taoismo”). Pudemos verificar, então, a existência dessa conexão, que, de resto, também surgiu nas muitas referências diretas do próprio Hellinger a Lao-Tzu, personagem a quem é atribuída a fundação do Taoismo.

Já sobre o Cristianismo, são tantas as citações de Bert Hellinger a respeito desta religião que o autor optou por unir os principais temas a ela associados em subcapítulos, dentro do Capítulo “Bert Hellinger Cristão”.

Todavia, ainda sobre o Cristianismo, também foram encontradas críticas de Hellinger à religião cristã, o que poderia indicar que a hipótese secundária do projeto, sobre a presença de elementos do *ethos* Nova Era nas Constelações Familiares, também é válida. Citando Hanegraaff: “A Nova Era, sem exceção, pretende ser uma alternativa às tendências religiosas e culturais atualmente dominantes” (1998, p. 515. Tradução minha).

Hanegraaff percebe que a rejeição, por parte da Nova Era, a todas as formas de dualismo, é uma crítica direcionada às formas dominantes do Cristianismo, enquanto a rejeição ao reducionismo é dirigida especificamente contra o racionalismo científico moderno.

Assim, o holismo na Nova Era surge, de um lado, como crítica ao Cristianismo estabelecido e, por outro, como crítica às ideologias racionalistas. Como consequência, a Nova Era se posiciona contra uma divindade percebida como radicalmente transcendente e antropomórfica, interpretada como separada do ser humano e do resto de sua criação. Nela, o ser humano passa a ficar livre da dependência de salvação divina e passa a refutar a crença de sua impotência perante a criação do próprio destino (HANEGRRAFF, 1998. p. 516. Tradução minha).

O autor observa que, ao criticar dogmatismo e racionalismo, a Nova Era se coloca como uma “terceira opção”. E faz isso ao combinar religião e espiritualidade, ciência e racionalidade, através de uma “síntese superior”. Esses pressupostos, segundo ele, não seriam flexíveis, uma vez que, quem não aceita o núcleo de crítica cultural (à religião, à ciência e ao racionalismo) não pertence ao movimento Nova Era.

Pois ela apresenta uma crítica à cultura ocidental. Desta forma, um *modus operandi* metafórico da Nova Era seria: com uma mão, aponta a doença; com a outra, indica o caminho de cura. E esse caminho de cura novaerista, quase sempre, está no “Oriente”. Como bem definiu o estudioso Antoine Faivre (*apud* HANEGRRAFF, 1998, p. 517) “O Oriente tem funcionado essencialmente como um símbolo da ‘verdadeira espiritualidade’ e como um repositório de terminologia exótica”.

Dentro do escopo desta dissertação (e de acordo com o subtítulo da obra: “Influências do Cristianismo, Taoismo e Cultura Zulu na Constelação Familiar”), nos restringimos a focar nas três religiões citadas, não incluindo no estudo ao menos outros três referenciais religiosos indicados em outros estudos sobre Hellinger: Xamanismo, misticismo judaico e Kabbalah (COHEN, 2008. p. 36, 39 e 47). Essas presenças, contudo, corroboram a percepção de que as religiões são um elemento relevante na Constelação Familiar de Bert Hellinger.

Para analisar as hipóteses secundárias do projeto – sobre se o *ethos* Nova Era e suas influências estão presentes na terapêutica da Constelação Familiar,

optamos em iniciar o trabalho pelas considerações do já citado cientista da religião Wouter J. Hanegraaff.

Em sua tese de doutoramento, Hanegraaff ensina que “Nova Era” é, antes de mais nada, um rótulo mal formulado, com significados e conotações diferentes para pessoas distintas:

Não estamos lidando com uma situação relativamente confortável de um movimento religioso com fronteiras que podem ser definidas de antemão com base em doutrinas normativas, líderes reconhecidos geralmente e estruturas organizacionais ou práticas comuns. (HANEGRRAFF, 1998, p. 9. Tradução minha).

Destacamos esse trecho para pontuar a complexidade em lidar com o *ethos* Nova Era no contexto da Ciência da Religião, dada sua vasta amplitude de possibilidades e definições.

A ideia de uma “nova realidade” estava enraizada na chamada contracultura dos anos 1960, época em que extratos de sociedades de vários países (especialmente, nos Estados Unidos e na Europa Ocidental) vivenciavam a expectativa por uma “Nova Era” (a “Era de Aquário” cantada no musical “*Hair*”) que substituiria a antiga idade de um mundo corrompido.

Por essa razão, muitos empregam o termo “Nova Era” para abarcar todo o movimento alternativo desde a década 1960 até os dias de hoje. Pela mesma razão, alguns estudos voltados ao movimento alternativo mais antigo (década de 1960 e início dos anos 1970) ainda são citados como “oficiais” em relação ao movimento da Nova Era. Por uma série de fatores, porém, o movimento Nova Era dos anos 1980 se mostra muito diferente do inicial em importantes aspectos.

Como exemplo, Hanegraaff cita que o movimento alternativo inicial era dominado por adolescentes rebelando-se contra os valores de uma geração mais velha, como sintetizado na poesia de Bob Dylan: “você não pode confiar em ninguém com mais de trinta anos” (HANEGRRAFF, 1998, p. 11, tradução minha).

Já o movimento da Nova Era de 1980, por outro lado, não mais representava uma geração específica, congregando pessoas de todas as idades. Enquanto muitas delas eram jovens nos anos 1960 se tornaram adeptas do movimento da Nova Era ao longo dos anos, outras não desejavam associar-

se àquela “Novíssima Era” porque percebiam, na configuração dos novos tempos, uma traição aos princípios fundadores.

Oriundo, ao menos como estudante de terapias, de todo esse contexto novaerista – uma vez que passou pelas terapias de vanguarda dos anos 1970 (Grito Primal, Terapia Gestalt etc.) até criar sua própria abordagem terapêutica, nos anos 1980 –, Hellinger, conforme já escrito no primeiro capítulo desta dissertação, inicia sua autobiografia (seria uma coincidência?) citando os astros:

Embora eu não entenda muito de astrologia, parece que ela estava certa em suas previsões – talvez fortuitas – em relação à data de meu nascimento: segundo dizem, quem nasce em noite de lua nova tende a marcar o mundo com seus ideais e sua personalidade. Afinal, dizem que o sagitariano não se submete, permanece sempre o que é, gosta de arrebatar os outros com seu entusiasmo, mas também de desafiá-los. Além disso, defende incondicionalmente aquilo que considera verdadeiro e correto. (HELLINGER, 2020, p. 20).

Guerriero e Stern concordam que a Nova Era ganhou força a partir da contracultura, quando as críticas à modernidade ocidental, à tecnocracia, à ciência e a devastação ambiental se aprofundaram (GUERRIERO; STERN, 2020). Como alternativa ao modelo criticado, a Nova Era propôs outras religiões, filosofias, terapias e modos de cultura (orientais e nativas).

Assim sendo, os autores enfatizam, primeiramente, que a crítica que expressa a procura por um estado de natureza original, sem as “contaminações” da história (tão características da contracultura), formou o ambiente perfeito para o crescimento deste movimento. Que, de resto, também abrange uma ampla gama de noções de corporeidade e relação homem-natureza que acabaram por desaguar nas chamadas “Terapias Alternativas” (GUERRIERO; STERN, 2020).

Em *New Age Science*, terceiro capítulo de sua tese, Hanegraaff explica que a ciência da Nova Era é caracterizada pela busca de uma visão de mundo unificada que inclui, sempre, uma dimensão religiosa explícita ou implícita. O autor deixa claro que uma das mais frequentes críticas feitas à ciência da Nova Era é que seus autores tendem a confundir a distinção entre a ciência, por um lado, e interpretações filosóficas ou religiosas de achados científicos, por outro (HANEGRAAFF, 1998, p. 64. Tradução minha).

E que a razão para isso residiria na sugestão de que a ciência moderna estaria comprovando os pressupostos de misticismo e sua visão de mundo

holística. Essa observação de Hanegraaff é uma das chaves que o autor utiliza para exemplificar a engrenagem na qual a ciência moderna é colocada como avalista do movimento da Nova Era: “Isso é fundamental para compreender a popularidade da ciência moderna no movimento da Nova Era, pois muitos leitores da ciência da Nova Era acreditam que isso vai realmente acontecer” (IDEM).

Todavia, no mesmo trecho, pondera que os próprios autores dos livros são, muitas vezes, mais cautelosos, visto que “muitos deles parecem estar preocupados em demonstrar uma harmonia mútua ou paralelismo, ao invés de uma conexão direta, entre uma visão de mundo holística unificada e os resultados da pesquisa científica moderna” (IDEM).

E conclui que a chamada “Ciência Nova Era” deve ser colocada dentro do campo irreduzível de sistema de crenças, que é o domínio próprio do estudo das religiões, justificando que esta é a razão pela qual não entra nas discussões habituais sobre a validade científica e racional ou se há ou não provas suficientes (exceto para fins descritivos).

Hanegraaff (1999) propõe uma nova perspectiva sobre o conceito de religião e o aplica numa análise do campo da Nova Era. Para poder analisar aquilo que chamou de religião secular (e a Nova Era como um grande exemplo atual) o autor estabelece uma formulação do conceito de religião como qualquer sistema simbólico que influencia as ações humanas pela oferta de formas ritualizadas de contato entre o mundo cotidiano e um quadro meta-empírico mais geral de significados. (GUERRIERO, in GUERRIERO e STERN [Orgs.], 2020, p. 23).

Bert Hellinger, por sua vez, quando cria uma terapia cujos elementos fundamentais na postura do terapeuta são observação, percepção, compreensão, intuição e sintonia (HELLINGER, 2005, p. 14), deixa claro que também está em sintonia com as formas intuitivas de terapia da Nova Era.

Assim, chegamos ao movimento da Nova Era e suas terapêuticas contra-hegemônicas, suas noções de corpo-mente informando as perspectivas da saúde, suas concepções de energia, muitas vezes compreendidas no âmbito da física quântica como uma nova variável a compor as explicações terapêuticas, a intuição e a intersubjetividade que vão fornecer novos recursos para diagnósticos e curas. (ALBUQUERQUE, in GUERRIERO e STERN [Orgs.], 2020, p. 8).

O livro “Terapias Holísticas” traz outros exemplos acerca da complexa e controversa relação entre Nova Era e Religião:

A Nova Era não é propriamente uma religião. Ao mesmo tempo é, sim, religião. Como entender esse aparente disparate? Uma coisa é certa, estamos tratando de algo relacionado ao campo das religiões ou ainda, mais precisamente, ao campo das novas espiritualidades. (GUERRIERO, in GUERRIERO e STERN [Orgs.], 2020, p. 23).

Os autores também esclarecem que, com a Nova Era, a psicologia passa a ganhar maior ênfase ao receber um aporte religioso. Este, por sua vez, passa a fornecer legitimidade ao *self*, valorizado como porta de entrada para a autonomia e o fortalecimento do indivíduo.

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como método uma combinação de análise bibliográfica e pesquisa autoetnográfica que antecede em, no mínimo três anos, o início deste mestrado, uma vez que o autor, desde meados de 2017, frequenta grupos de Constelação Familiar e estuda os livros de Bert Hellinger, além de temas afins.

Para a análise bibliográfica, o autor se debruçou sobre a obra de Bert Hellinger na busca de seus referenciais religiosos, priorizando as três religiões do título: Cristianismo, Taoismo e Cultura Zulu. O autor não apenas encontrou referências diretas e indiretas às religiões citadas nas obras de Bert Hellinger, como também as cruzou com uma pesquisa bibliográfica das religiões do título, sobretudo no caso das tradições zulu e taoista. Em paralelo, manteve durante todo esse tempo seu estudo autoetnográfico, estando presente em cursos e *workshops* de Constelação Familiar (presencialmente ou *online*).

Sobre a influência cristã na vida e na obra de Bert Hellinger, o autor conclui que esta sempre foi evidente, uma vez que atravessa praticamente toda sua vida. Como princípio, destaca três grandes marcos de tempo cristãos na vida de Bert Hellinger: a) seu nascimento num lar cristão, em 16 de dezembro de 1925; b) sua entrada para Aloysianum, seminário e internato dos missionários de Mariannhill, em 1936, aos 10 anos; c) seu retorno para a Ordem dos Missionários de Mariannhill em 1946, após a Segunda Guerra Mundial, na ocasião dos seus 20 anos de idade, como noviço.

Essa relação está sintetizada, principalmente, nas diversas citações cristãs do Capítulo “Bert Hellinger Cristão”. Muitas dessas citações, inclusive, são críticas à Igreja, do que se conclui que também podem ter sido elaboradas após Bert Hellinger conhecer as diversas abordagens terapêuticas que estudou e com que trabalhou a partir dos seus 45 anos. Tecemos essa ilação porque boa parte dessas críticas tem como objeto algumas das consequências psicológicas negativas da religião no indivíduo. Vale observar que não encontramos críticas contundentes à Igreja referentes a outros contextos, como o político ou o econômico.

Voltando para a linha de tempo de Bert Hellinger: até seus 27 anos, não foram encontrados dados quanto a outras influências religiosas ou visões de mundo distintas às do Cristianismo.

Todavia, após 1953, quando Bert Hellinger se muda para a África do Sul, há fortes indícios de que ali se iniciou uma expansão para uma visão de mundo extra-cristã, uma vez que, convivendo e trabalhando intensamente com os zulus, não só aprendeu o idioma, como também aprendeu a contar anedotas e até a compor letras de música em zulu.

Elementos da cultura/religião zulu, como um respeito à família extensivo aos seus ancestrais mortos, são características notórias da forma de pensar hellingeriana. Marca esta que se distingue diametralmente do pensamento religioso cristão.

Uma prova dessa diferença é que inclusive, zulus convertidos ao Cristianismo possuem grande dificuldade em esconder da Igreja o imenso respeito, cultural, que trazem por sua ancestralidade, uma vez que tal respeito, na visão de mundo cristã, é quase sempre confundido com “adoração” ou “veneração” aos mortos (NEL, 2007), comportamento abolido pelas igrejas. Logo, muitos zulus convertidos ao Cristianismo, pelo temor de ser considerados hereges, continuam “honrando” seus ancestrais às escondidas da Igreja, uma vez que, para a cultura zulu, a morte não é o fim. E a família, assim como na Constelação Familiar, é não apenas sua origem para vida, mas também o caminho para as curas e as soluções de muitos de seus conflitos e problemas.

Neste trabalho também foram apresentados outros conceitos da cultura zulu, muitos, inclusive, explicados pelo próprio Bert Hellinger. Conceitos esses que também convergem em relação à Constelação Familiar, como o respeito pelo próximo demonstrado pelo fato de os zulus, de modo geral, terem imenso cuidado em nunca humilhar alguém a ponto de lhes tirar a dignidade. Além do já citado respeito aos pais. Essa postura gentil com o próximo e, principalmente, com os pais, é uma forte característica da prática da Constelação Familiar. Não por acaso, “gratidão” é uma das palavras mais ditas nesse contexto.

Sobre o agradecimento, o constelador familiar alemão Peter Spelter, traduzido por sua esposa Tsuyuko Jinno-Spelter, explica que o termo “obrigado” (*danke*, em alemão) é mais do que uma palavra, é uma postura. Uma postura

interna que pode ser direcionada tanto para nossos pais, como, também, para um parceiro(a), amigos ou quem mais consideremos adequado direcionar.

Nessa postura de agradecimento, nos colocamos como tomadores e admitimos que este é nosso lugar, o de alguém que recebeu um presente; desta forma, nos colocamos abaixo do doador. Só somos agradecidos quando assumimos essa posição.

Peter Spelter pontua que essa gratidão é diferente da que ocorre em uma troca, na qual o “dar” e o “tomar” vão se alternando. Nessa troca entre “dar” e “tomar”, o agradecimento é outro, totalmente diferente, pois ele já se dá através desta troca. E, na verdade, não precisa ser formulado novamente. Spelter explica que, por razões de amabilidade do nosso cotidiano, acabamos por agradecer, mas que, em nossa alma, não precisa ser assim, se o dar e o tomar estiverem equilibrados (JINNO-SPELTER, 2020).

Também foram encontrados elementos da filosofia taoista na obra de Bert Hellinger. Desde citações que Bert Hellinger faz diretamente ao fundador do Taoismo, Lao-Tzu, até influências menos diretas à filosofia taoista, porém presentes na Constelação Familiar, como: a) a importância do vazio de intenções através do princípio da “falta de intenção na postura do constelador”, sendo o vazio um conceito central do Taoismo; b) *Wuwei*, o conceito de não agir taoista, que também traz semelhanças com a postura que Bert Hellinger sugere aos facilitadores de Constelação Familiar; c) O equilíbrio de Yin/Yang, outro importante pilar da filosofia taoista que, em sua dinâmica, também possui zonas de convergência com a Ordem do Equilíbrio de troca, uma das três Ordens do Amor.

Sobre Yin e o Yang, vale destacar uma frase que até poderia estar em um livro de Bert Hellinger: “Enquanto a cultura cristã ocidental prega a luta entre Bem e Mal e a vitória do Bem no final, os chineses afirmam que não pode existir vitória de um nem a destruição do outro, pois o Bem não existe sem o Mal e vice-versa” (SILVA, 2014, p. 105). Essa frase, inclusive, traz semelhanças com o conceito de vítima e perpetrador de Bert Hellinger, que, numa dinâmica de cura sistêmica, geralmente se complementam.

Este trabalho poderia ter extrapolado os limites destas três referências religiosas na obra de Bert Hellinger e até ter abarcado outras religiões, como

observado na discussão geral. Optamos, porém, por um recorte que consideramos relevante dentre vários possíveis.

Sentimos que é necessário, porém, acrescentar uma referência extra – ao Xamanismo –, o que fazemos neste momento. Isso porque, em seus últimos anos de vida, Bert Hellinger também passou a ter – e dar a conhecer – a amizade de um xamã. Seu nome é Tata Cachora e, em um seminário no Youtube, ele aparece junto com Bert Hellinger (Fig. 01).

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=ADe1pilG2Xc>



Fig. 01 – Tata Cachora e Bert Hellinger na conferência “Bert Hellinger über Tata Cachora” (“Bert Hellinger [fala] a respeito de Tata Cachora”).

Nesse seminário, Hellinger conta, em alemão com tradução simultânea para o inglês (que traduzimos para este trabalho), que, quando lê os livros de Carlos Castañeda, antropólogo e escritor que é uma das principais referências da Nova Era “psicodélica” nos anos 1960, não se interessa muito pelo que o autor escreve; porém, isso muda radicalmente de figura quando, em seus livros, Castañeda reproduz coisas ditas pelo xamã Don Juan Matus (interlocutor em sua série de livros sobre o Nagualismo). Temos, pois, um indicativo explícito de interesse.

Na sequência, Hellinger afirma que os ensinamentos de Don Juan mudaram sua vida e que, neles, reside uma sabedoria profunda, que ele não encontrou em nenhum outro lugar. Além disto, explica que naquelas palavras está uma grande força, já que, ali, nada foi pensado, mas vivido. Não apenas vivido, mas entendido.

Segundo Bert Hellinger, o Don Juan Matus de Castañeda é não apenas um dos seus grandes professores, mas *seu maior professor*. Na sequência,

relata que, de certa forma, sempre seguiu Don Juan Matus de modo a viver uma experiência: a de acreditar exatamente naquilo que é possível observar.

Esse foi, claramente, um discurso em prol da postura de vida sistêmica fenomenológica empírica, a mesma que Bert Hellinger orienta na Constelação Familiar.

Mas a grande revelação acontece em seguida, quando, com Tata Cachora ao fundo, Hellinger revela para seu público que “ontem, ele (Don Juan Matus) esteve em meu escritório”. Nesse momento, se vira para trás e olha diretamente para Tata, que balança a cabeça positivamente, confirmando ser ele o notório xamã. Para Bert Hellinger, o Don Juan Matus dos livros de Castañeda é o mesmo que está com ele ali no palco, seu amigo nonagenário, Tata Cachora.

A presença de um xamã nos anos finais de Bert Hellinger não é gratuita. Na verdade, dialoga fielmente com a forte influência daquela que veio a se tornar sua grande parceira na estruturação de seus negócios: sua esposa e sócia, Sophie Hellinger. Em 1999, com o consentimento de Bert Hellinger, ela fundou a Hellinger Schule, a escola Hellinger.

Foi Sophie Hellinger, sua esposa desde 2002, quem também trouxe para Constelação Familiar o Cosmic Power®, um método de meditação apresentada no site hellinger.com como: “técnica de percepção e respiração que fornece a base para Original Hellinger® *Familienstellen*, que requer uma técnica especial de percepção”. Segundo o mesmo site,

Antes de Sophie Hellinger conhecer Bert Hellinger e seu *Familienstellen* há mais de vinte anos, ela havia completado um treinamento intensivo em Ayurveda e Medicina Tradicional Chinesa (MTC). [...] Além disso, Sophie Hellinger foi treinada em vários tipos de meditação e métodos alternativos de cura. (HELLINGER SCHULE)

Bert Hellinger veio a falecer em 19 de setembro de 2019, mas, um ano antes, em 2018, já havia se aposentado da vida pública e entregue seus trabalhos integralmente para sua esposa, sócia e herdeira, Sophie.

Se com a ajuda de sua primeira mulher, Herta, uma ex-freira, Bert Hellinger teve o apoio necessário para sair de um mosteiro e dar seus primeiros passos no aprendizado das terapias com as quais ajudou a elaborar sua própria Constelação Familiar, foi ao lado de sua segunda e derradeira esposa, Sophie, terapeuta oriunda de escolas orientais de cura, que Bert Hellinger se consolidou

como um dos terapeutas mais influentes, polêmicos e bem-sucedidos do seu tempo. E hoje é ela, Sophie Hellinger, a principal depositária desse legado.

Dito isso, vale ressaltar não apenas a influência das religiões na Constelação Familiar, mas discutir um pouco as conexões entre religiões, constelação familiar e terapias holísticas. No prefácio de “Terapias Holísticas”, Leila Marrach Basto de Albuquerque destaca alguns fatores que podem colaborar com esta Conclusão, ao elaborar um texto sobre como essas terapias funcionam no contexto da alta modernidade:

Terapias holísticas é apenas uma das designações que esse conjunto de procedimentos voltados para a saúde recebe. São, também, alternativas porque oferecem um outro caminho, são doces porque mais atenciosas, são complementares porque auxiliam e estão ao lado, são integrativas porque não fracionam, são holísticas porque capturam o todo. De certo modo, tais adjetivações indicam sempre uma referência à posição ou à diferença em relação à biomedicina, esta pautada pela especialização e crescentemente tecnológica e científica. [...]. Mas existe outro paradoxo: a perspectiva vitalista, holística, que supõe a participação no todo humano, natural e cósmico, e a noção de *self* com suas aplicações, que envolvem uma perspectiva individualista, autônoma e, talvez, independente, são também contraditórias. Mas, se esses aspectos não têm impedido as terapias holísticas de ganharem espaço na sociedade ocidental moderna, talvez a legitimação epistemológica seja insuficiente e fique para depois. Será que o que vale mesmo é a legitimização social, ou seja, a narrativa que confere às experiências de doença, cura e salvação, contaminada pela história, pela religião, pela subjetividade e pelas filosofias? (ALBUQUERQUE, in GUERRIERO; STERN [Org.], 2020, p. 9).

A Constelação Familiar, como explicado neste trabalho, traz em sua filosofia diversos elementos da cultura oriental que dialogam com as terapias holísticas (como elementos das tradições zulu e taoista), com o *ethos* Nova Era (através de suas abordagens terapêuticas e sua crítica, sutil, ao Cristianismo) e, assim como é característica de boa parte das novas espiritualidades, nunca se apresenta como religião. A definição do constelador familiar Décio Fábio de Oliveira Júnior (em um já referido curso *online* de que o autor participou) sintetiza o pensamento de grande parte dos consteladores familiares com quem o autor conviveu e estudou: “A Constelação Familiar inclui todas as religiões, mas não é uma religião, pois não cabe a ela ‘entrar em superstições’. Ela funciona como uma filosofia de vida aplicada com efeitos terapêuticos”.

Para uma pesquisa futura, um aprofundamento acerca dos referenciais religiosos dos consteladores familiares, principalmente daqueles que conviveram

diretamente com Bert Hellinger, pode ser um caminho válido para se buscar responder a outras questões relacionadas aos temas: Constelação Familiar, religião, *ethos* Nova Era e terapias holísticas.

Para finalizar este trabalho, é importante observar que o autor, com raras exceções, buscou manter aderência em relação à Ciência da Religião, uma vez que os principais enfoques pelos quais a obra hellingeriana foi tratada aqui – Cristianismo, cultura/religião zulu, Taoismo, *ethos* Nova Era, suas terapias holísticas e até elementos que surgiram na conclusão, como o Xamanismo e a meditação, através do Cosmic Power® - dialogam diretamente com a Ciência da Religião.

Conclui-se também que manter essa aderência com o programa foi o maior desafio do autor, uma vez que, atualmente, boa parte dos estudos sobre Constelação Familiar tratam de áreas que não a da Ciência da Religião, como a Psicologia, a Pedagogia e o Direito.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, L., Prefácio, in GUERRIERO. S., e STERN F. [Org.], **Terapias Holísticas - Uma análise do sistema médico da Nova Era**. São Paulo, 1ª edição: Educ, 310 p., pp. 5-10.
- APOLLONI, R. Wuji, Tai-Chi e as Dez Mil Coisas: a cosmogonia chinesa nos textos clássicos do Tai-Chi-Chuan. In **Academia.edu**, artigo disponível in <https://bit.ly/3RzLnT4> (c. 15.07.22).
- BERT HELLINGER ÜBER TATA CACHORA (14.01.1914) c. Castaneda's teacher (deutsch + english), vídeo publicado em 29 mar 2013 e disp. in <https://www.youtube.com/watch?v=ADe1pilG2Xc> (c. 20.07.22).
- BRASIL. Portaria nº 702, de 21 de março de 2018. Altera a Portaria de Consolidação nº 2/GM/MS, de 28 de setembro de 2017, incisos I e II do parágrafo único do art. 87 da Constituição Federal, inclui novas práticas na Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares – PNPIC. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Senado Federal, Brasília, DF, 21 de mar. 2018.
- BRASIL. DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Disponível in: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/183026231/dou-secao-1-22-03-2018-pg-74> (Acessado em 30.08.21).
- BUENO, A. **Daoismo e Confucionismo**. São Paulo: Lafonte, 2021.
- COHEN, D. B., Family Constellations: An Innovative Systemic Phenomenological Group Process from Germany – Article in **The Family Journal** – June 2006.
- COHEN, D. B., **Systemic Family Constellations and their use with prisoners serving long-term sentences for murder or rape** - tese (doutorado em Psicologia) apresentada à Universidade de Saybrook. Out. 2008. Disp. In <https://www.proquest.com/openview/347fa8e325888eaa2b13317fda06b909/1?pq-origsite=gscholar&cbl=18750> (c. 20.07.22).
- DOS SANTOS, F. & LIMA, E., Transferência e contratransferência: a evolução do conceito e sua prática na clínica psicanalítica. In **Revista Uninga**, 51(2), fev. 2017. Disponível in <https://revista.uninga.br/uninga/article/view/1347> (c.16.07.22).
- FRANKE-BRYSON, U, **O rio nunca olha para trás**. 1ª edição, São Paulo: Editora Conexão Sistêmica, 2019. .
- GONZÁLES, F., Igor Caruso durante el nazismo, in **Revista de la Universidad de México**, março de 2015, disp. in <https://www.revistadelauniversidad.mx/articles/c0e637c1-b0d9-4ee3-878f-6a2b35fa591a/igor-caruso-durante-el-nazismo> (c. 15.07.22).

GUERRIERO, S.; MENDIA, F.; COSTA, M. O.; BEIN, C.; LEITE, A. L. P. Os componentes constitutivos da Nova Era: a formação de um novo ethos. In **REVER – Revista de Estudos da Religião**, v. 16, n. 2, pp. 10-30, 2016.

GUERRIERO, S., e STERN F. [Org.], **Terapias Holísticas – Uma análise do sistema médico da Nova Era**. São Paulo, 1ª edição: Educ, 2020.

HANEGRAFF, W. J.; **New Age Religion and wester culture: Esotericism in the mirror of secular thought**. State University of New York Press, New York, 1998.

HEELAS, P.; **Spiritualities of Life: New Age romanticism and consumptive capitalism**. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.

HEELAS & WOODHEAD. Religion in Modern Times, Tradução de Ana Luisa P. Leite, Neoxamanismo na América Latina. **Último Andar**, PUC-SP, São Paulo. Religião nos tempos modernos: uma antologia interpretativa.

HELLINGER, B. **A Cura**, Bert Hellinger; tradução de Daniel Mesquita de Campos Rosa, revisão técnica Tsuyuko Jinno-Spelter, Belo Horizonte Atman: 2014.

HELLINGER, B., **A Simetria oculta do amor: porque o amor faz os relacionamentos darem certo**, com Gunthard Weber e Hunter Beaumont; tradução Gilson César Cardoso de Sousa; revisão técnica de Esther Frankel, Milton Corrêa e Mimansa Farny, São Paulo: Cultrix, 2006a.

HELLINGER, B., **As Igrejas e o seu Deus**, tradução de Newton Queiroz, Belo Horizonte, Atman, 2015.

HELLINGER, B., **Conflito e paz: uma resposta**, tradução de Newton A. Queiroz, São Paulo: Cultrix, 2007a.

HELLINGER, B, TEN HÖVEL G., **Constelações Familiares - O Reconhecimento das Ordens do Amor**, tradução de Tsuyuko Jinno-Spelter e Eloisa Giancoli Tironi. São Paulo: Cultrix, 2001.

HELLINGER, B., **Meu trabalho, Minha vida. A autobiografia do criador da Constelação Familiar**, com Hanne-Lore Heilmann; tradução de Karina Jannini – São Paulo: Cultrix, 2020.

HELLINGER, B., **Ordens da Ajuda**, tradução de Tsuyuko Jinno-Spelter, Patos de Minas: Atman, 2005.

HELLINGER, B., **Ordens do Amor: um guia para o trabalho com Constelações Familiares**, tradução Newton de Araujo Queiroz; revisão técnica Heloisa Giancoli Tironi, Tsuyuko Jinno-Spelter, São Paulo, Cultrix, 2007b.

HELLINGER, B., **O Amor do Espírito**, Belo Horizonte, Atman, 2019.

HELLINGER, B., **Pensamentos sobre Deus**, tradução de Tsuyuko Jinno-Spelter e Lorena Richter. Patos de Minas: Atman, 2010.

HELLINGER, B., **Together in The Shadow of God: Thoughts That Succeed**. Hellinger Publications, 2008.

HELLINGER, B., **Um lugar para os excluídos: conversas sobre os caminhos de uma vida**, com Gabrielle Tem Hövel; tradução de Newton A. Queiroz, Patos de Minas: Atman, 2006b.

HELLINGER SCHULE, site da escola oficial do sistema de Constelação Familiar de Bert e Sophie Hellinger, disponível in <https://www.hellinger.com/pt/hellinger-schule/sophie-hellinger/> (c. 20.07.22).

HELLINGER SCIENCIA GMBH & CO. KG. **Bert Hellinger é o fundador da Constelação Familiar (Familienstellen)**. Disponível em: <https://www.hellinger.com/pt/constelacao-familiar>. (c. 25.03.2021).

JAPIASSÚ, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JINNO-SPELTER, T., **O Agradecimento**, vídeo publicado em 31 de jul. de 2020 e disp. in https://www.youtube.com/watch?v=Rhptg0S_IMY (c. 20.07.22).

KOZINER M. **Café Sistêmico - Como ler as obras de Bert Hellinger** [S. L.: s. n.], 2021. Vídeo publicado pelo canal Mario Koziner e disp. in www.youtube.com/watch?v=elCrqliVMik&t=161s (c. 20.03.2022).

LAO-TZU, **TAO TE CHING - O Livro do Caminho e da Virtude**, tradução de Wu Jyn Cherng (Sociedade Taoista do Brasil), disp. em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/le000004.pdf> (c. 16.07.22).

MAYER C., VIVIERS R., **Constellation Work and Zulu Culture: Theoretical Reflections on Therapeutic and Cultural Concepts**, ND.

NEL, M., **The ancestors and Zulu family transitions: a bowen theory and practical theological interpretation**, tese (doutorado em Teologia) apresentada à Universidade da África do Sul, nov. 2007, disp. in <https://core.ac.uk/download/pdf/43165099.pdf> (c. 20.07.22).

OLIVEIRA, I. (2021). Live realizada no instagram @institutoisabelaoliveira ND.

SANTOS, S. M. A. (2017). **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios**. Plural, 24(1), 214-241. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2017.113972>.

SILVA, G. A. **Os caminhos do Taoismo**. São Paulo: Edição do Autor, 2014.

SIMEON, A. **The cult of ancestors in African Traditional Religion**, in *An Encyclopaedia of The Arts*, Vol 10(1): 26-31 (2006).